



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

OTÁVIO FERNANDES DE SOUSA

ANÁLISE DE DISCURSO DO CONTEÚDO DA PÁGINA DE FACEBOOK DO
OCUPE A PONTE

FORTALEZA - CE

2022

OTÁVIO FERNANDES DE SOUSA

ANÁLISE DE DISCURSO DO CONTEÚDO DA PÁGINA DE FACEBOOK DO
OCUPE A PONTE

Monografia apresentada ao Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo. Área de
concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima.

FORTALEZA - CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S697a Sousa, Otávio.
Análise de Discurso da Página de Facebook do Ocupe a Ponte / Otávio Sousa. – 2022.
112 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Nonato Lima.
1. Análise de discurso. 2. Redes sociais. 3. Quixeramobim. 4. Movimento social. I. Título.
CDD 070.4
-

OTÁVIO FERNANDES DE SOUSA

ANÁLISE DE DISCURSO DO CONTEÚDO DA PÁGINA DE FACEBOOK DO
OCUPE A PONTE

Monografia apresentada ao Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Raimundo Nonato Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Kamila Bossato Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UECE)

Para minha família. É tudo por eles e sempre será.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Solange, minha mãe, por todo o apoio, amor, carinho, esforço e revisões bibliográficas. A única bibliotecária de Quixeramobim merece um lugar de destaque neste trabalho, porque no meu coração ela já tem desde quando eu vim para este mundo. Mariano, meu pai, também vem no começo. Ele me ensinou que nunca é tarde demais para tomar a decisão certa e que ao antes de entrar em uma porta sempre é sábio observar o entorno e buscar a possibilidade de saída. Sem a presença e o afeto de ambos minha vida seria extremamente mais difícil. Obrigado.

A todos os meus amigos e amigas, de Fortaleza e de Quixeramobim que compartilharam comigo momentos e memórias. Alguns seguem ao meu lado, outros já nem tanto, mas a vida é assim, em muitos casos o que ficam são apenas lembranças e, nas horas mais difíceis, eu aprendi a agradecer por ter tantas pessoas boas em minha vida.

À Universidade Federal do Ceará e ao ensino público de qualidade que merece respeito e incentivo. Sem ele, talvez eu não teria conseguido finalizar uma graduação.

Deixo, por fim, minha gratidão ao meu preciso e enfático orientador, Nonato, e à minha banca, composta pelas talentosas Kamila e Cida.

“Não é quem eu sou por dentro e sim, o que eu
faço que me define.” (CHRISTOPHER
NOLAN, 2005).

RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir sobre os processos de produção dos sentidos e das práticas discursivas da página de *Facebook* do Ocupe a Ponte, que foi um movimento social composto por jovens de Quixeramobim, interior do Ceará, que ocuparam dois espaços públicos do município: a Ponte Metálica e o Memorial Antônio Conselheiro. Para realizar esta pesquisa tomei como base os conceitos teóricos de análise do discurso desenvolvidos pela brasileira Eni P. Orlandi e debati conceitos relacionados ao ciberativismo, às novas tecnologias de informação e comunicação e as novas tendências de movimentos sociais (Novos Movimentos Sociais e Novíssimos Movimentos Sociais) que surgiram nos séculos XX e XXI. Além disso, realizei entrevistas em profundidade com três integrantes do Ocupe a Ponte a fim de narrar a história do coletivo.

Palavras-chave: Análise de discurso; Redes sociais; Quixeramobim; Movimento social

ABSTRACT

This course completion paper proposes to reflect on the processes of production of meanings and discursive practices of the *Facebook* page of the Occupy the Bridge, which was a social movement composed of young people from Quixeramobim, interior of Ceará, who occupied two public spaces in the city: the Metallic Bridge and the Memorial Antônio Conselheiro. To carry out this work I took as a basis the theoretical concepts of Discourse Analysis developed by the Brazilian Eni P. Orlandi and discussed concepts related to cyberactivism, new information and communication technologies and new trends of social movements (New Social Movements and Newest Social Movements) that have emerged in the 20th and 21st centuries. In addition, I conducted in-depth interviews with three members of the Occupy the Bridge in order to narrate the history of the collective.

Keywords: Discourse Analysis; Meaning; Quixeramobim; Social Movement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com localização das quatro pontes e passagem molhada	21
Figura 2 – Ponte Metálica de Quixeramobim	21
Figura 3 – Mapa com localização do Memorial Antônio Conselheiro e Ponte Metálica...	24
Figura 4 – Memorial Antônio Conselheiro	25
Figura 5 – Publicação da Página Polícia Militar de Quixeramobim que foi compartilhada por Endireita Quixeramobim	37
Figura 6 – Página inicial do Ocupe a Ponte	41
Figura 7 – Primeira publicação da página do Ocupe a Ponte	42
Figura 8 – A ponte é um lugar de socialização	43
Figura 9 – Cuidar do patrimônio é ato político	43
Figura 10 – Vai ter ocupação na ponte sim!	44
Figura 11 – A ponte é um bem comum	44
Figura 12 – Publicação sobre arrecadação de livros	48
Figura 13 – Primeira imagem da página “Ocupe a Ponte”.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
AC	Movimento Antônio Conselheiro
MS	Movimentos Sociais
NMS	Novos Movimentos Sociais
NTICs	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
OMC	Organização Mundial do Comércio
PNBL	Plano Nacional de Banda Larga
UAB	Universidade Aberta do Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	HISTÓRIA DO OCUPA A PONTE	20
3	REDES SOCIAIS E ANÁLISE DO DISCURSO	42
3.1	Redes sociais	42
3.2	Análise do discurso	55
4	PROCESSO DE ANÁLISE	63
4.1	Discurso autoritário, polêmico e lúdico	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	74
	APÊNDICE A – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO UM)	77
	APÊNDICE B – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO DOIS)	89
	APÊNDICE C – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO TRÊS)	101
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	109

1 INTRODUÇÃO

É notório que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), nas últimas décadas, ganharam um importante papel na nossa sociedade e, por isso, influenciaram na execução e na rotina dos movimentos sociais. Assim sendo, coletivos Brasil afora passaram a produzir conteúdo digital a fim de alimentar as redes sociais para mostrar ao público a atuação, as ações e as táticas das organizações.

Desta maneira, meu propósito com este projeto é documentar, registrar e investigar a história do Ocupe a Ponte, um movimento social de 2016 composto por jovens e adolescentes de Quixeramobim - CE, que incorporou as NTICs (especificamente o *Facebook*) em seu repertório de ações com o objetivo de propagandear as atividades do coletivo. O movimento foi um marco para a história desses jovens que se reuniram como forma de imposição contra as problemáticas da cidade, que envolviam violência policial, injúria, homofobia, racismo, tentativa de higienização, etc.

É importante salientar que no decorrer do processo, os ocupantes da Ponte sofreram ataques físicos e verbais. Exposição de imagem, agressão física, ameaças de morte e agressão verbal fizeram parte da rotina do coletivo. Assim sendo, o Ocupe a Ponte foi uma espécie de autoafirmação da ocupação dos locais públicos da cidade. Essa juventude era, de muitas formas, desestimulada a frequentar os espaços de Quixeramobim. O processo de politização e ação do coletivo foi uma forma de alívio dessa situação. O Ocupe a Ponte fez com que esses jovens se incentivassem em grupo para defender e propagar suas ideias, ideias essas que reverberaram pela sociedade através de atividades *off-line* e *on-line*, causando comoção, tanto de maneira positiva quanto negativa.

Mas antes de iniciar a história sobre o que foi o Ocupe a Ponte, é fundamental contextualizar o leitor sobre minha vida. Apesar de ter nascido em Fortaleza, fui criado e crescido em Quixeramobim. Meu pai e minha mãe se esforçaram, desde muito cedo, para garantir a melhor educação possível para mim. Estudei em uma das poucas escolas particulares do município e, dessa forma, sempre convivi com jovens que tinham melhores condições financeiras que a minha. Por isso, estive, desde criança, acostumado a não ter as mesmas regalias e privilégios que meus colegas. Assim sendo, cresci com um sentimento de impotência que, futuramente, contribuiu para a minha participação no movimento Ocupe a Ponte.

Também é necessário salientar o valor afetivo que eu, como pessoa e pesquisador, tenho em relação aos participantes do movimento e que ao falar do Ocupe a Ponte

obrigatoriamente falo do meu círculo de conhecidos, amigos e amigas de minha cidade, Quixeramobim. Posto isso, ao escrever este trabalho falo sobre minha própria vida e história, já que participei de partes do processo de constituição e execução do movimento social estudado. Escolhi este tema porque acredito que a melhor história que eu poderia contar é a minha própria.

Porém, apesar de ter participado do coletivo, não o fiz como pesquisador, mas como integrante do grupo, ou seja, não tinha intenção de analisar cientificamente a situação. Então, ao me deparar com o desafio de desenvolver uma monografia logo pensei que a melhor história que eu poderia contar é a de um movimento social que eu vi surgir e acabar.

Posto isso, tendo em vista as informações sobre a página de *Facebook* do grupo e, devido à minha formação como comunicador, o foco inicial deste projeto será discutir e analisar o material autoral publicado no *Facebook* do Ocupe a Ponte para entender como ocorreu a construção do movimento e quais seus objetivos. Porém, este é apenas o ponto de partida, pois o principal objetivo é entender quais as práticas discursivas produzidas pelo conteúdo analisado.

Para realizar tal feito tomei como base a metodologia científica e os conceitos teóricos da Análise do Discurso desenvolvidos por Orlandi (2005) a fim de compreender quais as práticas discursivas produzidas pelo movimento Ocupe a Ponte a partir da página de *Facebook* do coletivo, uma vez que a Análise do Discurso prega que a língua não é transparente, que os sentidos da linguagem não devem ser vistos a partir de sua inscrição, mas a partir de uma visão que considera os efeitos de sentido constituídos numa conjuntura social a partir de um lugar histórico e ideologicamente marcado.

Em relação à geração de dados e métodos de análise, esta pesquisa será qualitativa, isto é, uma pesquisa não numérica. Bauer, Gaskell e Allum (2002) compreendem a pesquisa qualitativa como um caminho de investigação que, de maneira geral, foge dos números e analisa interpretações das realidades sociais dos indivíduos, um processo que pode ajudar a analisar o Ocupe a Ponte.

Como afirmou Demo (2000, p. 10) a geração de dados na pesquisa qualitativa não é apenas uma forma de colher informações, mas sim um processo de diálogo crítico e inteligente com a realidade, por meio de interpretações e reconstruções desta pelo pesquisador ou pesquisadora.

Além disso, a pesquisa fez uso do estudo de caso como princípio estratégico para analisar o movimento. Duarte (2005) exalta o estudo de caso como uma maneira eficiente

para que novos pesquisadores iniciem suas carreiras ao integrar uma série de táticas para levantar e analisar as informações. De acordo com Duarte, M. (2005, p. 215):

O estudo de caso é utilizado extensivamente em pesquisa nas Ciências Sociais, em disciplinas como Antropologia, Ciência Política, Sociologia, Administração Pública e Educação. É, também, adotado, com frequência, em teses e dissertações, talvez porque seja uma boa maneira de introduzir o pesquisador iniciante nas técnicas de pesquisa ao integrar o uso de um conjunto de ferramentas para levantamento e análise de informações.

Uma das principais definições para o estudo de caso é de Yin (2001, p. 32) ao afirmar que “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.” Duarte (2005) destaca que este princípio estratégico é preferível para responder perguntas do tipo “como” e “por que” e também para entender fenômenos contemporâneos postos em contextos da vida real. A escolha do estudo de caso para compreender o movimento Ocupe a Ponte atende, assim, ao propósito de se estudar com profundidade a experiência específica desses jovens.

Entretanto haverá a necessidade de coletar dados do *Facebook* do Ocupe a Ponte para registrar e analisar os textos e conteúdo das publicações. Para isto, o acesso à rede social será realizado através do meu perfil pessoal no *Facebook* e irei tirar *prints* da página oficial do Ocupe a Ponte, visto que todo este material está aberto ao público e pode ser verificado pelo leitor. Além disso, em sintonia com a escolha metodológica pelo estudo qualitativo e o estudo de caso, utilizei entrevistas individuais em profundidade como método de coleta de dados, visto que, ao meu ver, este é um método que pode me ajudar a escrever a história do movimento. Duarte, J. (2005, p. 62) afirma que, entre as principais qualidades dessa técnica:

Está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente a pergunta. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística.

A partir da década de 1930, a entrevista surge para a ciência como tema metodológico e, com o passar do tempo, ela converteu-se como técnica clássica de coleta de informações e registros de áreas como sociologia, antropologia, administração, educação, psicologia e, como é o caso desta pesquisa, comunicação (LEMOS, [200-?]). Por conseguinte, identifiquei a entrevista como uma técnica metodológica adequada para auxiliar na compreensão do problema relacionado ao Ocupe a Ponte. Severino (2013) afirma que a entrevista:

É uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p. 124).

Segundo Miguel (2010), a entrevista, independente de como é aplicada, é uma técnica metodológica de interação social apropriada para pluralizar vozes e distribuir, de forma democrática, a informação trabalhada. Nas suas mais diversas aplicações nas Ciências Sociais, a entrevista é sempre uma forma de relacionar-se com o outro. “Entrevistar, portanto, é uma modalidade básica de investigação. Descrever as narrativas sobre as nossas experiências tem sido a principal maneira de recordar a história que fazemos delas.” (MIGUEL, 2010, p. 5).

Dito isso, pelas vantagens de interatividade, dinamicidade e pluralidade optei pela entrevista em profundidade como instrumento metodológico. Este tipo de entrevista é debatido por Duarte (2005), que aprofunda o conceito.

Duarte, J. (2005, p. 12) afirma que a entrevista em profundidade possibilita "identificar problemas, micro intenções, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada".

Dessa forma, entrevistar aqueles que estavam envolvidos com o Ocupe a Ponte é uma tentativa de assistir e contribuir com a investigação da pesquisa. As características da entrevista em profundidade também podem ser úteis no desafio de recortar o corpus do objeto, processo fundamental e basilar para os estudos de Análise do Discurso (ORLANDI, 2005). Porém, é interessante ressaltar que o uso da entrevista em profundidade como metodologia não objetiva e nem possibilita o teste das hipóteses que guiam a pesquisa. O que fiz foi aplicar as transcrições das conversas às questões linguísticas trabalhadas durante o trabalho.

Em outras palavras, o objetivo dessas entrevistas será buscar elementos e coletar dados para compreender como um grupo de indivíduos selecionados enxergam o fenômeno-problema e, conseqüentemente, gerar uma aprendizagem para identificar a riqueza e a diversidade do tema a partir de uma integração e síntese das informações descobertas (DUARTE, 2005).

A escolha pelo método da entrevista em profundidade também está em consonância ao fato de que optei pela pesquisa qualitativa. A relação entre os dois conceitos fica exposta quando Duarte (2005) mostra que o objetivo da entrevista não é estabelecer conclusões precisas e definitivas, mas utilizar a riqueza e diversidade das informações

angariadas para integrar conteúdos e relatos que possam orientar o trabalho. Assim sendo, esse modelo permite a construção de “uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes.” (DUARTE, 2005, p. 3).

Miguel (2010) também ressalta as distinções entre as perspectivas qualitativas e quantitativas em relação ao uso da entrevista em profundidade como método. Para a autora, a principal diferença entre as duas perspectivas se dá no fato de que os estudos qualitativos reconhecem, afirmam e situam o pesquisador como parte humana do trabalho. Neste momento, Miguel (2010) demonstra preocupação quanto à eficácia do uso da entrevista, uma vez que é responsabilidade do pesquisador selecionar, interpretar, descrever, analisar e, adiciono eu, aplicar as transcrições das entrevistas no texto do trabalho. “[...] o pesquisador deve reconhecer que o significado elaborado a partir do material coletado na entrevista é uma função da interação entre participante e entrevistador. Tal consciência talvez minimize a distorção que pode ocorrer, eventualmente, devido ao papel desempenhado por ele na entrevista.” (MIGUEL, 2010, p. 5).

Duarte (2005) ressalta que existem dois tipos de entrevistas em profundidade: as abertas e semiabertas. “A diferença entre *abertas* e *semi-abertas* é que as primeiras são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semi-abertas partem de um roteiro-base.” (DUARTE, 2005, p. 2). Por afinidade metodológica, escolhi utilizar o tipo semiaberto e conseqüentemente, o roteiro-base.

O roteiro-base é um instrumento, dentro da entrevista em profundidade semiaberta que dá suporte aos objetivos da pesquisa. É um mecanismo que organiza as perguntas e temáticas que nortearão a conversa. O roteiro-base “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.” (TRIVINÕS, 1990, p. 146).

Aplicada à pesquisa em comunicação, o roteiro-base deve ter, como ponto de partida, o problema do trabalho e as perguntas devem ser realizadas, inicialmente, de modo amplo para que, com o passar do tempo de conversa com o entrevistado, elas se afinem em um diálogo mais aprofundado entre entrevistado e entrevistador.

Dessa forma, o pesquisador constrói o roteiro-base, maneja as questões, a profundidade e a forma de apresentação. Mas a entrevista em si é conduzida, em grande parte pelo entrevistado, seu conhecimento, sua disposição e a qualidade de suas respostas (DUARTE, 2005).

Já sobre a quantidade de entrevistados, o autor fala o seguinte: "as entrevistas em profundidade são geralmente individuais, embora seja possível, por exemplo, entrevistar duas fontes em conjunto." (DUARTE J., 2005, p. 2). Não fujo à regra; realizei conversas individuais. Já em relação à nomeação dos convidados, para manter a integridade física e moral dos envolvidos, utilizei nomes fictícios durante a escrita do trabalho. Além disso, cada entrevistado assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE D).

Duarte (2005) baseia-se em dois conceitos que buscam fortalecer a eficácia da entrevista como instrumento metodológico: as condições de validade e as condições de confiabilidade. Ambos foram formulados para dar confiança nos resultados das entrevistas em profundidade com os entrevistados: "seu caráter subjetivo exige adequada formulação dos procedimentos metodológicos e confiança nos resultados obtidos. A questão é relevante, pois não basta ouvir fontes e fazer um relato para considerar realizada uma pesquisa válida e confiável." (DUARTE, 2005, p. 4).

Antes de adentrar-me no assunto, ressalto que meu cuidado com o uso da entrevista em profundidade como ferramenta metodológica é especial porque, na medida em que participei do movimento, fica clara a minha relação de proximidade com os integrantes e as integrantes do Ocupe a Ponte. Sendo assim, a rigorosidade metodológica necessita estar presente para sustentar e validar os resultados das entrevistas, visto que este método, como lembra Kandel (1981, p. 178), "não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as informações dadas pelo sujeito (o material que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador."

Conforme Duarte (2005) as condições de validade então relacionadas à competência com que se usa a entrevista em profundidade para conseguir resultados em pesquisas de comunicação. Ou seja, é uma forma de validar esta técnica linguística como artifício metodológico de qualidade. O autor explica que o julgamento da validade da pesquisa pode ocorrer por meio da construção da metodologia do trabalho: formulação teórica, pesquisa, critérios de seleção dos entrevistados e de inserção das transcrições na descrição.

Além dos cuidados metodológicos tidos com a entrevista em profundidade, o próprio método da Análise do Discurso e os conteúdos da página do Ocupe a Ponte no *Facebook* são outros acréscimos que agregam as condições de validade, pois, como diz Duarte (2005, p. 4): "a triangulação de dados com o acréscimo de fontes diversificadas de evidências, como documentos, observação e literatura e seu encadeamento consistente na

etapa de análise, ajuda a garantir a validade dos resultados suportados por entrevistas em profundidade."

Já as condições de confiabilidade, de acordo com Duarte (2005), estão relacionadas ao rigor metodológico com que o roteiro-base é aplicado. O autor explica que, para cumprir essas condições, é necessário confirmar as informações obtidas na pesquisa, a inserção correta das falas dos entrevistados na escrita do trabalho, a coerência analítica a partir das provocações propostas pelo trabalho e conclusões pertinentes. "A obtenção de confiabilidade é baseada na descrição pormenorizada dos procedimentos de operacionalização das entrevistas e uso fundamentado e consistente das respostas obtidas." (DUARTE, 2005, p. 4).

Após apresentar os dois conceitos, Duarte (2005) explica que tanto as condições de validade quanto as de confiabilidade dependem, majoritariamente, de três questões: seleção de informantes capazes de responder à questão da pesquisa, uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis e descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível.

Duarte (2005) discorre principalmente sobre a seleção de informantes. Segundo o autor, "uma boa pesquisa exige fontes que sejam capazes de ajudar a responder sobre o problema proposto. Elas deverão ter envolvimento com o assunto, disponibilidade e disposição em falar."

Boa parte da validade da pesquisa está associada à seleção. É possível, entrevistando pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido. Relevante, neste caso, é que as fontes sejam consideradas não apenas válidas, mas também suficientes para responder à questão de pesquisa, o que torna normais, durante a pesquisa de campo, novas indicações de pessoas que possam contribuir com o trabalho e, portanto, ser acrescentadas à lista de entrevistados (DUARTE, 2005, p. 5).

Dito isso, e com base na metodologia aqui debatida, a escolha dos entrevistados foi feita intencionalmente por mim ou, como diz Duarte (2005), foi uma seleção intencional (quando o pesquisador seleciona os entrevistados a partir do próprio conhecimento do tema e da representatividade subjetiva de cada entrevistado).

Os entrevistados foram Carla Gomes, Douglas Ferreira e Vinícius Souza, três participantes do Ocupe a Ponte que estiveram presentes durante a criação e a execução do movimento. As entrevistas (APÊNDICES A, B e C) tiveram duração média de uma hora e meia e foram realizadas em Quixeramobim. As conversas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

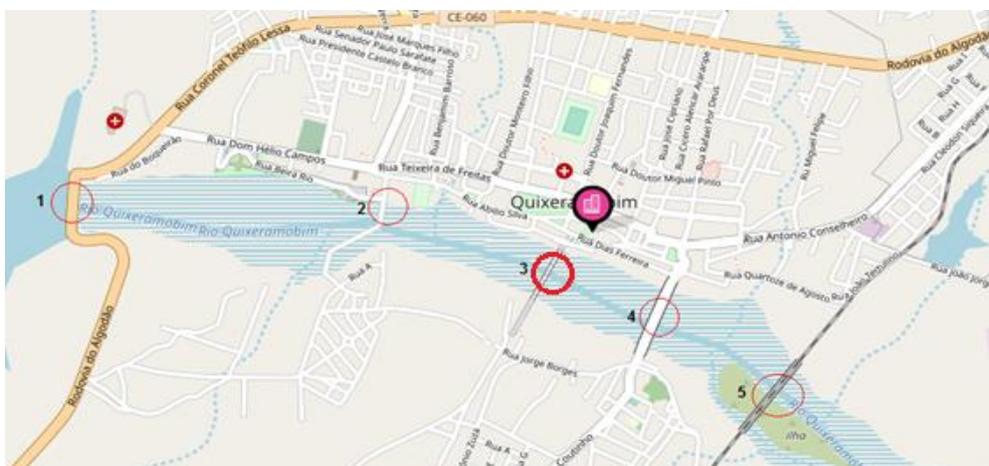
Com as transcrições em mãos, organizei as falas dos entrevistados de modo a compará-las e, a partir daí, com as informações sistematizadas, articulei o desenvolvimento do trabalho. Porém, realizei esses processos, como lembra Miguel (2010, p. 10), de forma criteriosa e ajuizada ressalta que “o pesquisador deve ser capaz de se situar dentro do contexto estudado, não recortar a fala dos entrevistados por critérios arbitrários e exteriores e, sobretudo, não corrigir os depoimentos coletados.” A ideia aqui foi priorizar as subjetividades e idiosincrasias de cada informante.

O trabalho é dividido em três partes. Na primeira conto a história do Ocupe a Ponte a partir das entrevistas realizadas. A segunda debate sobre as influências das novas tecnologias de informação e comunicação nos movimentos sociais do século XX e XXI, bem como apresento os conceitos teóricos relacionados à teoria da análise do discurso de linha francesa por meio de uma leitura do trabalho de Eni Orlandi. Na terceira, a partir dos dispositivos criados e conceitos debatidos nas partes anteriores, analiso o processo de criação das práticas discursivas do Ocupe a Ponte no *Facebook* e, conseqüentemente, na cidade.

2 HISTÓRIA DO OCUPA A PONTE

Para começar a entender o que foi o movimento “Ocupe a Ponte”, é preciso primeiro situar a cidade de Quixeramobim e o que é essa “Ponte”. O município tem 165 anos e está localizado na mesorregião do Sertão Central do Ceará, possui uma área de 3.324,987 km² com população estimada em 82.455 habitantes de acordo com o IBGE (2021). A “Ponte”, se refere à Ponte Metálica de Quixeramobim, um marco histórico e turístico do Centro da cidade, que, junto de mais outras três pontes e uma passagem molhada, liga os dois blocos de terra do município que são divididos pelo Rio Quixeramobim (FIGURA 1). As quatro pontes são conhecidas popularmente como: Ponte da Barragem, Ponte da Maravilha, Ponte Metálica e Ponte do Trem. A Ponte Metálica, que faz parte do objeto de estudo deste trabalho, liga especificamente o bairro Centro e o bairro Depósito, além dos bairros Maravilha e Jaime Lopes, que são regiões periféricas de Quixeramobim e abrigam grande parte da população pobre da cidade.

Figura 1 – Mapa com localização das quatro pontes e passagem molhada

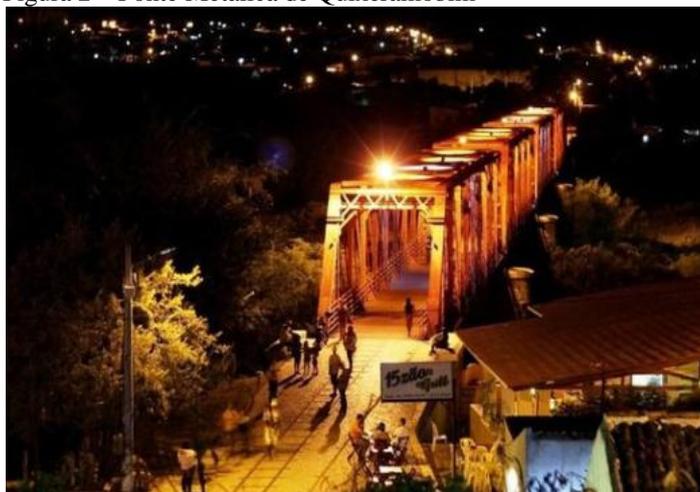


Fonte: Adaptado do Mapa Cultural do Ceará (2021).

Legenda: 1 = Ponte sobre o Rio Quixeramobim; 2 = Passagem molhada; 3 = Ponte Metálica; 4 = Ponte da Maravilha; 5 = Ponte do Trem.

Recompondo a história, a Ponte Metálica (FIGURA 2) foi construída em 1899 como desdobramento do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité, estrada essa que servia como meio de locomoção de pessoas e transporte de cargas entre o trajeto de Quixeramobim a Fortaleza e a Crato. À época, a Ponte Metálica era a terceira maior ponte, em comprimento, do Brasil e suas estruturas de metal foram fundidas na Bélgica (SIMÃO, 1996).

Figura 2 – Ponte Metálica de Quixeramobim



Fonte: Gabriela (2019).

A passagem da estrada de ferro por Quixeramobim ensejou a construção da ponte metálica, que constitui um atraente ponto turístico, sobretudo nos períodos de cheias do rio. A majestosa “ponte da estrada de ferro”, como é conhecida, foi testada e

posta a serviço do tráfego de trens, cinco anos após a inauguração da estação, isto é, em 1899 (SIMÃO, 1996, p. 356).

Entretanto, a Ponte Metálica foi, em 1990, desativada para fins de transportes ferroviários. Simão (1996, p. 358) resgata a justificativa para o desativamento: “o tempo, implacável, trouxe o desgaste à formosura arquitetônica. O avanço tecnológico forçou a necessidade de estruturas compatíveis e mais adequadas aos grandes volumes de transportes, cada vez mais pesados.” A partir de então, a função de dar passagens aos trens que atravessam Quixeramobim ficou sob o encargo de uma nova ponte ferroviária, mais moderna e robusta, que acabara de ser construída e que está localizada a leste da Ponte Metálica e que, atualmente, ainda serve para fins ferroviários (Ponte do Trem). Esta, à época, se encontrava fora do perímetro urbano, ou seja, mais afastada do tráfego de veículos e pedestres das áreas centrais da cidade.

Autores como Marum Simão, Andrade Furtado e Ismael Pordeus são pesquisadores e filhos de Quixeramobim que dedicaram parte de suas vidas ao estudo da cidade onde nasceram. As contribuições destes autores são fundamentais para compreender a história do município. Porém, não é possível realizar uma pesquisa sem críticas e ignorar as problemáticas “construções simbólicas” destes textos, principalmente, os de Marum Simão, que é o mais atual entre os autores citados (BARBOSA, 2016).

Na análise de Barbosa (2016) Marum Simão e seus antecedentes reproduzem, como algo natural, identitário e imutável, estereótipos conservadores relacionados ao catolicismo, à colonização e à dominação dos povos indígenas cearenses por parte dos povos europeus colonizadores. Tais características reivindicam, de forma problemática, uma identidade europeia para Quixeramobim que, à época, já era povoada por povos indígenas há milênios. Em seus escritos é construída a imagem do português Antônio Dias Ferreira como o pioneiro herói cristão responsável pela fundação de Quixeramobim.

O enquadramento de uma memória e identidade europeia sobre a cidade como algo imutável e natural (principalmente a partir da figura de Antônio Dias Ferreira) é algo comum e recorrente nas obras dos autores citados nos parágrafos anteriores. “Prevaleceu a visão tradicional de colonização e dominação dos povos indígenas cearenses como sendo parte de um processo necessário para formação da ‘civilização’ e ingresso do Ceará na era do ‘progresso’.” (BARBOSA, 2016, p. 6).

Recorrentemente Marum Simão afirma (e conseqüentemente naturaliza) os colonizadores europeus no Ceará como “pioneiros”, “fundadores” e “heróis” da cidade, desconsiderando a presença e influência indígena e negra na construção da identidade e

memória de Quixeramobim, além de desconsiderar outras formas de religiosidade no município (BARBOSA, 2016).

Obviamente, essa visão tradicionalista e heroica precisa ser desnaturalizada, questionada e desconstruída. Essa é nossa função enquanto historiadores. Portanto, a instituição de Antônio Dias Ferreira como herói “pioneiro” e cristão fundador da cidade, foi uma construção. Uma tentativa de europeização das origens históricas locais ao mesmo tempo que desconsidera a presença e o protagonismo de povos indígenas anteriores ao portugueses. O que se vê ali pode ser classificado como um clássico exemplo de mito fundador (BARBOSA, 2016, p. 8).

Ressaltadas essas críticas e contextualizada a cidade de Quixeramobim, é chegada a hora de adentrar à história do Ocupe a Ponte. Para realizar tal feito, utilizarei como referências as entrevistas (APÊNDICES A, B e C) que realizei com três participantes ativos do Ocupe a Ponte: Carla Gomes, Vinícius Souza e Douglas Ferreira. Cada uma destas pessoas teve papel fundamental para a execução do movimento e, conseqüentemente, também contribuíram para o desenvolvimento do trabalho em questão.

Para iniciar a história do Ocupe a Ponte é necessário destacar que em Quixeramobim existe uma carência de opções públicas e/ou gratuitas de lazer que, quando existem, são limitadas e pulverizadas. Na cidade o entretenimento noturno que impera está ligado, principalmente, a bares e restaurantes. Ou seja, ter momentos de lazer em Quixeramobim sem ter dinheiro é um desafio. Por isso, certa parte da população jovem (a mesma que, futuramente iria criar o Ocupe a Ponte) buscou nos espaços públicos uma válvula de escape. Nesse sentido, Souza (2021) diz que:

A galera precisava muito de um espaço de lazer, onde eles pudessem se reunir e, além de se divertir, trocar experiências e tal, como toda juventude. Só que aqui no Quixeramobim infelizmente os únicos espaços que tinha para fazer esse tipo de coisa são espaços privados, né? Um bar, um restaurante que você só poderia ir se você tivesse grana. Então a questão primordial foi essa. Era ocupar os espaços públicos que eram os únicos espaços que você poderia se divertir e se reunir sem pagar. Então acho que a primeira questão foi essa, que fez a gente ocupar os espaços públicos da cidade foi essa questão.

Anos antes da criação do movimento este grupo, em sua maioria jovens e adolescentes, já utilizava espaços públicos para conversar, escutar músicas e realizar pequenas festas improvisadas que estavam ligadas ao consumo de drogas lícitas e ilícitas¹. A partir da minha recordação, o primeiro local público utilizado para tal fim foi a quadra poliesportiva da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que está localizada no bairro Centro.

¹ A intenção deste trabalho não é, em nenhum momento, incentivar o uso de drogas, lícitas ou ilícitas, por parte de adolescentes, jovens ou adultos. O objetivo é relatar de forma detalhada os fatos que culminaram na criação do movimento Ocupe a Ponte. O uso de drogas por parte de adolescentes foi uma realidade durante todo esse processo e será tratada de forma mais específica e, penso eu, responsável ainda neste capítulo.

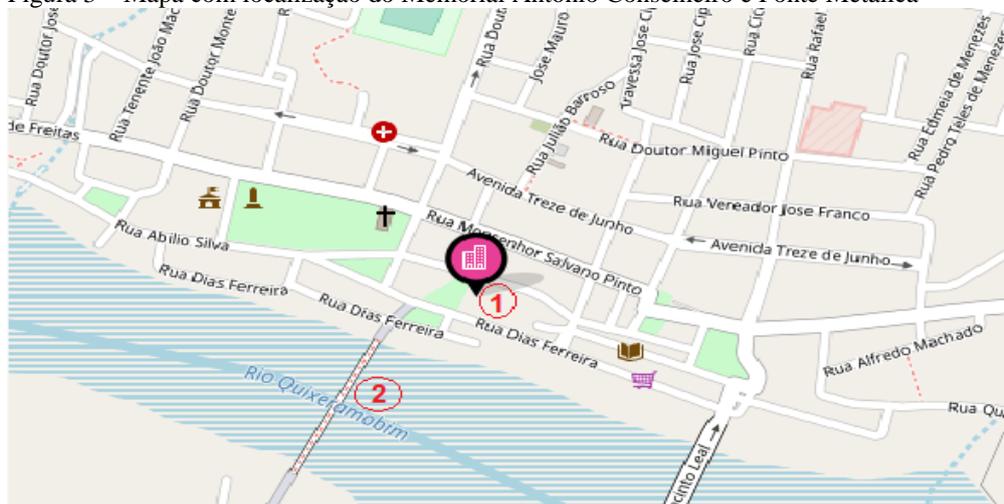
Na época, a iluminação do local estava comprometida e, dessa forma, durante a noite a quadra era tomada pela escuridão, um ambiente perfeito para adolescentes e jovens que queriam realizar festas de forma sigilosa e gratuita.

Após alguns meses de ocupação do espaço, a coordenação da unidade de educação reformou a iluminação da quadra e o local, que passou a ser iluminado durante as noites, foi prontamente deixado de lado pelos jovens, talvez por medo do fim do anonimato.

Porém, a ânsia dessas pessoas em encontrar um local de lazer não cessou. A partir daí eles passaram a ocupar dois espaços que são fundamentais para o desenrolar desta história: a Ponte Metálica e o Memorial Antônio Conselheiro, ambos localizados no centro da cidade (FIGURA 3) e com uma distância de 500 metros entre si. Este processo de ocupação dos dois equipamentos públicos foi duradouro e teve um significado diferente para os jovens, como relata Souza (2021):

Fomos para a quadra que era um lugar do lado de um restaurante. As pessoas já não queriam a gente ali. Mas quando a gente chega à Ponte e ao Memorial, são cantos que são históricos, são cantos que são simbólicos e, por isso, eu acho que foi muito forte a gente ter se estabelecido, a gente ter parado aquele nosso nomadismo de ir atrás de algum canto público para se reunir e depois ser expulso.

Figura 3 – Mapa com localização do Memorial Antônio Conselheiro e Ponte Metálica



Fonte: Adaptado do Mapa Cultural do Ceará (2021).

Legenda: 1 = Memorial Antônio Conselheiro; 2 = Ponte Metálica.

Sobre a Ponte Metálica já falamos no começo do capítulo, agora precisamos apresentar o Memorial Antônio Conselheiro a fim de contextualizar para o leitor esse espaço que também foi ocupado pelos jovens.

No entanto, em busca de referências sobre o equipamento público, percebi que existem poucos documentos disponíveis na internet sobre o espaço. Assim sendo, busquei o auxílio do escritor e filho de Quixeramobim Bruno Paulino, que gentilmente cedeu uma cópia da monografia do historiador Reginaldo Ferreira da Silva, um importante e único trabalho sobre a história do Memorial Antônio Conselheiro.

Sem mais delongas, o Memorial Antônio Conselheiro (FIGURA 4) é um equipamento público de Quixeramobim, construído em 1997 e inaugurado em 22 de setembro do mesmo ano, em homenagem ao centenário da Guerra de Canudos, uma série de batalhas travadas entre os seguidores de Antônio Conselheiro e o Exército Brasileiro. O equipamento abriga a Biblioteca Pública Municipal Ismael Pordeus, quadra esportiva e auditório/teatro (SILVA, 2016).

Figura 4 – Memorial Antônio Conselheiro



Fonte: Diário do Nordeste (2011).

Apesar da simbologia do equipamento, Quixeramobim não faz jus ao espaço e sua importância como ambiente cultural e de entretenimento. O Memorial Antônio Conselheiro sofre com o abandono e a falta de monitoramento, o que o torna, no fim das contas, algo muito semelhante a um “elefante branco”. O espaço é marcado pela falta de iluminação, irregularidades nos contratos de construção do local, degradação das obras de artes espalhadas pelo espaço, ação de vândalos, descontinuidade de projetos que antigamente eram executados

no equipamento, falsas promessas políticas de restauração e construção indevida de pontos comerciais no estacionamento e no entorno do Memorial (SILVA, 2016). Sobre este último ponto, Silva (2016, p. 40) explica que “a falta de uma maior vizinhança (residentes) aliada ao aumento de pontos comerciais, que fecham suas portas no final do dia, deixam o lugar completamente abandonado, promovendo a morte do Memorial, como espaço de cultura e lazer.”

É consenso na cidade e entre os envolvidos na construção e gestão do Memorial Antônio Conselheiro que o espaço é uma obra inacabada (ou pelo menos que a obra não terminou como o projetado) e que sua construção foi envolta de erros e falhas. Em menos de um ano o equipamento foi projetado, construído e entregue (SILVA, 2016).

O mais intrigante é o descaso com as estruturas físicas e com os equipamentos pertencentes ao prédio. Os seis quadros expostos nas paredes brancas do monumento, que contam a trajetória de Antônio Conselheiro encontram-se corroídos pela ação do sol e das chuvas. O que deveria ser uma quadra de esportes, não se sabe no que se transformou. O estacionamento que deveria ser para os visitantes, pela manhã serve as barracas dos feirantes e a tarde aos clientes de uma agência bancária, que fica de frente para o Memorial (SILVA, 2016, p. 44).

Durante as entrevistas questioneei aos três participantes sobre as questões de preservação do Memorial Antônio Conselheiro e também da Ponte Metálica. Souza (2021) ressalta que “o Memorial e a Ponte nunca foram usados como realmente pontos turísticos ou centros culturais valorizados”. Gomes (2021) denota a falta de compromisso governamental ao longo dos anos ao relatar que “a preservação da Ponte pecou em todas as gestões e continua pecando. É como é hoje, de lá para cá não tem diferença, é o mesmo tablado, a galera faz uma reforma há uns dois anos e passou tinta por cima da tinta, nem lixaram. O tablado continua solto, a pintura está péssima”. Ferreira (2021) é categórico ao afirmar que “a preservação antes não acontecia, hoje também não acontece.”

Após as considerações sobre a situação do Memorial Antônio Conselheiro, podemos voltar à história do Ocupe a Ponte. Como foi dito, depois da quadra esportiva da UAB, a Ponte e o Memorial foram os locais escolhidos para os encontros noturnos desse grupo de jovens. Contudo, durante este processo espontâneo de ocupação houve um fato que chama atenção e teve influência direta na criação do movimento: gradualmente os encontros e as noites foram ficando mais lotadas. A cada semana mais e mais jovens e adolescentes se reuniam naqueles pontos em busca de diversão gratuita.

Também é curioso ressaltar a diversidade de perfis de pessoas que frequentavam os dois espaços. Souza (2021) tenta esclarecer o porquê desse crescimento:

A Ponte é um lugar que une a cidade tanto geograficamente quanto simbolicamente, ela [...] une as duas partes da cidade. Era ali onde a gente tinha, digamos, o intercâmbio entre as duas partes da cidade, de um lado e do outro das pontes. Eu acho que foi o que oportunizou um movimento muito heterogêneo, tinha pessoas de todo tipo lá. Tanto as pessoas da periferia, pessoas pobres, quanto pessoas do centro, pessoas que são privilegiadas e estavam ali também”.

Questionado sobre essa heterogeneidade, Souza (2021) explica que “no interior as coisas são muito mais... As coisas se misturam mais facilmente. Tudo é muito pequeno. Então suas bolhas estão mais em contato, eu acho.”

O número de jovens e adolescentes frequentando a Ponte Metálica e o Memorial Antônio Conselheiro cresceu de forma espontânea. Em certas noites era possível identificar mais de 50 transeuntes nos equipamentos públicos. “A gente queria um lugar para se sentir seguro e que a gente pudesse se divertir, muitas vezes usar droga, mas também não só isso. Não se usa droga só por usar, a gente usa a droga ali, mas está ali para conversar com os amigos, tá ali para se encontrar, tá ali para ficar com outras pessoas, para trocar ideia. Então tipo, a gente necessitava de um lugar assim. Então quando a gente começou a se reunir lá na Ponte e no Memorial, foi muito com esse intuito: simplesmente ter um lugar onde se reunir para lazer mesmo e trocar ideias.”

Dito isso, a partir deste ponto é indispensável discutir uma das principais problemáticas internas que atravessou o começo, meio e fim do movimento Ocupe a Ponte que foi o uso de drogas lícitas e ilícitas por parte de adolescentes. Durante as noites de diversão era nítida a presença de adolescentes consumindo álcool, cigarros de nicotina e maconha. Ferreira (2021) que à época do início do movimento tinha 15 anos, dá o seu parecer sobre essa questão:

Era uma problemática. Hoje eu vejo essa problemática. É delicado. Quando a gente toca no ponto de drogas, isso pode influenciar a pessoa, isso pode levar a pessoa para outras direções. Eu já fui adolescente e na adolescência eu já tive experiência com drogas e isso pode deixar a gente um pouco dispersa e isso pode se tornar muito presente na sua vida, na verdade. Aquilo se torna refúgio. Hoje eu teria cuidado com os adolescentes e com o uso de drogas, hoje eu compreendo isso. Mas isso foi bom para a minha vida. Foi um aprendizado de eu ter experiência com outras coisas, sabe? Porque eu vivenciei isso e é isso mesmo. Mas é muito problemático porque é um adolescente, ele tem que cuidar em outras coisas da vida dele. Tipo, ele tem que estar focado em outras coisas [...]. Eu e alguns amigos meus, da minha idade, a gente gastava muito tempo com o movimento da rua. Só que a gente tinha 15, 16 anos e, tal hora isso pode não ser tão bom, a gente pode não encontrar limites e isso aconteceu. É isso.

Segundo Gomes (2021):

A gente não tinha noção que isso poderia ser dado como aliciamento de menores. Hoje eu tenho, mas a pessoa ia lá, né? Eu nunca vi ninguém dizer “toma”. Não sei, agora você me pega porque hoje eu sou mãe, aí como eu me sentiria se fosse minha

filha lá? Será que eu me sentiria realmente 100% tranquila? Eu não vou saber, só vou saber quando for minha vez de pensar isso.

Durante a entrevista, também a questioneei sobre alguma autocrítica que teria em relação ao Ocupe a Ponte e ela denota a imaturidade com que o movimento foi guiado:

Eu acho que todas as falhas do Ocupe a Ponte podem ser perdoadas pela falta de maturidade, a boa intenção ela perpassa esses pontos porque todos os julgamentos que a gente for fazer, críticas, elas vão ficar presas em aparências, elas vão ficar presas em coisas pífias. Todo jovem usa droga, pô. O nosso único erro foi fumar um na frente de todo mundo, o que também pode ser um ato de protesto, depende do ponto de vista, quem sou eu para julgar? (GOMES, 2021).

Em relação ao uso de drogas na adolescência, especificamente na cidade de Quixeramobim, é interessante analisar o trabalho de Marrul (2020), um pesquisador da área das Ciências Biológicas que reflete sobre a forma como a temática das drogas é trabalhado nas escolas brasileiras. O autor, que é natural de Quixeramobim e foi um dos integrantes ativos do Ocupe a Ponte, utiliza a metodologia de análise do vivido para debater de que forma as escolas brasileiras silenciam os debates sobre drogas.

Em uma tentativa de refletir sobre a temática sem reproduzir estereótipos marginalizantes, o autor defende que o debate sobre drogas é fundamental no ambiente escolar visto que “estas questões são cruciais na vida de muitos jovens que têm ou terão contato com o uso de drogas ou com pessoas próximas que fazem esse uso.” (MARRUL, 2020, p. 1).

A pesquisa do autor é caro para este trabalho porque Marrul (2020) utiliza uma pesquisa bibliográfica sobre o tema para realizar uma aproximação do seu eu pesquisador com o próprio objeto de estudo: sua vida como aluno em uma escola de Quixeramobim, o consumo de drogas lícitas e ilícitas na adolescência e suas experiências na faculdade de biologia.

Além das controvérsias em relação aos adolescentes, a presença dos jovens na Ponte Metálica e no Memorial Antônio Conselheiro em busca de lazer e entretenimento trouxe outras problemáticas, uma delas está relacionada a uma série de embates ideológicos e físicos entre os jovens, a Polícia Militar e certa parcela da população do município².

Olhares ameaçadores e amedrontados, comentários furtivos, críticas, agressões verbais e físicas, abordagens policiais, ameaças com armas de fogo e insultos acompanhavam

² Não é possível organizar uma ordem cronológica de quando estes embates, principalmente os com a Polícia Militar, tiveram início. A relação problemática entre as forças do Estado, a população e os jovens ocupantes sempre foi controversa, violenta e polêmica, desde o início das idas à Ponte Metálica e ao Memorial Antônio Conselheiro. Entretanto, decidi estruturar a narrativa em uma perspectiva de que quanto mais os jovens insistam em permanecer nos equipamentos mais houve uma escalada nas situações de violência. Este ponto também será desenvolvido neste capítulo.

essa juventude durante todo o processo de ocupação da Ponte Metálica e do Memorial Antônio Conselheiro. Em determinado ponto os jovens eram taxados como “viciados”, “aidéticos”, “marginais” e, inclusive, em certo momento, propagandeou-se o boato sobre um pedágio que estaria sendo cobrado pelos ocupantes como taxa para atravessar a Ponte Metálica, esta que estava sempre abarrotada de jovens e adolescentes. Estes atos de violência eram comuns no dia a dia dos participantes do Ocupe a Ponte, tanto antes, quanto depois da criação do movimento.

Quando questionada sobre o porquê das pessoas olharem os jovens que frequentavam a Ponte com maus olhos, Gomes (2021) explica que uma das principais causas era o consumo de maconha:

A galera fumava maconha lá. Não tinha assalto, não tinha briga, mas tinha dia que tinha de 6 a 7 turmas, cada uma no seu cantinho, às vezes um litro de vinho, cada um fumando o seu e tal; e a população passava e via aquela história. Para eles aquilo era a cracolândia, hoje a gente sabe, mas na época a gente achava aquilo massa. Posso julgar? Não posso. Posso julgar que aquilo era errado? Não posso também. Mas aí aconteceu já, né? Não tem o que fazer.

Ferreira (2021) também desenvolveu a mesma questão ao afirmar que “lá era um lugar que, nossa, se você fosse, você era mal visto. Eu me sentia vigiado ali, né? E era uma coisa real, era uma coisa real, tipo: você ir para a Ponte era sinal de marginalidade mesmo. E a gente sabe como as pessoas levam uma pessoa marginal.”

Souza (2021) denota as questões de ocupação de espaços públicos em detrimento de locais privados, além dos pontos relacionados ao consumo de drogas lícitas e ilícitas:

Acho que era muito essa visão que as pessoas tinham sempre que a juventude tentava se reunir em qualquer canto que não fosse privado porque se fosse dentro de um restaurante, de um bar, algo do tipo, aí era tranquilo; agora quando estavam se reunindo nas pracinhas ou então estavam se reunindo na quadra, na Ponte, no Memorial e estão usando droga ou ouvindo música, aí essas pessoas são vagabundas; elas são drogadas. Porque não existe, para essa galera, a diferença de droga, né? Menos cigarro e bebida porque é legalizado, mas se você está usando qualquer tipo de droga você é, automaticamente, drogado e foda-se. Não tem diferença, para essa galera se você tá usando maconha ou *crack*. Então, para elas, é tão perigoso quanto.

Além disso, abordagens da Polícia Militar de Quixeramobim eram recorrentes tanto na Ponte Metálica quanto no Memorial Antônio Conselheiro. Entretanto, para garantir uma fidelidade de detalhes, este tema será tratado mais à frente, quando discutirei as situações de violência.

Mas por que, mesmo com tantas situações de violência, esses jovens insistiam em frequentar a Ponte Metálica e o Memorial Antônio Conselheiro? A resposta é relacionada à

sensação de liberdade que este grupo sentia ao ocupar os equipamentos. Ferreira (2021) detalha:

[...] quando eu tive contato com o Ocupe a Ponte, meu Deus do céu, outra coisa, outra vida, outro modo de pensar e ver o mundo, outro modo de me ver. Tipo, nesse espaço eu podia ser quem eu sou e isso foi muito massa, sabe? Foi um experimento para mim, eu podia ser quem eu queria da forma como eu queria e só era. [...] eu tinha acabado de sair de uma igreja evangélica, [...] de um contexto religioso muito pesado e muito opressor, que é muito machista e eu tive contato com pessoas e com ideias que tiraram um pouco daquela fenda, tiraram um pouco daquele véu de ilusão, mostrando que existiam outras realidades, mostrando que existiam outras opiniões, tirando os paradigmas demonizadores, foi o tempo também que eu comecei a me aceitar como pessoa homossexual, enquanto uma pessoa que talvez não vá se casar com uma mulher, não sei... que gosta de homens, que se sente atraído por homens. Isso foi um processo de aceitação imenso na minha vida.

Souza (2021) também explicita sua opinião:

Era mais as pessoas vivendo o seu dia a dia e isso, por si só, é revolucionário, tá ligado? Isso, por si só é uma ação direta, as pessoas que, muitas vezes são impedidas de viver suas vidas, a sua sexualidade, o seu estilo de vida, estar tendo um espaço para estar vivendo essas coisas, isso em si já é um protesto, tá ligado? Isso em si já era um protesto do movimento.

Nessa perspectiva, é possível trabalhar sob o aporte de Assumpção (2011), que discorre sobre a questão do corpo como forma de resistência também em uma ótica cearense. O autor debate essas questões a partir das suas experiências em Iguatu - CE.

[...] ao afetarem o corpo, as normas parecem estar sempre entrando em conflito com aquilo do corpo que não é treinável e disciplinável: com o desejo que está sempre criando dobras, devires-outros, de modo a esticar, texturizar e dar dimensões imprevisíveis à experiência histórica e subjetiva. Há algo de rebelde no corpo vivo, e esse elemento de rebeldia é potente e pode se configurar (se performar) de várias formas, adquirindo uma força política imprevisível, principalmente quando configurado e performado coletivamente (ASSUMPÇÃO, 2011, p. 44).

O tema acima, apesar de fazer parte de uma discussão contextual do trabalho, é muito caro para o projeto tendo em vista que o corpo dos ocupantes era algo debatido *on-line* e *off-line*, tanto entre as pessoas do coletivo quanto as pessoas de fora, envolvendo questões de raça, de gênero, de sexualidade, de violência, de violência policial e discussões sobre uso de drogas, redução de danos e proibicionismo.

A despeito das questões tratadas nos parágrafos anteriores, houve uma situação específica de violência que, de certa forma, superou as demais e culminou na criação do movimento Ocupe a Ponte. Em determinado dia, o locatário de um bar localizado ao lado de uma das entradas da Ponte Metálica fotografou uma jovem que frequentava o local e expôs a imagem da garota na internet. Acompanhada da foto, o homem anexou um texto onde

prometia expulsar aquele grupo de jovens do espaço, a fim de “limpar” a Ponte Metálica das “más presenças”, talvez, com a intenção de retirar aquelas pessoas “indesejadas” do local.

Ferreira (2021), que estava presente no momento da captura da imagem, lembra o episódio e afirma que:

Tudo começou com uma amiga minha, eu estava no meio também e o meu primo. A gente escreveu uma pequena frase na Ponte, isso com esmalte³. [...] a gente escreveu assim: ‘amem-se, chupem-se *is very good*’. Cada um escreveu uma parte, começou com o ‘amem-se’ e depois colocaram o ‘chupem-se’ e depois o ‘*is very good*’. Cada um escreveu uma parte. Aí nisso, a antiga dona do bar já tinha saído de lá e tava um cara querendo abrir outro estabelecimento no bar que tem lá próximo à Ponte. Aí esse cara viu essa leve movimentação da gente escrevendo isso e ele simplesmente tirou foto e não foto dos três, o pior que foi só da menina, da minha amiga, ele tirou foto só da mulher que estava lá. Aí ele tirou foto disso e postou nas redes sociais com um texto grotesco, escrotíssimo, dizendo, nas entrelinhas, que ia limpar o espaço. Nas entrelinhas não, ele usou essa frase, que ia higienizar o espaço, que ia limpar o espaço das más pessoas.

Em certo momento da entrevista, Gomes (2021) mencionou a relação desse episódio com a criação do Ocupe a Ponte:

[...] lembro muito da Virgínia. Eu lembro que houve aquele episódio com o novo dono do bar e aí quando ele entrou, ele achava aquilo ridículo, se eu estiver julgando, desculpa Deus, mas só pode, porque ele lançou uma onda de higienização explícita na internet. [...] e aí quando a gente viu aquilo, percebemos que poderia ser a Virgínia ou qualquer outra pessoa, a gente se sentiu ofendido porque andávamos lá.

Gomes (2021) completa dizendo que “existia uma situação de tentativa de higienização, de querer menosprezar quem ali frequentava por serem pessoas que não tinham condições financeiras, muitas vezes, de acessarem outros espaços, outros lugares ou lugares pagantes.

A partir deste episódio surgiu naqueles jovens a vontade de tomar alguma atitude a fim de mostrar para a população quixeramobinense que a intenção da ocupação daqueles dois espaços públicos não era simplesmente a esbórnia e o consumo de drogas lícitas e ilícitas, havia algo de mais profundo por trás daquelas noites.

Era uma visão distorcida por muitas vezes as pessoas fazerem uso de drogas lá no espaço também e isso ser caracterizado no movimento no sentido geral. E a gente passou a se sentir incomodado com aquela situação de tudo que a gente estava fazendo coletivamente, ser reduzido a uma imagem de uso de drogas, explica Ferreira (2021).

Surge, então, o Ocupe a Ponte, o movimento. Dito isso, para simbolizar a o início do movimento, uma página no *Facebook* chamada “Ocupe a Ponte” ocorrido em 19 de

³ É interessante notar que o próprio entrevistado percebe a problemática envolvida com a questão de pintar a estrutura da Ponte Metálica com esmalte. Caso o leitor tenha interesse, ver Apêndice B.

fevereiro de 2016, concebida com o intuito de compartilhar materiais que disseminassem informações alternativas aos boatos que eram propagandeados sobre quem frequentava o local, além de servir como meio digital para organização de eventos, debates, sarais, etc.

Era um lugar em que a galera se reunia. A Ponte em si era um lugar de jovem, e jovem quer fazer o que der na telha, juventude também é isso. Aí as pessoas pensavam que era só droga, tipo, começaram a ver o que era aquela ocupação, de verdade, a partir do Ocupe a Ponte. Começaram a ver quem era aquela galera a partir dos movimentos, recorda Ferreira (2021).

Souza (2021) também dá suas considerações sobre o início espontâneo das idas à Ponte Metálica que geraram a criação do movimento:

Geralmente a juventude é vista assim, são os drogados, os vagabundos. Muitas vezes é por isso que a própria juventude se reúne porque ela tem estereótipos que acabam caindo nela, em conjunto, e ela se vê em uma forma de se ajudar, enfim, aquela coisa. Elas são rotuladas de uma mesma coisa e acabam se encontrando, se juntando, se ajudando. Eu acho que foi muito isso que o Ocupe a Ponte foi. Todo mundo que estava ali, por mais que seja um perfil muito heterogêneo, várias classes sociais, várias situações de vida diferentes, mas todos que estavam ali estavam porque em algum momento eles foram taxados de alguma dessas coisas. Em algum momento eles foram chamados de maconheiro, de vagabundo, foram desacreditados e eles encontraram nos amigos, nas companhias, uma forma de não se sentir assim, uma forma de não se sentir rejeitado.

Doravante, com o objetivo de mostrar outras faces daquela ocupação, o grupo de jovens passou, por meio do movimento, a produzir conteúdo históricos sobre a Ponte Metálica: panfletos digitais, eventos, oficinas, sessões de cinema, brechós, festas e rodas de conversa. Houve oficinas de teoria musical, de cinema, de *stencil*, aulas de capoeira, rodas de conversa sobre antiproibicionismo e redução de danos durante o consumo de drogas. Todavia, nem todos os eventos realizados foram divulgados pela página do movimento Ocupa a Ponte no *Facebook*. Citamos como exemplo, o Miss Baixaria, um concurso de beleza que foi realizado no Memorial Antônio Conselheiro. Gomes (2021) relembra que no equipamento:

Tinha um teatro [...], tinham salas que poderiam ser usadas para exibições de filmes, peças de teatro... a gente fez eventos lá. O sonho das bichas era fazer um Miss. ‘Aí, vamo fazer o Miss o quê? Miss Baixaria, já pensou?’ Agora me diga onde era que a gente ia fazer um evento com o nome Miss Baixaria? Entendeu? Aí as bichas desfilaram, tinha público e para elas, aquilo ali foi muito bacana e depois surgiu a ideia de fazer um Miss Gay e tal, mais organizado. Mas foi por que? Porque tiveram um espaço e acharam legal. No começo foi uma brincadeira e depois acharam que podia ser sério, assim como o próprio Ocupe a Ponte que começou em um tom de brincadeira, de entretenimento e depois passou a ser mais sério.

“Os eventos eram sempre lotados porque eram pessoas que não tinham como acessar aquele entretenimento de outra maneira, ou seja, um papel que deveria ser desempenhado pelo poder público, a gente meio que tomou para si pela afetividade que a gente tinha pelas pessoas naquele convívio”, rememora Gomes (2021) sobre os sucessos das ações do movimento.

É interessante denotar que, inicialmente, o movimento focou na ocupação da Ponte Metálica, talvez porque o episódio de estopim para a criação do grupo envolveu diretamente o ponto turístico. Apenas depois os jovens obtiveram a noção que seria útil e necessário expandir a ocupação política⁴ para o Memorial Antônio Conselheiro.

A imprensa local chegou, inclusive, a noticiar o movimento em uma reportagem com o título: “Estudantes criam movimento para ocupar a Ponte Metálica e cobram reforma do ponto turístico”. Vejamos a matéria divulgada pelo portal Quixeramobim Agora (2016).

Nos últimos dias, comentários envolvendo a utilização da Ponte Metálica tem gerado repercussão em Quixeramobim. A ponte é um dos principais locais de tráfego de pedestres dos bairros Depósito, Maravilha e Jaime Lopes ao Centro da cidade e alguns jovens tem utilizado o local para rodas de conversas. Recentemente um movimento denominado “Ocupe a Ponte”, que inclusive ganhou uma *Fanpage*, foi criado para dar visibilidade a este que é um dos principais pontos turísticos da cidade. A intenção do movimento é retirar do local a imagem de marginalização que lhe foi atribuída ao longo dos anos, utilizando-se dentre outras ações, da realização de mutirões de limpeza no local, o que têm mudado o cenário. Segundo o Movimento, surgem discursos generalizados em relação aos frequentadores da Ponte, o que deve ser combatido. Os comentários são de que jovens estariam utilizando o local para o consumo de drogas. No caso mais recente, um comerciante flagrou pichações em seu estabelecimento⁵ que acabou gerando atrito com os frequentadores do local. O Movimento nega a autoria das pichações e defende inclusive o combate aos atos de vandalismo contra e no entorno do ponto turístico. O movimento “Ocupe a Ponte”, afirma que o local está precisando de uma reforma urgente e que com esse movimento talvez consigam chamar a atenção das autoridades. A ideia é ocupar a ponte, desde que não façam o mau uso dela. O movimento é formado por muitos estudantes e trabalhadores, inclusive alguns professores da cidade. ‘Até a capoeira vai usar a ponte como palco para a sua arte. Ao invés de derrubá-lo vamos ajudar a dar a visibilidade necessária a este movimento, vamos ajudar a cidade e um ponto turístico histórico que hoje está completamente esquecido’, disse Leonardo Jalles, um dos integrantes do Movimento.

Além da repercussão na mídia local, o Ocupe a Ponte movimentou a rotina de Quixeramobim. Os jovens conseguiram alguns feitos práticos. Representações do Movimento foram convocadas pelo prefeito da época, Cirilo Antônio Pimenta Lima, para discutir a situação da Ponte Metálica e as reivindicações do grupo.

O resultado do encontro foi que o governo quixeramobinense prometeu a esses jovens que, em 2017, a Ponte Metálica passaria por uma revitalização. Outra benfeitoria que veio em decorrência do Ocupe a Ponte foi a instalação de um caracol em uma das entradas do ponto turístico para impedir que motos e carros atravessassem a passagem que não foi feita para aguentar veículos (recorrentemente a Ponte Metálica é utilizada por motociclistas e, por

⁴ Uso aqui o termo “ocupação política” porque já existia, no Memorial Antônio Conselheiro, a ocupação espontânea. Discutirei essa questão de expansão da ocupação mais à frente.

⁵ É necessário ressaltar que a pichação foi realizada na estrutura da Ponte Metálica e não no estabelecimento do locatário, como, erroneamente, informa a matéria.

vezes, por viaturas policiais que atravessavam o ponto turístico para realizar abordagens na juventude local, intervenções conhecidas popularmente como “baque”, “bacu” e “baculejo”). Após um ano, aproximadamente, o caracol foi quebrado e até hoje continua assim.

Outra consequência referente à criação do Ocupe a Ponte foi a reação por parte de um grupo da juventude quixeramobinense autointitulada como conservadora que criou o “Endireita Quixeramobim”, um grupo que passou a realizar encontros a fim de discutir o conservadorismo e que serviu como base eleitoral municipal para Jair Bolsonaro, quando o mesmo ainda pleiteava a eleição para presidente do Brasil.

Passado um certo tempo, o Ocupe a Ponte desenvolveu-se e o grupo, assim como a programação de eventos e ações, ficou maior. Dessa forma, os jovens perceberam a necessidade de ocupar de forma política, além da Ponte Metálica, o Memorial Antônio Conselheiro, pois o mesmo oferecia uma estrutura mais adequada para as intenções do movimento.

Rolou mais essa migração para o Memorial. Também porque a Ponte não dá estrutura para shows, ela não dá estrutura para... Demanda muita grana, tudo o que for feito na Ponte demanda muita grana e lá no Memorial já tinha energia, já tinha estrutura, tudo era mais favorável para que as coisas acontecessem e aí rolou muita coisa bacana lá também”, relembra Gomes (2021).

Ferreira (2021) também dá seu parecer sobre a transição ao mencionar que “a Ponte é uma ponte e a gente queria fazer coisas além. O movimento se tornou tão grande que a gente queria fazer coisas além e não era uma coisa só na Ponte, era uma coisa que envolvia aquele território, que é Ponte, Praça do Brasil e Memorial”. A partir da ocupação política do Memorial Antônio Conselheiro os jovens do Ocupe a Ponte criaram uma página no *Facebook* para o equipamento. Antes dessa atitude não havia nenhum registro sobre o espaço nas redes sociais.

Um diferencial que marcou a ocupação do Memorial Antônio Conselheiro foi que, em determinado momento, representantes do movimento participaram de uma reunião com secretário de cultura de Quixeramobim da época, Luciano Costa, e o mesmo os entregou as chaves do equipamento público para que os jovens o utilizassem da maneira como bem entendessem, sem a menor supervisão ou coordenação da pasta. A partir deste episódio, os integrantes do movimento passaram a dormir nas dependências do local.

Gomes (2021), que teve um importante papel de liderança neste processo, detalha o ocorrido ao dizer que:

A gente começou a desencadear ações, e essas ações foram desencadeando uma ocupação. A gente passou dias dormindo lá e ficando lá e isso surtiu efeito. Mas por

quê? Com mais ou menos 15 dias que a gente tava lá, a gente conversou com o secretário e o secretário falou: ‘Carla, tá aqui a chave, se você acha que consegue gerir melhor do que a gente, tá aqui a chave’. Mas não foi em tom de deboche, foi um tom de ‘eu acredito em você, faça aí para a gente ver’, e me deu a chave e então a gente começou a ocupar.

Apesar das conquistas, ações e feitos, a história do Ocupe a Ponte é marcada pelas situações de violência e pela relação problemática dos ocupantes com a Polícia Militar. No entanto, com o desenrolar da ocupação, as abordagens policiais e os casos de violência escalaram de forma significativa. Gomes (2021) recorda outros dois casos de agressão que marcaram todos os integrantes do movimento:

Uma vez nós estávamos a noite sentados, eu não lembro muito bem quem estava porque foi traumático, mas eu lembro que a gente estava sentada no chão e o Mateus estava sentado de costas para a rua, de costas para quem vinha do lado da Maravilha e eu estava sentada ao lado dele. E nesse dia a gente tava conversando, aí um cara simplesmente veio, deu um chute no Mateus e saiu fora. Foi tão traumático que eu nunca esqueci, o cara simplesmente veio e chutou o Mateus, ele não ofendeu ninguém e levou um chute. O Mateus não anda falando com o povo, ele não anda olhando pra ninguém. Foi muito *trash*, foi a única vez que eu vi um lance desse, de revolta. E o cara tava bêbado, mas foi na maldade mesmo. Outra coisa que rolou foi uma vez que o pessoal tava na Ponte e um cara passou armado, apontando a arma para a gente e gritando ‘eu vou matar todos os viados de Quixeramobim’. Eu lembro demais disso, eu não vi acontecer, mas lembro do pessoal contando. Um absurdo.

Além das situações de embate com populares, as abordagens da Polícia Militar são outras situações de violência que marcaram a memória dos entrevistados. Souza (2021) recorda um incidente problemático envolvendo os Agentes de Segurança do Estado:

As violências aconteciam de várias formas, o poder público, principalmente, exercia violência sobre a gente por meio da polícia. Aconteceram vários baculejos e os baculejos não são educados, aconteceram muitas situações problemáticas, por exemplo, uma conhecida nossa foi, durante um baculejo, obrigada a tirar a blusa porque só quem pode revistar mulher é uma policial [...] e elas sabiam disso. Aí elas falaram isso e os policiais fizeram abuso de poder e já que não podiam tocar nelas, mandaram [...] tirarem a roupa [...], isso rolou lá. O baculejo nunca é educado, principalmente com essa galera que ‘pode’ levar porrada, que é a população ‘vagabunda’, ‘drogada’ e ‘desajustada’. Então eles podem levar porrada. Por isso, houve várias abordagens violentas; várias.

Por causa de problemáticas como essas, houve uma situação onde o crime organizado de Quixeramobim contactou os membros do “Ocupe a Ponte” devido a constante presença policial na Ponte Metálica e áreas adjacentes. “Teve inclusive uma época que o tráfico mandou um recado para a gente, que eles não queriam ninguém fumando lá. Rolou isso. Uma vez um cara foi lá no Memorial e falou: ‘olha, a gente não aguenta mais tanta polícia, vocês parem de fumar aqui’. A gente recebeu aviso da galera também, além da polícia: ‘olha, a população tá reclamando que tão passando de bicicleta e não tem espaço para passar, mandaram dizer que vocês ajeitassem isso. Se querem ficar na Ponte, deem espaço

para as pessoas passarem. A gente tá sendo reclamado por isso?. A polícia e o tráfico chegaram na gente, não era brincadeira. A gente recebia esses recados. Sabe? ”

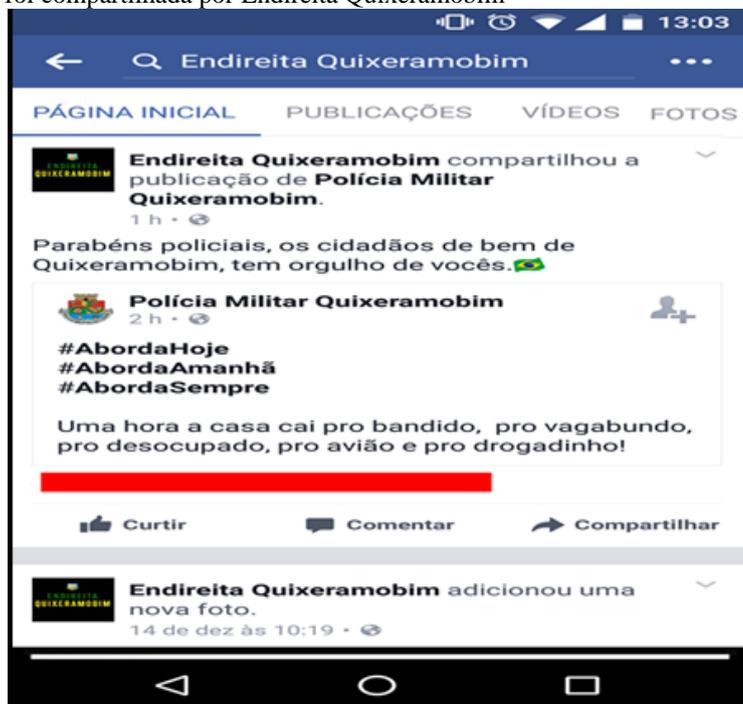
Outro momento de violência policial que marcou a história do Ocupe a Ponte foi quando um esquadrão da Polícia Militar abordou mais de 50 pessoas que estavam nas dependências do Memorial Antônio Conselheiro. Ferreira (2021) recorda o caso ao relatar que:

A denúncia é uma violência e eles denunciavam a gente só por denunciar. Lá no Memorial houve o famoso baculejo em mais de 50 pessoas. Tinha uma galera lá, tinha gente jogando futebol, tinha gente ensaiando dança, tinha gente só conversando já que o Memorial também é uma praça, tinha gente se exercitando; quer dizer, só tinha gente vivendo a sua vida. Aí, do nada, chega uns quatro carros da polícia, com dois camburões, abordando as pessoas com o intuito de prender mesmo, entendeu? Procurando drogas. Isso aconteceu. Isso é uma forma de violência para com a população, isso é uma forma de violência para com os ocupantes. Na verdade, mais para a população do que para os ocupantes, porque enquanto ocupantes nós éramos um pequeno grupo, existiam pessoas que estavam lá só jogando futebol porque toda noite iam jogar lá e que nem se envolvia com o movimento, só era a galera do futebol mesmo. Aí chega a polícia, botando todo mundo para a parede, todo mundo que tava lá só vivendo a sua vida. Isso é muito violento.

As abordagens policiais eram tão recorrentes que, em certo momento, a página oficial da Polícia Militar de Quixeramobim realizou uma publicação onde, de forma indireta, ameaçava os integrantes do Ocupe a Ponte. A publicação foi, prontamente, compartilhada pela página do “Endireita Quixeramobim” com palavras de incentivo, como mostra a captura de tela⁶ (FIGURA 5).

⁶ Esta captura de tela foi gentilmente cedida a mim por Victória de Lima, estudante de Cinema e Audiovisual e filha de Quixeramobim que dirigiu o documentário “Amores Coragem”, uma produção que, buscou contar a história do movimento Ocupe a Ponte. Victória também foi uma das participantes do movimento que, desde o começo do processo de ocupação, esteve presente na Ponte Metálica e no Memorial Antônio Conselheiro.

Figura 5 – Publicação da Página Polícia Militar de Quixeramobim que foi compartilhada por Endireita Quixeramobim⁷



Fonte: Arquivo pessoal Victória de Lima (2021).

Augusto, Rosa e Resende (2016, p. 14) dão luz sobre esse tipo de capitaneação das forças policiais:

Não obstante, as forças conservadoras ainda exercem pressão, inclusive criminalizando movimentos sociais, sobretudo, aqueles praticados por jovens. Isso é nítido nas ações de caráter repressivo, capitaneadas pelas forças policiais que atuam nestes espaços agredindo fisicamente e simbolicamente os seus manifestantes.

Contudo, se faz necessário problematizar o consumo de drogas lícitas e ilícitas na Ponte Metálica e no Memorial Antônio Conselheiro, como denota Gomes (2021) quando questionada sobre a relação dos membros do Ocupa a Ponte com a Polícia Militar ao referir-se que:

Eles não curtiam a gente não, pô. Eles não achavam legal não. E também posso tirar razão? A gente tava fumando em via pública, de passagem de várias pessoas, todos os dias. As pessoas já utilizavam aquele lugar para transitar. É o espaço que liga o bairro do Depósito e do Jaime Lopes ao Centro, as pessoas utilizam dali para passar. Ninguém tem a obrigação de lhe ver fumando maconha não. Tudo bem você fumar

⁷ A página do Endireita Quixeramobim não está disponível na plataforma do *Facebook*. Provavelmente a página foi excluída.

sua maconha na sua casa, mas ninguém tem a obrigação de lhe aguentar fumando em público.

Gomes (2021) segue na mesma linha de raciocínio ao realizar uma crítica sobre o movimento ao dizer que:

Antes a gente tentava fazer com que as pessoas engolissem à força, chegava a ser agressivo. Eles tinham essa visão que eu tenho hoje e davam baculejos na gente. Precisava ser agressivo? Não precisava. Precisava bater em todo mundo? Não precisava. Mas que eles tinham total direito de ir lá, tinham. A gente tava fazendo algo errado, maconha não é liberado no Brasil, é fora da lei. A gente achava que ia legalizar, que ia liberar e até hoje não liberou porra nenhuma. Não é fácil como a gente imagina que é, entendeu? E aí? Eu posso dizer, ser hipócrita e dizer que nós éramos perseguidos e não fazíamos nada? Não, é mentira.

Contudo, a violência policial não afetava apenas os integrantes do movimento. Em determinado momento uma ocorrência de embate entre a Polícia Militar e frequentadores do Memorial Antônio Conselheiro ocasionou o fechamento da Biblioteca Pública Municipal Ismael Pordeus, que, como já foi dito, está localizada dentro do equipamento.

Os policiais invadiram a Biblioteca e pegaram a chave para bater em uns caras que estavam lá no Memorial. Aí depois os caras foram lá ameaçar as funcionárias da biblioteca porque eles achavam que elas estavam envolvidas. Acontece, era muita gente, pessoas muito diferentes, pessoas que estavam lá por motivos diferentes, então aconteceram situações de violência que não se restringiram à polícia, declara Souza (2021).

Após o ocorrido, funcionários da Biblioteca Pública Municipal Ismael Pordeus foram à Prefeitura em busca de melhores condições de segurança no ambiente de trabalho, entretanto, não obtiveram resposta satisfatória e decidiram encerrar as atividades da biblioteca por tempo indeterminado. Ou seja, além de ceder, sem a menor orientação ou coordenação, a chave de um equipamento público para um grupo de jovens e adolescentes, o governo quixeramobinense na época não demonstrou interesse em garantir o funcionamento da Biblioteca Pública da cidade. O local ficou fechado durante grande parte do mês de dezembro de 2016 e voltou a funcionar apenas com a dissolução do Ocupe a Ponte e fim da ocupação do Memorial Antônio Conselheiro.

Assim sendo, depois de meses de ações, eventos, ocupações, embates etc, o Ocupe a Ponte começou a demonstrar sinais de que iria acabar. Um dos principais fatos que marcou o fim do movimento está relacionado com as eleições municipais de 2016. O prefeito da época, Cirilo Antônio Pimenta Lima, tentava a reeleição, mas foi derrotado pelo opositor Clébio Pavone Ferreira da Silva. Dessa forma, com a chegada da nova gestão, a nova secretária de cultura da cidade, Ruanna Fernandes da Silva reclamou as chaves do Memorial Antônio Conselheiro, o que foi um golpe para os ocupantes. A partir de então, sem a presença do movimento, o espaço voltou a ser o que era: um grande elefante branco. Enquanto a gestão

anterior ofereceu quase nenhuma coordenação ao movimento, a nova, que acabara de tomar posse, decidiu encerrar as atividades realizadas no Memorial Antônio Conselheiro.

Mas a chegada da nova gestão não foi a única razão para o fim do Ocupe a Ponte. O movimento já dava indícios de que chegaria ao fim. Indagado sobre o tema, Souza (2021) esclarece:

Eu acho que, principalmente, pelo fato de ser muito heterogêneo e isso é uma vantagem em muitos sentidos, mas isso trouxe muitos problemas. O fato também de não ter uma liderança fez com que as coisas ficassem mais soltas e o fato das pessoas serem muito diferentes fez com que muitas divergências fossem começando a acontecer. Então a coisa já era meio solta, já era muito espontânea e as pessoas já eram muito diferentes e divergências foram começando a acontecer. Então eu acho que foi natural que a coisa fosse começando a se dissolver, sabe? E as pessoas foram começando a pegar outros rumos na própria vida, algumas pessoas começaram a trabalhar, outras foram embora, outras inclusive mudaram até as ideias que tinham e outras coisas. O movimento foi começando a se desintegrar e quando isso aconteceu você foi vendo que a ocupação era muito importante porque os espaços voltaram a ser ‘baldeados’.

É importante ressaltar que antes de ser um movimento social, esses jovens eram um grupo de amigos e amigas em busca de diversão. Assim sendo, o conceito de tribos urbanas pode ser utilizado para explicar a dissolução do Ocupe a Ponte; pois como explicam Augusto, Rosa e Resende (2016), as tribos urbanas são formadas por comunidades emocionais fundamentadas por compartilhamentos de emoções intensas que reúnem atores sociais.

Coutinho⁸ (1999 *apud* FOCHI, 2007, p. 66) afirma que as tribos urbanas se apresentam “como formas de socialização e de acesso aos bens de consumo alternativas à perda de expectativas em relação às instituições tradicionais, tais como a escola, as autoridades tradicionais e o mercado de trabalho”. Para a autora, as tribos urbanas são como referências simbólicas, suplências aos aparatos políticos e culturais que se tornaram obsoletos. Dentro da realidade das tribos, vive-se o presente, o prazer momentâneo sem envolvimento profundo. São relações superficiais que podem acabar em um curto período de tempo. Característica existente no Ocupe a Ponte, visto que grande parte dos integrantes do grupo perderam o contato entre si após a dissolução do movimento. As idas à Ponte Metálica, mais de cinco anos depois, tornaram-se raras e pulverizadas. Cada um seguiu seu próprio caminho.

Entretanto, apesar da posterior dissolução do grupo, a profundidade dos vínculos do Ocupe a Ponte era um pouco mais profunda e sólida, quando comparada com a análise de

⁸ COUTINHO, Luciana Gageiro. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos**: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. [Rio de Janeiro]: Rubedo, 1999. 2001.

Coutinho⁹ (1999 *apud* FOCHI, 2007, p. 66) sobre as tribos urbanas. Porque, conforme Fochi (2007, p. 67):

Assim, compreendemos a expressão tribo urbana como uma categoria, como um segmento social, como grupos que se separam e se unem de acordo com as características estéticas de seus integrantes. Grupos sem grandes vínculos, a não ser a busca pelo prazer, pelo aqui agora; sem preocupação com uma sociedade futura; que compartilham códigos no seu interior; com hábitos de consumo semelhante; que apresentam uma copresença teatral que faz parecer diante do outro.

Todavia, é significativo destacar que, ao contrário da maioria das tribos urbanas, como os *hippies*, os emos e o pessoal do *hip hop*, esses jovens de Quixeramobim não possuíam uma padronização na forma de se apresentar esteticamente, como é comum nestas outras tribos urbanas que possuem uma indumentária específica que os distingue de outros grupos (FOCHI, 2006).

3 REDES SOCIAIS E ANÁLISE DO DISCURSO

3.1 Redes sociais

Neste capítulo irei debater sobre o uso das redes sociais por parte do Ocupe a Ponte e sobre a metodologia escolhida, que é a análise do discurso. Para garantir um melhor entendimento, irei desenvolver primeiro o conteúdo relacionado às redes sociais e, em seguida, as questões relacionadas à análise do discurso.

A página de *Facebook* do Ocupe a Ponte foi criada no dia 19 de fevereiro de 2016 e possui 798 curtidas (FIGURA 6). Ao total a página conta com 123 publicações. A primeira postagem foi realizada na data de sua criação e a última em 4 de junho de 2019.

Figura 6 – Página inicial do Ocupe a Ponte

⁹ COUTINHO, Luciana Gageiro. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos**: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. [Rio de Janeiro]: Rubedo, 1999. 2001.



Fonte: Ocupe a Ponte (2016a).

O conteúdo da página pode ser resumido da seguinte forma: divulgação de eventos produzidos pelo Ocupe a Ponte (rodas de conversa, brechós, saraus, festas, debates, oficinas diversas, aulas variadas e sessões de cinema), divulgação de eventos que ocorreram na cidade (sem necessariamente ter relação com o movimento), conteúdos históricos sobre a Ponte Metálica, fotos dos ocupantes no ponto turístico, vídeos relacionados aos temas debatidos pelo movimento, fotos da paisagem que mostram as belezas cênicas do local, poesias e textos criados pelos participantes do movimento e citações de personalidades popularmente conhecidas em Quixeramobim.

É interessante notar que as primeiras publicações da página buscavam reforçar o caráter político da ocupação da Ponte Metálica, como explica Gomes (2021): “você pode ver que bem no começo da página a gente sempre usava muito o tempo ‘política’; ‘ocupar a ponte é um ato político’ e a gente foi explicar o porquê”. Com o passar do tempo, esse tipo de conteúdo deu lugar, prioritariamente, às programações de eventos organizados pelo Ocupe a Ponte. “As primeiras artes eu pensei muito sobre essa questão [...] e logo depois a gente ficou só mantendo a programação, buscando mais parcerias e tal. E aí, a partir disso, a gente montou essa programação de postagens”, relembra Gomes (2021).

A primeira publicação (FIGURA 7) denota o caráter político que os ocupantes objetivaram demonstrar por meio da página de *Facebook*.

Figura 7 – Primeira publicação da página do Ocupe a Ponte



Fonte: Ocupe a Ponte (2016b).

Seguida desta, outras publicações semelhantes foram produzidas e compartilhadas a fim de debater e incentivar a ocupação política da Ponte Metálica (FIGURAS 8, 9, 10 e 11).

Figura 8 – A ponte é um lugar de socialização



Fonte: Ocupe a Ponte (2016c).

Figura 9 – Cuidar do patrimônio é ato político



Fonte: Ocupe a Ponte (2016d).

Figura 10 – Vai ter ocupação na Ponte sim!



Fonte: Ocupe a Ponte (2016e).

Figura 11 – A Ponte é um bem comum



Fonte: Ocupe a Ponte (2016f).

Além disso, a gestão da página de *Facebook* do Ocupe a Ponte incentivava o uso da #ocupeaponte por parte dos cidadãos para que as publicações com essa *hashtag* fossem compartilhadas na página do movimento. É possível ver um número significativo de populares que utilizaram a *hashtag* nas próprias redes sociais e, dessa forma, apareceram no perfil oficial do grupo.

Ditas as questões acima, a fim de discutir o uso do *Facebook* pelo Ocupe a Ponte é imprescindível debater a noção de redes sociais e Brignol (2017, p. 262) parte da ideia de que essas ferramentas são:

Como estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar um modo de participação social cuja dinâmica leve a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações.

Para Ferreira (2021) o uso das redes sociais por parte do Ocupe a Ponte foi:

[...] incrível. [...] porque a seu ver, a internet não é democratizada, mas ela chega a muitos espaços e quando você tem uma ideia e essa ideia pode transformar o mundo e desconstruir conceitos baseados nesses padrões que a gente já está acostumado, essa ideia tem que ser divulgada e a internet auxilia muito nessa chegada, nessa comunicação de ter muitas ideias, das pessoas poderem se posicionar, das pessoas poderem mostrar suas causas, as pessoas poderem mostrar suas ações. [...] você tá lá mostrando sua ideia, expondo sua ideia, seu pensamento e construindo política, construindo opinião a partir disso.

Nesse sentido, Santos e Couto (2018, p. 444) entendem os sites de redes sociais como locais onde é possível estimular “a interação entre pessoas e a formação de grupos, aproximando-as a partir de interesses e afinidades, caracterizando-se, também, como espaços democráticos - um novo lugar para discutir e fazer política”.

Entretanto, antes de desenvolver a discussão é preciso criar um parêntese e refletir sobre os benefícios das redes sociais quando utilizadas por movimentos políticos. Em uma análise de seis páginas de *Facebook* produzidas por estudantes durante o período de ocupações universitárias ocorridas em 2016, no Brasil, Macêdo Júnior (2020) debate essa questão.

O autor explica que as redes sociais não devem ser idealizadas e que a criação de uma página de *Facebook* não significa, necessariamente, que o propósito de divulgação do movimento irá lograr êxito. Assim sendo, o pesquisador denota, entre outras coisas, a necessidade de uma conexão entre as táticas e intervenções de comunicação *on-line* e *off-line* (MACÊDO JÚNIOR, 2020). “É notória a fetichização da falsa ideia onde estar conectado é abrir diálogo constante com o mundo entre moderadores, é falar para muitos.” (MACÊDO JÚNIOR, 2020, p. 12).

Macêdo Júnior (2020) problematiza o escopo de trabalhos inspirados pelas pesquisas de Castells (2001) que desenvolveram, com o passar dos anos, um senso comum que afirma que o simples fato de criar uma página no *Facebook* “é uma forma automática para se inserir na disputa de narrativas, na síntese de memória social e nas trincheiras das guerras culturais.” (MACÊDO JÚNIOR, 2020, p. 13). O repouso neste senso comum foi observado em todas as três entrevistas realizadas com os participantes do Ocupe a Ponte.

Em relação às páginas analisadas em seu trabalho, Macêdo Júnior (2020, p. 12) também percebe, mas questiona, o *Facebook* como espaço de memória: “fato é que, ao fim, temos as páginas analisadas como potenciais espaços de memória – ainda sob questionamentos, dado o caráter privado das plataformas de arquivamento – mas não essencialmente como mecanismos funcionais para disputa de narrativas.”

Além disso, Macêdo Júnior (2020) debate como o processo que vai do advento da internet até o modelo atual em que vivemos é e foi atravessado por lógicas capitalistas, além de estar inserido em um cenário onde as grandes empresas de tecnologias de comunicação utilizam os dados dos usuários em prol de interesses próprios. O autor debate o capitalismo de vigilância a partir da midiaticização da vida, pois, como diz o próprio: “dentre outras coisas, a internet e o conjunto de dados acumulados na rede possibilita ao capitalismo alçar uma nova etapa de controle sob a vida das pessoas.” (MACÊDO JÚNIOR, 2020, p. 88). Posto isso, apesar de não ser o tema central deste trabalho, a discussão travada pelo autor é fundamental para a reflexão da relação entre o Ocupe a Ponte e as redes sociais e pode ser um ponto de partida caso a presente pesquisa venha a ser continuada em outro momento.

Já em âmbito nacional, Macêdo Júnior (2020) ressalta que o processo não foi diferente: a implantação e difusão da internet no Brasil se deu a partir de perspectivas voltadas ao consumo.

Os abismos provocados pelas desigualdades dos adventos tecnológicos demarcaram, nesta década, uma série de medidas, para ampliar o consumo de dispositivos e as dimensões de acesso à banda larga no país. O lançamento do Plano Nacional de Banda Larga – PNBL, registrado no Decreto 7.175, de 2010, assume um perfil vinculado às dinâmicas de consumo, não de acesso a direitos na medida em que confere caráter privado à infraestrutura de banda larga sob gestão de grandes provedoras e menospreza as reivindicações pela universalização do serviço – que só seria conferida por um sistema público (MACÊDO JÚNIOR, 2020, p. 89).

Fechado este parêntese, sigo o trabalho. A partir da década de 1990, as NTICs e as possibilidades de comunicação via *internet* vêm transformando as atividades dos coletivos e movimentos sociais (ALCÂNTARA, 2014). A autora, apesar da diversidade de nomes dada a estes processos, afirma que é possível agrupá-los em torno do conceito de ciberativismo. Esse conceito pode ajudar a guiar a discussão e a análise das ações *on-line* e *off-line* do coletivo Ocupe a Ponte.

Sobre o conceito de ciberativismo, Juris¹⁰ (2012 *apud* ALCÂNTARA, 2014, p. 104) afirma que:

[...] podemos apontar o ciberativismo como uma nova configuração comunicativa dos movimentos sociais, caracterizada pela reestruturação das práticas cotidianas de comunicação, por interações mediadas pelas NTICs e pela conexão digital entre indivíduos, grupos e sociedade. Esse novo padrão comunicativo implica na geração de novas dinâmicas de confronto, temporalidades e espacialidades para a ação coletiva contemporânea, assim como de subjetividades políticas.

Santos e Couto (2018, p. 444) afirmam que é no contexto do ciberativismo que "aqueles, antes excluídos ou indignados, começam a reivindicar seus direitos por meio da associação a algum grupo ativo dentro de redes sociais *on-line*". Por conseguinte, é possível encontrar semelhanças entre essa explicação e o surgimento do Ocupe a Ponte.

A gente fazia mutirões de limpeza na Ponte, no Rio e tal, a gente fazia muitos sebos, apresentações culturais e aí era muito maior do que apenas usar drogas, então a criação da página em si também foi no intuito de querer dar essa resposta à sociedade, de dizer à sociedade: 'olha, a gente também faz isso aqui', ilustra Gomes (2021).

Dito isso, uma possibilidade de análise das ações *on-line* e *off-line* do Ocupe a Ponte pode partir do trabalho de Alcântara (2016, p. 318), sob o aporte de Charles Tilly, que explica o conceito de repertório de ação coletiva como:

¹⁰JURIS, Jeffrey S. Reflections on #Occupy Everywhere: Social media, public space, and emerging logics of aggregation. *American Ethnologist*, v. 39, n. 2, p. 259–279, 2012.

O conjunto limitado de formas que os atores sociais dispõem e compartilham em determinado momento histórico para externar suas demandas. São exemplos de repertórios as marchas, boicotes, petições e greves. Os repertórios são assim criações culturais que emergem na luta política, no confronto entre os atores sociais.

A partir do conceito de repertório de ação coletiva é possível perceber que o Ocupe a Ponte buscou transformar a realidade de Quixeramobim por meio de ações diretas, ocupações de espaços públicos, realização de toda uma sorte de eventos presenciais e reuniões com o poder público da cidade. Tudo com o propósito de garantir a permanência saudável das pessoas nos dois locais ocupados e incentivar a produção de entretenimento público e gratuito de qualidade, além de fomentar e cobrar a valorização e o monitoramento da Ponte Metálica e do Memorial Antônio Conselheiro.

Doravante a relação com o poder público e a ampliação da ocupação da Ponte Metálica para o Memorial Antônio Conselheiro os jovens alteraram as próprias formas de ação do movimento, o que implicou em novas táticas de organização (ampliação do movimento para o Memorial, a ocupação integral dos espaços e a criação da página de Facebook do Memorial Antônio Conselheiro são exemplos). “O que se quer ressaltar é que através das interações e relações mediadas comunicativamente, os atores, inseridos no confronto político, constroem e modificam os próprios repertórios.” (ALCÂNTARA, 2016, p. 320).

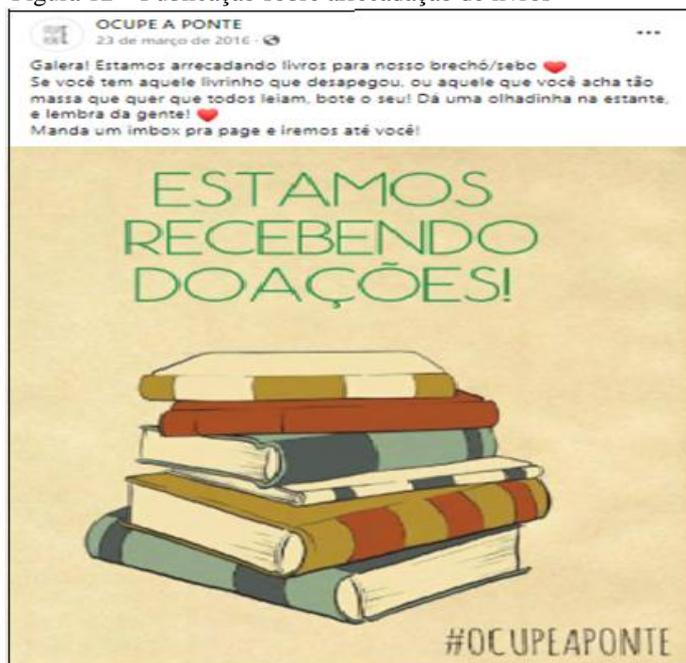
Aliado ao conceito explicitado acima é possível analisar o ciberativismo do Ocupe a Ponte por meio do trabalho de Laer e Aelst (2010), que realizam um inventário dos "repertórios de ações digitais." A noção toma como base os Repertórios de Ação Coletiva no mundo digital a partir de dois sentidos: nível de dependência da internet e custo de participação.

Em relação ao nível de dependência da internet, as ações do Ocupe a Ponte eram, segundo os autores, o que podemos chamar de “suportadas pela internet” (LAER; AELST, 2010), visto que havia um baixo grau de dependência da internet quando se trata da execução das ações e eventos. Entretanto, é consenso geral entre os entrevistados que a divulgação das atividades do coletivo era, de certa forma, dependente das redes. “Era muito visual também porque era uma coisa que atravessava a cidade, o centro da cidade. [...] a galera via e se sentia impactada e comentava na internet. Eu acho que foi um equilíbrio, entre divulgação na internet e visual, presencial mesmo”, esclarece Gomes (2021).

Em relação ao custo de participação, apesar de se basear em ocupação de espaços físicos e realização de eventos, o que, de modo geral, custa altos valores, o Ocupe a Ponte não contou com investimento financeiro dos participantes do movimento. O dinheiro que foi

utilizado durante as ações era fruto do que era arrecadado por meio de pequenos patrocínios, doações, brechós e sebos, estes que eram construídos com base em doações de roupas e livros, como mostra a Figura 12. Além disso, as oficinas e aulas eram construídas com base no trabalho dos próprios integrantes ou de voluntários solidários à causa.

Figura 12 – Publicação sobre arrecadação de livros



Fonte: Ocupe a Ponte (2016g).

Outra noção tida em Alcântara (2016) é a de organização, conceito que pode ajudar a analisar a organização formal do Ocupe a Ponte tanto no mundo *on-line*, quanto *off-line*. Segundo Kavada (2013), a forma de organização dos movimentos sociais pode ser posta em seis características: formalidade, centralização, hierarquia, profissionalização, lideranças e linhas de controle.

Formalidade: o Ocupe a Ponte surgiu de forma espontânea e não foi construído sob uma forma definida, ou seja, foi uma organização de caráter informal. Não houve formalidades relacionadas à criação do movimento, nem de instauração de cargos ou, sequer, registros de atas de reuniões. Quando questionado sobre o caráter espontâneo do movimento Souza (2021) esclarece que já durante as idas à Ponte Metálica:

Meio que o movimento já estava acontecendo, a gente só foi lá e deu uma mínima forma a ele, chamou de Ocupe a Ponte e começou a, minimamente, tentar direcionar

[...] e fomentar que as coisas fossem acontecendo mais e mais, mas começou de maneira bem espontânea, pelo fato das pessoas estarem ali se reunindo e ocupando o espaço, elas entenderam que [...] poderiam fazer alguma coisa com aquele movimento.

Centralização: o Ocupe a Ponte demonstrava características de organização descentralizadas, uma vez que as ações eram realizadas com base na afinidade e disponibilidade de cada integrante. Gomes (2021) explicita que “todo mundo ajudava do jeito que podia. [...] todo mundo ajudava da sua maneira. Era muito colaborativo, sabe?”

Hierarquia: desde o começo o Ocupe a Ponte demonstrou ser um movimento social de caráter horizontal, sem hierarquias definidas. “Essa questão de liderança era muito da pessoa, da pessoa se colocar e falar ‘olha eu vou me colocar para fazer isso e isso’, aí a pessoa ia lá e fazia. Não era em um padrão hierarquizado”, lembra Ferreira (2021).

Profissionalização: todos os integrantes do Ocupe a Ponte, em sua maioria jovens, eram estudantes e figuravam no movimento de forma voluntária. A página de *Facebook* do grupo era um reflexo disso, como aponta Gomes (2021):

No começo eu fazia as artes muito sozinha, em um processo meio paia. Eu salvava a imagem, ia limpar no *paint*, aí depois ia no *photoscape*, ia copiar tudo para deixar bem limpinho para poder botar uma letra em cima. Era muito arcaico. Eu sempre gostei, mas nunca tive desenvoltura com o photoshop. Então eu fazia muito assim.

Lideranças e linhas de controle: entre os integrantes do Ocupe a Ponte não havia líderes, ou seja, as decisões não eram tomadas de cima para baixo, mas sim de baixo para cima. Todas as ações do movimento eram decididas de forma conjunta em reuniões virtuais e presenciais. “Nem existiam lideranças, então não era a pessoa x ou y que ia dizer o que ia acontecer”, recorda Sousa (2021).

Em um paralelo à aplicação do conceito do ciberativismo em sociedade, a partir da década de 2010, as NTICs (a exemplo do *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*) tiveram uma grande importância no processo de mobilização de protestos como a Primavera Árabe no Oriente Médio, as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil; Os Indignados na Europa e *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos (SERRA JÚNIOR; ROCHA, 2013). Nesse contexto o Ocupe a Ponte, que aconteceu em 2016, é mais um dos movimentos sociais que tiveram influência das NTICs, visto que uma das primeiras ações do grupo foi criar a página no *Facebook* e que grande parte das mobilizações e divulgações eram realizadas por meio dessa rede social. Mas é importante levar em conta as diferenças proporcionais quando comparamos a ação em Quixeramobim com os exemplos citados que tiveram repercussão internacional.

Também é de fundamental importância esclarecer que grande parte dos jovens que construíram o Ocupe a Ponte fizeram parte dos protestos de Quixeramobim em meados de

2013 que ocorreram a partir da influência das Jornadas de Junho. As formações de ambos os movimentos na cidade interiorana foram semelhantes: horizontal, sem lideranças políticas ativas, de forma voluntária e com organização por meio das redes sociais, especificamente do *Facebook*.

Em determinado momento da entrevista, Gomes (2021) explica que durante os protestos de 2013 surgiram inúmeros vínculos afetivos que se mantiveram até a eclosão do Ocupe a Ponte:

Foram feitos muitos vínculos lá, foi a primeira vez que eu vi pessoas de várias classes sociais juntas harmonicamente em prol de alguma coisa. [...] estava todo mundo junto em prol de um mesmo propósito e aquilo nos aproximou também. Pronto, eu acho que pode ser uma coisa que veio daí também, da gente entender que existem mais pessoas que também se sentem incomodadas com alguma situação, que acham que podem mudar, que querem fazer alguma coisa para mudar, então elas se organizam.

Serra Júnior e Rocha (2013) se perguntam sobre a possibilidade de ferramentas como o *Facebook* e o *Twitter*, surgidas por volta do ano de 2005, estarem revolucionando a forma como a sociedade se organiza, o que também é nítido durante o desenvolvimento de todo o processo do Ocupe a Ponte.

Neste contexto, Brignol (2014, p. 258) dispõe-se a discutir as diferentes formas de como *Facebook* pode ser uma ferramenta apropriada:

Para construir uma pauta plural de reivindicações, refletir sobre suas formas de ação, colocar em contato diferenças, criar sentimentos de pertença e vínculos entre sujeitos com posicionamentos diversos e, ainda, construir dinâmicas de interação e visibilidade para as ações de protesto.

Segundo Gomes (2021):

O *Facebook*, na época, era melhor e a gente queria realmente atingir um público. Qual era o público que falava da gente? A galera mais velha que não entendia essa rebeldia ou achava que nós éramos rebeldes [...]. Então a gente tinha que atingir esse público para mostrar o que a gente estava fazendo. Não que nós devêssemos satisfação, mas para que, de alguma forma, eles entendessem. [...] E aí o Facebook era mais fácil porque a senhorinha tinha; a criança tinha; o jovem tinha; então a gente conseguia, além do público que a gente queria atingir, [...] outras pessoas que também queriam se juntar.

Assim sendo, a partir da discussão de Brignol (2014, p. 260), sob o aporte de Gohn (2013), é possível sintetizar os chamados Novos Movimentos Sociais (NMS), que seriam organizações sem “uma clara definição classista, como na lógica dos movimentos sociais do século XIX e começo do XX, contrapondo-se, na Europa, ao antigo movimento da classe trabalhadora e, na América Latina, aos movimentos envolvidos no esquema de políticas populistas.”

Ainda Brignol (2014), os NMS fazem parte de uma nova forma de fazer política que agrupa organizações que trazem à tona a politização de novos temas com o objetivo de mobilizar a sociedade e pressionar as políticas do Estado através de ações diretas e, assim, mudar valores e princípios dominantes, além de alterar situações de preconceito e discriminação (ações e atividades presentes na realidade do Ocupe a Ponte). Gohn (2013) afirma que os NMS têm uma perspectiva de atuação mais descentralizada, sem hierarquias definidas e com ações abertas, espontâneas e fluídas, como também é possível observar no movimento social de Quixeramobim.

Apesar das primeiras aparições da noção de NMS terem surgido já na metade do século XX, essa teoria indica uma quebra na abordagem teórica dos Movimentos Sociais (MS) e, segundo Brignol (2014, p. 261), apesar das distinções entre os fenômenos (MS e NMS), essa ruptura:

Ajuda a entender as lógicas e dinâmicas de movimentos contemporâneos e suas formas de ação. A partir desta perspectiva [...] entendemos movimentos sociais como uma proposição construída a partir de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto em comum ou uma utopia, sintetizando um sentido de totalidade do movimento, em um contínuo processo em construção.

Em consonância a esta ruptura dos NMS com os MS, Severo, Hoefel e Shimizu (2017) realizaram uma pesquisa para entender os pontos de vistas de participantes de cinco movimentos sociais brasileiros sobre o uso das redes sociais virtuais como ambientes de debate e discussão política. No estudo, as três pesquisadoras identificaram certa falta de clareza e posição sobre essa questão por parte dos movimentos sociais, especialmente os clássicos. Entretanto, notaram uma tentativa de lidar e compreender essas novas questões e potencialidades que divergem dos modos históricos de organização e luta. As pesquisadoras notaram a inexistência de consenso acerca do tema e, em alguns casos, uma clara tendência de descrença.

Outro conceito que ganhou forças a partir dos protestos de Junho de 2013 e que pode ser útil para realizar um paralelo com os Novos Movimentos Sociais e, por que não, com Ocupe a Ponte foram os Novíssimos Movimentos Sociais.

O caráter dos Novíssimos Movimentos Sociais é o que mais assemelha-se às características do Ocupe a Ponte: jovens contestadores que buscam coletivos não institucionalizados de caráter anticapitalista baseado em uma recusa a disputas internas (com foco em uma organização horizontal) e que ajam por meio de ampla mobilização através de rede sociais digitais (AUGUSTO; ROSA; RESENDE, 2016). Entretanto é importante

ressaltar uma diferença entre o Ocupe a Ponte e os Novíssimos Movimentos Sociais: a rejeição a diálogos com representantes estatais por vias institucionais, visto que o grupo, em vários momentos, se reuniu com representantes do governo municipal para discutir as reivindicações do movimento, entre elas, a revitalização da Ponte Metálica e o uso consciente do Memorial Antônio Conselheiro.

Outro aspecto que assemelha o Ocupe a Ponte ao conceito de Novíssimo Movimento Social é a elaboração de táticas distintas das tradicionais. O grupo, de forma horizontal, produziu, como já foi dito, inúmeras estratégias inovadoras a fim de demonstrar à sociedade quixeramobinense o porquê de estarem naquele espaço. Segundo os entrevistados, em uma perspectiva municipal não houve, em Quixeramobim, nenhum outro movimento parecido com o Ocupe a Ponte¹¹.

Augusto, Rosa e Resende (2016) também explicam que uma forte característica dos Novíssimos Movimentos Sociais são os registros instantâneos¹² de ações através de celulares e diferentes formas de mídias móveis, que ajudam a difundir suas ações por meio de ferramentas como *Twitter*, *Facebook*, *YouTube*, *Tumblr*, *blogs*, etc. É relevante perceber como esse tipo de característica influenciou as raízes da própria criação do Ocupe a Ponte, visto que grande parte dos jovens criadores do movimento também participaram das manifestações em junho de 2013 em Quixeramobim, essas que foram instigadas pelos registros instantâneos das Jornadas de Junho em outras regiões do Brasil.

A partir dessa reconstituição histórica é possível perceber o fio que liga o surgimento do Ocupe a Ponte com um legado de lutas mais antigas.

É importante esclarecer que, embora os hodiernos movimentos sociais que fogem de representações e institucionalizações ao redor do mundo tenham suas particularidades, eles trazem um legado das lutas que se iniciaram na década de 1960 - principalmente com movimentos contra-culturais, como dos *hippies* e posteriormente dos punks e autonomistas. No entanto, tomaram a forma com a qual se apresentam hoje a partir da década de 1990 com o movimento antiglobalização a partir dos protestos contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizada em Seattle, em novembro de 1999. Posteriormente esses movimentos foram pacificados em pautas ditas propositivas no interior do Fórum Social Mundial de 2001, mas suas novas táticas já haviam se espalhado pelo planeta (AUGUSTO; ROSA; RESENDE, 2016, p. 8).

¹¹Durante a entrevista, Gomes (2021) cita a existência do Movimento Antônio Conselheiro, uma organização precedente que foi criada em Quixeramobim a fim de incentivar a preservação da memória de Antônio Conselheiro e seu legado. Porém, o MAC tem poucas semelhanças com o Ocupe a Ponte.

¹²O próprio episódio que culminou na criação do Ocupe a Ponte tem relação com registros instantâneos divulgados em redes sociais (exposição fotográfica da ocupante).

Dentro desse contexto, discutir as características do Ocupe a Ponte a partir de um paralelo entre os conceitos de Novos Movimentos Sociais e Novíssimos Movimentos Sociais ajuda a identificar o que foi o movimento de jovens de Quixeramobim.

3.2 Análise do Discurso

Para contribuir com o êxito dessa pesquisa é necessário explanar sobre como funciona a Análise de Discurso, visto que é essa a metodologia que guiará todo o processo de execução do terceiro capítulo. À vista disso abordo agora sobre como funciona a Análise de Discurso baseado no livro "Análise de Discurso: princípios e procedimentos" de Orlandi (2005).

Dessa maneira, os sujeitos, em seu cotidiano, estão submetidos aos equívocos e à opacidade da linguagem, ou seja, as pessoas estão sujeitas ao simbólico do dizer. Há um comprometimento da linguagem com os sentidos e o político (ORLANDI, 2005).

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem (ORLANDI, 2005, p. 15).

Para a Análise do Discurso a língua não é um sistema abstrato, mas sim algo posto no mundo, um elemento que atravessa a vida das pessoas enquanto sujeitos de uma forma específica de viver em sociedade, sujeitos da história que estão submetidos aos processos e condições de produção da linguagem. Assim sendo, a Análise do Discurso considera a relação da língua com as pessoas e as dadas situações onde se produz o dizer (ORLANDI, 2005).

Ou seja, a metodologia da Análise do Discurso proposta por Orlandi (2005) não enxerga a linguagem apenas como uma série de códigos, letras, formas, diálogos, signos ou símbolos, mas sim como um fenômeno que considera as pessoas na história e analisa o conteúdo a partir da relação da língua com os sujeitos falantes e as circunstâncias em que o dizer é produzido. “Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (ORLANDI, 2005, p. 25).

Dessa forma eu, como analista do discurso, devo relacionar a língua com a exterioridade do sujeito que, nesse caso, são os jovens que construíram o Ocupe a Ponte por meio, dentre outros elementos tratados no primeiro capítulo, da página de *Facebook* do coletivo. Orlandi (2005, p. 17) parte do pressuposto que “a materialidade específica da

ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia.” Isto é, sem pessoas não existe discurso e sem pessoas não há ideologia. A língua só faz sentido porque os sujeitos são atravessados pela ideologia e também pelo inconsciente. Doravante, para a autora tudo o que é dito, independente da forma, é marcado pela ideologia, uma vez que o ideológico é materializado na própria língua, nas palavras de quem diz.

Na análise do discurso a língua é trabalhada como um sistema sujeito a falhas e erros e a noção de ideologia é tida como constitutiva, ao mesmo tempo, do sujeito e da produção dos sentidos do dizer.

É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real. Essa é a maneira mais forte de compreender a práxis simbólica. O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia (ORLANDI, 2005, p. 95-96).

É importante não confundir Análise do Conteúdo com Análise do Discurso. A primeira busca entender, de forma mais direta, o que certo texto quer dizer. Já a segunda, e a que me proponho usar neste trabalho, não enxerga a linguagem como transparente, mas sim como algo opaco, que contém opacidade, como foi citado no começo do capítulo. Portanto, o objetivo da análise do discurso é entender como os textos significam e não o que eles significam em uma perspectiva de transmissão de informação apenas.

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história (ORLANDI, 2005, p. 19).

Segundo Orlandi (2005), para a Análise do Discurso, nenhum discurso proferido, seja ele qual for, é tido como um ato de liberdade; há, no dizer, condicionantes linguísticos, determinações históricas, falhas, opacidades e equívocos. E são exatamente essas ressalvas da língua que possibilitam o fazer discursivo.

De modo geral, a análise do discurso busca entender de que forma os objetos simbólicos (nesse caso a página de *Facebook* do Ocupe a Ponte) produzem sentidos. Para isso, a metodologia leva em conta os gestos de interpretação do domínio simbólico, já que eles modificam o real do sentido.

A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e o que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2005, p. 26).

Isto posto, a partir da pergunta que guia este trabalho¹³ é possível organizar a relação do processo de pesquisa com o discurso, o que leva à construção do que Orlandi (2005) chama de dispositivo analítico, ou seja, a mobilização dos conceitos e da metodologia utilizada no primeiro capítulo e na primeira parte do segundo capítulo. É importante ressaltar que o dispositivo analítico (conceitos, procedimentos e metodologias) relaciona-se com o dispositivo teórico (neste caso, a Análise de Discurso). Com a harmonia entre essas duas ferramentas espero responder à pergunta.

As condições de produção históricas/sociais do dizer estão presentes no modo como se diz e isso deixa vestígios que devem ser apreendidos pelo analista. Esses traços ajudam o pesquisador a entender as práticas discursivas produzidas pelo objeto de estudo. Entretanto, apesar dessas pistas deixadas terem grande relação com o que é dito, o que não é dito e o que poderia ser dito e não foi também é fundamental para o processo de busca. Ou seja, as “margens” do dizer devem ser traçadas para alcançar o propósito da análise do discurso. Assim como também é fundamental discernir, ainda no começo do processo, o contexto imediato do que foi dito.

A partir daí Orlandi (2005) discorre sobre como o conceito de memória (interdiscurso) é fundamental para a análise do discurso. A memória é como se fosse o arcabouço de saberes discursivos que existem para que o dizer possa ser dito; é o que sustenta e possibilita o sentido do dizer, afetando o sujeito em todas situações possíveis.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2005, p. 31).

Nessa perspectiva Courtine (1984) explica que existe o interdiscurso e o intradiscurso. Para facilitar a compreensão, o interdiscurso (memória) é representado por um

¹³Quais as práticas discursivas produzidas pelo movimento Ocupe a Ponte a partir da página de *Facebook* do coletivo?

eixo vertical em que está todo o arcabouço de dizeres que já existem (esquecidos) e o intradiscorso (formulação) é retratado seria o eixo horizontal, ou seja, é o suporte para tudo aquilo que o sujeito diz e formula, independentemente da situação e da forma do dizer. A partir do eixo vertical, cria-se a possibilidade do eixo horizontal em um sentido de sinergia.

Orlandi (2005, p. 36) explica essa questão de confluência entre o esquecido e o formulado¹⁴, onde a tensão entre o mesmo e o diferente produz todo e qualquer discurso:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos. Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante. Ele é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são 'defeitos', são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos "esquecem" que já foi dito - e este não é um esquecimento voluntário - para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 2005, p. 35-36).

Para a autora a incompletude é uma condição da linguagem e do sujeito. A falta, a relação, o espaço e o movimento são partes constitutivas de ambos. E é justamente essa "imperfeição" que denota as inúmeras possibilidades simbólicas do que pode ser dito. Porém, essa amplitude da língua não quer dizer que não haja administração, coerção, condução e controle do discurso. Por estar aberto, o dizer (portanto o sujeito) está submetido "à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização, esta é ainda uma maneira de refletir a linguagem aos limites moventes e tensos entre a paráfrase e a polissemia." (ORLANDI, 2005, p. 52).

A partir daqui Orlandi (2005) debate o processo de transformação dos sujeitos e dos sentidos que só acontecem porque as pessoas são passíveis ao erro e a história é suscetível à ruptura. "É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados." (ORLANDI, 2005, p. 37).

A conexão entre o eixo vertical (interdiscorso) e o eixo horizontal (intradiscorso) não funciona de forma aleatória, há uma relação intrínseca entre eles, visto que todo discurso está relacionado com outro. Um dizer está conectado com passados que o sustentam e o

¹⁴ Outras palavras para indicar o interdiscorso e o intradiscorso são, respectivamente, paráfrase e polissemia.

discurso presente irá, de alguma forma, ser a argamassa dos futuros; é um processo contínuo, amplo e dilatado, sem ponto de começo ou ponto final.

A relação entre os eixos acontece em um nexo de produção de novos e diferentes sentidos e essa conexão é vigorosamente manada pela simbolização das relações de poder e de força e uma das consequências desse fenômeno é que as evidências do sentido, que fazem as pessoas terem tanta certeza de que realmente têm total controle e ciência do que quer estejam falando, são, na realidade, efeitos ideológicos construídos. Orlandi (2005, p. 39-40) explica que o local de onde o sujeito fala constitui, de forma significativa, o dizer:

Se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na 'comunicação'.

Por conseguinte, as relações de poder e de força da nossa sociedade moldam o imaginário dos sujeitos, estes que, por sua vez, são parte integrante da linguagem. A imagem que se tem de um professor, de um estudante, de um dono de bar ou de um prefeito não surge do nada. Tudo se forma com base em conexões simbólicas e políticas perpassadas por discursos e instituições. Entretanto, observar os cargos e funções do sujeito não é suficiente para a análise do discurso. É preciso transpor esses imaginários e essas relações de poder a fim de compreender o dizer e seus processos discursivos, visto que os sentidos não podem ser apreendidos apenas por meio das palavras, é preciso ir além. “O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.” (ORLANDI, 2005, p. 43).

As palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja determinado ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2005, p. 43).

Nesse sentido, Orlandi (2005) explicita que as formações discursivas são regionalizações do interdiscurso (eixo vertical), isto é, espaços específicos. As incontáveis possibilidades de paráfrases determinam, pela memória, as formações discursivas.

Contudo, apesar do uso do termo regionalização, é indispensável afirmar que as formações discursivas não são vínculos homogêneos, mas sim fenômenos contraditórios,

[AMdSFM1] Comentário: ATENÇÃO O Otávio!
Parte dessa citação está repetida na página 67. REVER!!!!

heterogêneos em sua própria natureza. As fronteiras dessas regionalizações são fluidas e, a todo instante, estão em movimento. É com base nesta diversidade que o analista deve trabalhar: investigar as condições sócio-históricas de produção do dizer e verificar as questões relacionadas ao eixo horizontal e vertical para remeter o objeto de análise a uma formação discursiva e não outra (ORLANDI, 2005).

Além de analisar o dito, é necessário que o pesquisador investigue também o sujeito que disse. Isso porque todos os sujeitos são constituídos de interpelações ideológicas que estão postas em formações discursivas específicas e Orlandi (2005, p. 45) detalha tal característica: “esta forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomas (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres.”

Por conseguinte, é possível compreender que o sujeito cria sentido em uma relação intrínseca com a história e é a partir da própria interpretação subjetiva das coisas que as pessoas lidam com a exterioridade. E é exatamente nos processos interpretativos que Orlandi (2005) destaca a ideologia, visto que, ao interpretar certo fato com o objetivo de dar razão à própria vida e viver em sociedade, o sujeito apreende sentidos baseados em predeterminações e condições (o que muitas vezes é ignorado pelo próprio sujeito e traz em sua mente a impressão de originalidade dos próprios dizeres e de transparência da linguagem, quando, na verdade, o que há é a opacidade da mesma).

O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação, e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo - ideológico- de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências - como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade - para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2005, p. 45-46).

Como já foi dito, o interdiscurso ampara o dizer em meio a memórias e formulações esquecidas que proporcionam ao sujeito a ilusória sensação de que ele é o senhor do que diz, apenas de não ser. Porém, esse esquecimento (apagamento) é peça fundamental para que as pessoas consigam se encontrar e dar sentido à própria identidade.

Portanto, é função do analista de discurso expor essa falsa transparência da linguagem e denotar ao leitor as opacidades do texto estudado para assim apreender os

processos de produção e efeitos do que foi dito, bem como para buscar compreender as práticas discursivas produzidas; não em uma busca pelos sentidos “verdadeiros” do objeto (até porque não é esse o objetivo), mas em uma tentativa de compreender a materialidade linguística e histórica do que está sendo estudado.

Durante todo o processo analítico, além de descrever a produção de sentido com base no interdiscurso e no intradiscurso, o analista deve observar os “efeitos metafóricos”. Sob o aporte de Pêcheux (1969), Orlandi (2005) declara que a metáfora permite a compreensão da articulação entre estrutura e acontecimento. O efeito metafórico é uma substituição contextual entre dois sentidos. “Em outras palavras, a interpretação é constitutiva da própria língua. E onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar.” (ORLANDI, 2005, p. 78).

A metáfora é transferência, é deslize e tem relação direta e objetiva com a produção de sentido e da constituição do sujeito. Ou seja, a produção de sentidos está submetida ao deslize e à transferência porque sempre há no dito outras possibilidades constitutivas. “O efeito metafórico, o deslize - próprio da ordem do simbólico - é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa é a relação entre a língua e o discurso.” (ORLANDI, 2005, p. 80).

Este modo de conceber o deslize, o efeito metafórico, como parte do funcionamento discursivo, liga-se à maneira de se conceber a ideologia. Pensando-se a interpretação, esse efeito aponta-nos para o “discurso duplo e uno”. Essa duplicidade faz refletir um discurso a um discurso outro para que ele faça sentido; na Psicanálise, isso envolve o inconsciente, na análise de discurso, envolve também a ideologia. Essa duplicidade, esse equívoco é trabalhado como a questão ideológica fundamental, pensando a relação material do discurso à língua e da ideologia ao inconsciente (ORLANDI, 2005, p. 80-81).

A forma como Análise do Discurso vê o deslize (efeito metafórico) tem relação direta com a concepção de ideologia. Na perspectiva da interpretação, Orlandi (2005) assinala o que ela chama de “discurso duplo e uno”, ou seja, um certo discurso só tem sentido porque ele incide sobre outro discurso. Essa duplicidade é um lugar onde a história e a língua estão conectadas pela metáfora (deslize/equívoco) dos sentidos e é exatamente aí que o trabalho de interpretação, o trabalho ideológico, é definido. “Como esse efeito que constitui os sentidos constitui também os sujeitos, podemos dizer que a metáfora está na base de constituição dos sentidos e dos sujeitos.” (ORLANDI, 2005, p. 81).

Na análise do discurso a noção de língua é trabalhada como um sistema sujeito a falhas e erros e a noção de ideologia como constitutiva tanto do sujeito quanto da produção dos sentidos.

Também é fundamental denotar que para a análise do discurso o discurso não se trata apenas de um conglomerado de textos, mas sim de uma prática com consequências sócio-históricas. Porém, a prática discursiva é entendida, nesta metodologia, como uma prática simbólica.

4 PROCESSO DE ANÁLISE

O objetivo desta parte do trabalho é utilizar a metodologia proposta por Orlandi (2005) e o dispositivo teórico construído nos capítulos anteriores para compreender quais as práticas discursivas produzidas e as produções de sentidos implicadas nos textos da página de *Facebook* do Ocupe a Ponte. Para isso, é fundamental entender que, como diz Orlandi (2005, p. 72) “um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso.”

O primeiro passo para alcançar o objetivo desta pesquisa é descrever o objeto de análise que é, como já dissemos, os dizeres produzidos a partir da máxima “Ocupar a Ponte é um Ato Político #ocupeaponte”. O texto foi o primeiro a ser publicado na página do *Facebook* do Ocupe a Ponte e serviu de base para uma série de outras publicações (FIGURAS 8, 9, 10 e 11) que tinham o mesmo objetivo: demonstrar que, ao contrário do que pensava e dizia certa parte da população quixeramobinense, a ocupação da Ponte Metálica tinha “caráter político” (de debate sobre problemáticas da cidade) e não era apenas uma justificativa para consumo de drogas lícitas e ilícitas.

A primeira imagem da página (FIGURA 13) mostra, ao fundo, uma visão panorâmica da Ponte Metálica enquanto uma mulher está prestes a atravessar a passagem. Sobre a fotografia há um círculo cinza com certo grau de transparência e, dentro do mesmo, a frase escrita em uma tipografia preta e, logo abaixo, a #ocupeaponte. Muito provavelmente o círculo foi colocado dentro da composição para garantir a leitura da frase, visto que sem a presença da forma geométrica a compreensão da mensagem seria prejudicada.

Figura 13 – Primeira imagem da página “Ocupe a Ponte”



Fonte: Ocupe a Ponte (2016b).

É interessante denotar que quem fotografou a imagem estava posicionado dentro do bar que fica ao lado do ponto turístico e que foi o estabelecimento pivô da polêmica que culminou na criação do coletivo. Porém, na época da fotografia, o locatário da propriedade ainda era outro e não o homem que expôs a identidade de uma ocupante nas redes sociais.

Assim sendo, todos os outros dizeres que compõem essa série de publicações que buscaram, no começo da página, denotar o “caráter político” do “Ocupe a Ponte” trazem o mesmo formato. Sempre imagens da Ponte Metálica com transeuntes, um círculo cinza transparente, a #ocupeaponte na parte de baixo da forma geométrica e frases que indicam temáticas semelhantes: o clamor em prol da luta contra a higienização proposta pelo locatário do bar (“vai ter ocupação na Ponte sim”; “bem comum”; “lugar de socialização”), a reafirmação da ocupação do ponto turístico (“ato político”; “vai ter ocupação”) e a denúncia da falta de monitoramento e conservação do patrimônio histórico/cultural de Quixeramobim (“cuidar da Ponte). Também é importante ressaltar que essa série de publicações, após determinado tempo de execução do movimento, foi substituída por um conteúdo que priorizava a divulgação da programação das ações do coletivo.

A ideia dessa série de publicações era, como explicitado no primeiro capítulo, mostrar ao povo quixeramobinense que aqueles jovens e adolescentes ocupavam a Ponte Metálica não apenas para consumir drogas e para realizar festas. O objetivo era muito maior e mais complexo. Além disso, esse conteúdo é formado por peças de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente do que apenas uma publicação no *Facebook*.

Dito isso, escolhi a primeira publicação como ponto de partida central para compreender quais são as práticas discursivas produzidas pelo movimento.

Definindo o objeto de análise é necessário atravessar o que Orlandi (2005) chama de processo de desuperficialização, que consiste em uma descrição do objeto (que já foi realizada) em que devesse trazer o que se diz no texto, como se diz e em que circunstâncias se diz. Ao destacar o que mostra a sintaxe do que foi dito surgem as primeiras pistas para compreensão do modo como o discurso se textualiza.

Nessa perspectiva, o objeto de análise dessa pesquisa está inserido dentro de uma rede social e como diz Santos e Couto (2018), essas redes são locais onde as pessoas podem se aproximar e interagir a partir de grupos criados com o intuito de discutir e fazer política, que foi exatamente o que aconteceu com o Ocupe a Ponte. Já Brignol (2017) enxerga as redes sociais como uma forma de demonstrar modos de estar junto, de conexões e de desenvolvimento de laços simultaneamente à possibilidade de propor mudanças sólidas na vida dos sujeitos.

Na mesma medida em que as redes sociais podem ser um espaço de intercâmbio e de possibilidade de proposição de mudanças, a Ponte Metálica surge para aqueles jovens como um lugar de troca e de afetividade para conhecer os outros e formar laços, mas ao mesmo tempo também simboliza o início de uma trajetória de tentativa de mudança da realidade quixeramobinense, que foi apoiada pela criação de conteúdo digital.

É inegável a noção de que as NTICs influenciaram aquele grupo de jovens e, a partir da criação da página do *Facebook*, o Ocupe a Ponte desenvolveu características que o inserem na concepção do ciberativismo, uma vez que as práticas de comunicação e divulgação do movimento foram mediadas pelas NTICs. Um conjunto de jovens indignados e marginalizados utilizando as redes sociais a fim de reivindicar direitos, ideias e liberdades.

Também é evidente que os atributos do “Ocupe a Ponte” dão a entender que o coletivo tende a ser caracterizado como um NMS, apesar de apresentar uma série particularidades que também o aproximam do conceito de Novos Movimentos Sociais.

Com base nesse panorama é interessante debater como foi e em que circunstâncias foram produzidos os conteúdos da página de *Facebook* do Ocupe a Ponte. É certo que durante grande período de execução do movimento e de ativação do coletivo nas redes sociais, Gomes (2021) esteve à frente, sozinha, na produção das peças digitais. Os participantes do grupo debatiam os conteúdos em reunião e ela, de forma amadora, criava as composições.

Mas quais circunstâncias envolviam a arquitetura e confecção dos conteúdos? O Ocupe a Ponte surgiu em Quixeramobim, no interior do Ceará, onde as políticas públicas de entretenimento e cultura sofrem um grande déficit quando comparadas às de regiões mais

urbanizadas e desenvolvidas. Por isso, um fator que instigou a criação do movimento foi o sentimento de impotência presente nesse grupo de jovens que não possuía dinheiro suficiente para usufruir de opções de entretenimento pago, o que era agravado pela carência de opções públicas e/ou gratuitas de lazer.

Após o processo de ocupação da Ponte Metálica em busca de sanar essa falta houve, por parte de certa parte da população quixeramobinense, uma tentativa de expulsar aqueles jovens do espaço, ou seja, um esforço para “higienizar” o ponto turístico. Os jovens eram estereotipados como “viciados”, “aidéticos”, “marginais”, “drogados”, “vagabundos”, etc. E o uso de drogas ilícitas, principalmente a maconha, era um dos principais fatores para o preconceito das pessoas.

Assim sendo, os dizeres das primeiras publicações do Ocupe a Ponte no *Facebook* foram criados em uma perspectiva de resposta às tentativas de higienização do espaço e aos estereótipos que recaíram sobre os jovens ocupantes. Dessa forma, as publicações surgem como fruto de um pensamento conjunto que tentou representar a resistência coletiva daquele grupo de amigos que enxergavam, na Ponte Metálica, um local de afetividade onde podiam expressar as próprias idiossincrasias, mesmo em uma cidade marcada pela heteronormatividade e pelo cristianismo.

O conjunto de publicações de “caráter político” esteve no começo do processo que levou à série de eventos, festas, ações e debates do Ocupe a Ponte que envolveram temas como: raça, gênero, sexualidade, violência, violência policial, uso de drogas, redução de danos, proibicionismo, etc.

Porém, os integrantes do Ocupe a Ponte, ao desenvolver e construir os textos das publicações, o fizeram por meio do processo de interpretação, assim como é em todas as produções de discurso da nossa sociedade e, em uma análise do discurso, o processo interpretativo faz parte da análise do objeto.

Posto isso, ao dizer "Ocupar a Ponte é ato político" o processo de produção de sentidos da página do movimento abre o pressuposto de que, para alguém, ocupar a Ponte não tem relação alguma com política e até mesmo tem relação com inferências à vagabundagem e à drogadição. Isso acontece porque no dizer há sempre um não dizer e esse apagamento acontecem na medida em que a produção de determinados efeitos de sentidos silencia outros.

Do mesmo modo, uma formação discursiva pressupõe outra: “Ocupar a Ponte é um ato político” significa pela sua diferença com, por exemplo, “Ocupar a Ponte é um ato de vagabundagem” ou “Ocupar a Ponte é um ato de drogado”, pois, como diz Orlandi (2005, p.

84-85) “o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito. As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio.

Por conseguinte, é substancial desfazer a ilusão de que o que foi dito só poderia ser dito daquela forma. “Ocupar a Ponte é um ato político” poderia ter sido escrito de diversas outras formas a depender da interpretação dos ocupantes: “Ocupar a Ponte é um ato de coragem”; “Ocupar a Ponte é um ato de revolução”; “Ocupar a Ponte é um processo de cidadania”; “Ocupar a Ponte é fundamental para a juventude” e assim por diante. Cada uma dessas infinitas possibilidades de discursos tem diferentes processos de produção e são afetadas por diferentes memórias discursivas, uma vez que o intradiscorso (formulação) se sustenta no interdiscorso (memória).

A partir desta etapa da análise, é basilar debater a formação imaginária (ORLANDI, 2005) dos membros do Ocupe a Ponte, ou seja, a imagem que se tem deles. Aos olhos da comunidade quixeramobinense há certas tendências quando se trata das opiniões e visões sobre os jovens que construíram o coletivo. Havia, já na época, uma série de apoiadores do movimento que incentivaram a ocupação política dos espaços, como é possível observar no uso da #ocupeaponte no Facebook e na série de doações, pequenos patrocínios e investimentos que o coletivo recebia.

Por outro lado, a formação imaginária dos membros do Ocupe a Ponte também foi marcada pelas imagens de “vagabundos”, “drogados”, “maconheiros”, “marginais” e etc, que, inclusive, serviram como estopim para a criação do movimento. Essas formações imaginárias têm total conectividade com as relações de força baseadas no lugar da sociedade de onde falam essas pessoas.

[...] temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’ (ORLANDI, 2005 p. 39-40).

Os integrantes do “Ocupe a Ponte” falam a partir do lugar de estudantes, desempregados e jovens; isso sem contar com certas formações imaginárias dos mesmos que, como é percebido pelos próprios entrevistados, é um local que perpassa a imaturidade (apesar das boas intenções), a falta de experiência e o sentimento de querer, a qualquer custo, mudar a realidade onde vivem. Enquanto isso, a figura do locatário do bar ao lado da Ponte Metálica, por exemplo, é tida como a de um empresário, um adulto formado. Já o prefeito e o secretário

de cultura da cidade, outro exemplo, falam do lugar de políticos experientes, responsáveis e importantes no âmbito municipal. Todas essas questões condicionaram os discursos produzidos e seus respectivos processos de significação.

Posto isso, fica evidente que o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão de sujeitos. Por sua vez, os sujeitos se subjetivam de várias maneiras diferentes durante um texto e dentro desses textos existem vários pontos de subjetivação (ORLANDI, 2005). Ou seja, o discurso da juventude é uma dispersão de vários textos: os de adolescentes, os de estudantes, jovens adultos, universitários, rebeldes, inovadores e, mais especificamente no caso do Ocupe a Ponte; progressistas, ocupantes, usuários de drogas, anticapitalistas, LGBTs, etc. Os enunciados relacionados aos integrantes do coletivo foram produzidos nas condições histórico-ideológicas que permearam o Ocupe a Ponte e fizeram parte do discurso daquela juventude quixeramobinense.

E em relação às formações discursivas que advém do discurso da juventude quixeramobinense podemos nos perguntar: o que os textos remetem sobre aqueles jovens? Quais as formações discursivas relacionadas com a égide “Ocupar a Ponte é um ato político”? Primeiro de tudo, essa é a forma como aqueles jovens enxergavam o sentido de “ocupar”, de “Ponte”, de “ato político” e, óbvio, da junção dessas três dizes em uma só frase.

A palavra "política", com toda sua memória e discursividade específica daquele momento (direito à cidade, combate ao preconceito contra minorias, luta contra a higienização), quando posta em relação com a palavra "Ponte", produz seus efeitos de sentido, visto que esse ponto turístico de Quixeramobim remete a uma série de formações discursivas.

Para algumas pessoas a Ponte é apenas uma passagem, para outras um caminho para passar com sua moto, para o poder público um ambiente que não merece monitoramento e nem cuidado e para outros é um importante ponto turístico de Quixeramobim. Mas, para aqueles jovens, a Ponte Metálica remete a uma série de outras formações discursivas: marco histórico, ponto turístico, espaço de passagem/caminho, espaço público, espaço de lazer, local gratuito, espaço abandonado e sem monitoramento, espaço para festas, local de encontro, local de afetividade, local de liberdade, etc.

Uma vez atingido o processo de compreender as formações discursivas dos dizes do Ocupe a Ponte, é necessário buscar a compreensão dos processos de produção de sentidos dos textos. Assim sendo, o conceito de efeito metafórico, discutido por Orlandi (2005) é primordial. O efeito metafórico da linguagem é o que atesta a presença da ideologia e, como vimos, o sujeito é linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia. Em vista disso, Orlandi (2005) destaca o que ela chama de metáfora.

Como explica a autora, o efeito metafórico da linguagem é produzido por uma substituição contextual, em uma perspectiva de transferência onde os sentidos estão sujeitos aos deslizes e aos esquecimentos, ou seja, um local da linguagem em que há sempre um "outro" possível que constitui os sentidos.

O efeito metafórico, o deslize - próprio da ordem do simbólico - é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa é a relação entre a língua e o discurso: a língua é pensada 'como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história' (PÊCHEUX¹⁵, 1980 *apud* ORLANDI, 2005, p. 80).

Orlandi (2005) entende o efeito metafórico como parte da prática discursiva e, conseqüentemente, como peça fundamental da maneira de se conceber a ideologia. "É nesse lugar, em que a língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho de interpretação (ORLANDI, 2005, p. 81). Além de constituir os sentidos, o deslize também constitui os sujeitos. Dito isso, podemos nos perguntar: quais os efeitos metafóricos e as formações ideológicas que perpassam os dizeres da página de Facebook do Ocupe a Ponte?

Na análise do discurso a noção de língua é trabalhada como um sistema sujeito a falhas e a noção de ideologia como constitutiva tanto do sujeito quanto da produção dos sentidos. Dessa forma, para discernir as formações ideológicas do Ocupe a Ponte é necessário entender como os jovens do coletivo foram afetados pela história e seus esquecimentos para, a partir daí, produzir discurso.

Considero aqui que toda peça de divulgação em rede social expressa certa ideologia, uma vez que todo e qualquer discurso é atravessado por formações ideológicas que são materializadas nos textos. Assim sendo, relaciona-se que nos textos aqui estudados há formações ideológicas que afirmam a ocupação da Ponte como uma ação política de reivindicação de direitos, ideias e liberdades.

Dito isso, não havia com tanta ênfase, antes do Ocupe a Ponte, formações discursivas e ideológicas que relacionassem a presença de pessoas na Ponte com um ato político de reivindicação de direitos. Foi a partir das práticas discursivas do Ocupe a Ponte, em uma produção de sentidos entre a tensão da paráfrase com a polissemia, que surgiu essa formulação específica que, fundamentada nas ações do coletivo, foi compartilhada com a população quixeramobinense. Nesse sentido é possível perceber que as práticas discursivas geradas pelas publicações da página de Facebook do "Ocupe a Ponte" atravessam os aspectos sócio históricos do município.

¹⁵ PÊCHEUX, Michel. *Lire l'archive aujourd'hui*. [Paris], 1980.

A cristalização do interdiscurso e do imaginário pode ser observada no constante uso de frases que remetem a Ponte às expressões, sempre postas no modo imperativo, como “ato político”, “bem comum”, “ocupação” e “lugar de socialização”. Além disso, a presença de pessoas em todas as imagens remete à memória de ocupação popular.

Porém, como sabemos a partir do conceito de interpretação, o Ocupe a Ponte não foi a fonte deste dizer, visto que todos os sentidos já são compartilhados em sociedade. Assim sendo, a prática discursiva do coletivo relacionou a ideia de ocupação política da Ponte Metálica, em um jogo metafórico de esquecimento, com as memórias de direito à cidade, de falta de lazer/entretenimento público de qualidade e da falta de conservação e monitoramento dos equipamentos públicos, criando uma formação ideológica de reivindicação de direitos, ideias e liberdades no âmbito quixeramobinense.

Ao estabelecer essa relação entre política e a ocupação da Ponte, os jovens buscaram legitimar e fundamentar as próprias atitudes. Deste modo, a presença de ideologia que, para a análise do discurso é efeito da interpelação entre sujeito e linguagem, não é consciente, mas pode ser percebida na prática discursiva do Ocupe a Ponte.

4.1 Discurso autoritário, polêmico e lúdico

Com base em elementos integradores das condições históricas/sociais de produção de sentidos, Orlandi (2005) propõe três critérios de funcionamento do discurso que são úteis: autoritário, polêmico e o lúdico. Discurso autoritário é onde a possibilidade de sentidos (polissemia) é contida porque o locutor trabalha como agente exclusivo e o referente é apagado; discurso polêmico é quando a possibilidade de sentidos é controlada, onde a presença dos interlocutores acontece por meio de uma incessante disputa de sentidos em busca do referente, e discurso lúdico é quando a possibilidade de sentidos é deveras aberta, onde a polissemia é o ponto fundamental e a pluralidade de sentidos ocorre enfaticamente. O referente é quem ele é e os interlocutores reagem a essa presença de forma que não regulam suas relações com os sentidos. Um exemplo de discurso lúdico é a poesia.

Porém, antes de seguir, é preciso manifestar que essas categorizações não são totalizantes e dizem respeito às características internas das práticas discursivas: a relação com os sentidos, a relação entre os sujeitos e a relação com o referente discursivo. Também é importante ressaltar que esses conceitos não foram criados para julgar a índole ou o caráter dos sujeitos dos discursos (ORLANDI, 2005).

[AMdSFM2] Comentário: Sugestão do Orientador:

Talvez não precise ser um tópico à parte mas apenas uma complementação do tópico anterior.

Não é um juízo de valor, é uma descrição do funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas. Não se deve assim tomar, por exemplo, o lúdico no sentido do brinquedo, mas do jogo de linguagem (polissemia) e não se deve tampouco tomar pejorativamente o autoritário como um traço de caráter do locutor, uma questão moralista, mas uma questão do fato simbólico (a injunção à paráfrase) (ORLANDI, 2005, p. 87).

Dessa forma, Orlandi (2005) explica que a nossa sociedade tende a produzir e reproduzir o discurso autoritário em todo o conjunto de práticas, organizações e funcionamentos e quando falamos de Quixeramobim o quadro não é diferente. No cenário desse município cearense, o Ocupe a Ponte surge com forte tendência ao discurso polêmico, visto que este é o critério de funcionamento que discorre sobre práticas de resistência e afrontamento ao autoritário, ou seja, se divide entre o interdiscurso e o intradiscurso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nota-se que Ocupe a Ponte foi mais um movimento social pós 2010 que foi influenciado pelas NTICs e que, por meio do ciberativismo, buscou alcançar mudanças na vida das pessoas e da sociedade quixeramobinense. Nessa perspectiva, também foi possível compreender o coletivo estudado como um Novíssimo Movimento Social.

Posto isso, este estudo possibilitou entender que os conteúdos de movimentos sociais em redes sociais não são apenas um aglomerado de textos e imagens, mas sim questões complexas que têm influência de fatores sócio-históricos relacionados à exterioridade do texto, como, por exemplo, as formações discursivas que advém de ideologias específicas que estão na base da construção dos dizeres e dos sujeitos.

Nesse sentido, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso, a pesquisa desuperficializou o conteúdo das primeiras publicações da página de *Facebook* do Ocupe a Ponte e o entendeu como uma resposta para a higienização imposta ao grupo de jovens de Quixeramobim; jovens esses que atravessaram e enfrentaram inúmeros embates físicos e ideológicos a fim de mostrar (para além da diversão e do consumo de drogas) resistência coletiva e clamor por entretenimento e lazer público, além de protestos em prol da conservação dos equipamentos públicos da cidade.

Esses jovens falavam a partir do local de juventude, uma juventude que dispara inúmeros textos e formações discursivas produzidas a partir das condições históricas e ideológicas de Quixeramobim. Assim sendo, foi possível compreender que a formulação "Ocupar a Ponte é ato político" tem relações com a memória do direito à cidade, do combate ao preconceito e da luta contra a higienização, em uma perspectiva onde a Ponte Metálica remete a um espaço de lazer, afetividade e luta, mesmo diante da realidade da falta de conservação patrimonial.

À vista disso, como toda peça de divulgação em rede social expressa ideologia, foi possível ver, no texto analisado, formações ideológicas que remetem a ocupação popular da Ponte Metálica à ações políticas de reivindicação de direitos, ideias e liberdades, o que, até então, não havia sido observado em Quixeramobim com tanta ênfase.

Ou seja, a prática discursiva do Ocupe a Ponte relacionou a ideia de ocupação política com as memórias de direito à cidade, de falta de lazer/entretenimento de qualidade e da falta de conservação e monitoramento dos equipamentos públicos

Além disso, o Ocupe a Ponte aparece com uma forte tendência ao discurso polêmico, visto que este é o critério de funcionamento que discorre sobre práticas de resistência e

enfrentamento ao autoritário, ou seja, aquilo que se divide entre o interdiscurso e o intradiscurso.

Ao meu ver, os jovens do Ocupe a Ponte formavam uma tribo urbana que se reunia em busca de uma prazerosa interação social momentânea em uma perspectiva inicialmente rasa, porém, com uma maior assimilação política; visto que o grupo se metamorfoseou e os encontros ganharam um caráter de movimento social após os embates com parte da população quixeramobinense. No meu entendimento, os jovens do Ocupe a Ponte formaram, ao mesmo tempo, desde as primeiras idas ao ponto turístico, uma tribo urbana e um movimento social.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira de. **Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais**: repertórios, organização e difusão. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Dissertacao_Livia-Alcantara.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

_____. Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, n. 34, p. 315-338, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p315/33271>. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, jun./set. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22474/18888>. Acesso em: 12 dez. 2021.

ASSUMPÇÃO, Pablo. Queimando o filme: performance, gênero, afeto, coletividade. *In*: OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio Wellington de. (org.). **O corpo implicado**: leitura sobre o corpo e performance na contemporaneidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora 2011. (Coleção Juazeiro). p. 38-58.

AUGUSTO, Acácio; ROSA, Pablo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 21, n. 40, p. 21-37, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7581/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BARBOSA, Nathan Pereira. “Cidade nascida à sombra da cruz”: a invenção da(s) identidade(s) quixeramobiense pelos intelectuais do Instituto Histórico do Ceará (1913-1996). **História e Culturas**, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 8-34, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/3536/3035>. Acesso em: 19 fev. 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, Quantidade e Interesses do conhecimento. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Análise do texto da imagem e do som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-35.

BRIGNOL, Liliane Dutra. #Vem pra rua_Santa Maria: movimentos sociais em rede, mobilização social e usos do Facebook em ações de protesto. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 258-272, maio, 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3521/3031>. Acesso em: 21 fev. 2021.

COURTINE, Jean Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Policromias**, v. 1, n. 1, p. 14-35, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090/3058>. Acesso em: 23 nov. 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Antônio Conselheiro**: memorial será restaurado. 2011. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertaocentral/cultura/antonio-conselheiro-memorial-sera-reestruturado#images-3>. Acesso em: 21 dez. 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-82.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 215-234.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Cultura hip hop e marcas alternativas**: a presença da ideologia e das estratégias mercadológicas. 2006. 179 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/07-Cultura-Hip-Hop.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

_____. *Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social?* **FACOM**, São Paulo, n. 17, p. 61-69, 2007. Disponível em: https://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

GABRIELA. **Ponte metálica**. 2019. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g2344171-Quixeramobim_State_of_Ceara.html#370718022. Acesso em: 21 dez. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

GOMES, Carla. **Entrevista individual em profundidade com integrante do movimento ocupa a ponte**. Entrevista concedida a Otávio Fernandes de Sousa. Quixeramobim, 2021.

FERREIRA, Douglas. **Entrevista individual em profundidade com integrante do movimento ocupa a ponte**. Entrevista concedida a Otávio Fernandes de Sousa. Quixeramobim, 2021.

IBGE. **Cidades e estados**: Quixeramobim. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quixeramobim/pesquisa/22/28120>. Acesso em: 29 nov. 2021

KANDEL, Liliane. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e as pesquisas de opinião. *In*: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2. ed. São Paulo: Polis, 1981. p. 169-189.

KAVADA, Anastasia. Internet cultures and protest movements: the cultural links between satrategy, organizing and online communication. *In*: CAMMAERTS, Bart; MATTONI, Alice; MCCURDY, Patrick. (org.). **Mediation and protests movements**. London: Intellect, 2013. p. 75-94.

LAER, Jeroen Van; AELST, Peter Van. Internet and social movement action repertoires. **Information, communication & society**, v. 13, p. 1146-1171, 2010.

LEMOS, Márcio. **Entrevista em profundidade**. [200-?]. Disponível em: https://www.academia.edu/40341328/Entrevista_em_profundidade. Acesso em: 22 dez. 2021.

MACÊDO JÚNIOR, Daniel Paiva de. **Das ruas às redes: disputa de narrativas e de memória sobre as ocupações universitárias de 2016 no Ceará em tempos de mediação algorítmica**. 2020. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50938/1/2020_dis_dpmaicedojunior.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

MAPA CULTURAL DO CEARÁ. **Memorial Antônio Conselheiro - Quixeramobim**. 2021. Disponível em: [https://mapacultural.secult.ce.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(event:!t\),filterEntity:event,map:\(center:\(lat:-5.199795722022144,lng:-39.29546445608139\),zoom:18\)\)\)](https://mapacultural.secult.ce.gov.br/busca/##(global:(enabled:(event:!t),filterEntity:event,map:(center:(lat:-5.199795722022144,lng:-39.29546445608139),zoom:18)))). Acesso em: 20 dez. 2021.

MARRUL, Bruno Simão Abu. **Drogas, escolas e questões silenciosas: fui aluno, sou professor, o que faço?** 2020. 76 f. Monografia (Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Fortaleza, 2020.

MELO, José Marques. Introdução. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 1-14.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, Natal, v. 1, n. 5, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2029/1464>. Acesso em: 12 nov. 2021.

OCUPE A PONTE. **A ponte é lugar de socialização**. Quixeramobim, 19 de fevereiro de 2016c. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1685061068439535>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **A ponte é um bem comum**. Quixeramobim, 19 de fevereiro de 2016f. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1685063305105978>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **Cuidar do patrimônio é um ato político**. Quixeramobim, 19 de fevereiro de 2016d. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1685053228440319>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **Estamos recebendo doações**. Quixeramobim, 23 de março de 2016g. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1698880737057568>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **Foto da capa**. Quixeramobim, 10 de maio de 2016a. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em:

<https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/a.1685060901772885/1720764748202500>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **Ocupar a ponte é um ato político.** Quixeramobim, 19 de fevereiro de 2016b. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1685053228440319>. Acesso em: 28 dez. 2021.

_____. **Vai ter ocupação na ponte sim!** Quixeramobim, 21 de fevereiro de 2016e. Facebook: @ocupeaponte - comunidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeaponte/photos/1685574415054867>. Acesso em: 28 dez. 2021.

ORLANDI, Eni Puccilleni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 100 p.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours.** Paris: Dunod, 1969. 139 p. (Collection Sciences du Comportement, 11).

QUIXERAMOBIM AGORA. **Estudantes criam movimento para ocupar a Ponte Metálica e cobram reforma do ponto turístico.** 2016. Disponível em: <https://quixeramobimagora.blogspot.com/2016/02/estudantes-criam-movimento-para-ocupar.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.

SANTOS, Bruna Bomfim Lessa dos; COUTO, Edvaldo Souza. “Não vai ter golpe” e “vem pra rua Brasil”: o *facebook* como dispositivo de mediação e organização de movimentos sociais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 438- 461, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/26998/pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.

SERRA JÚNIOR, Gentil Cutrim; ROCHA, Lourdes de Maria Leitão Nunes. A internet e os novos processos de articulação dos movimentos sociais. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 205-213, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v16n2/06.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, Denise Osório; HOEFEL, Maria da Graça Luderitz; SHIMIZU, Helena. Redes sociais, *facebook* e debate político: olhares dos movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 194-201, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93853317004>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SILVA, Reginaldo Ferreira da. **A imaterialidade do bem material: conselheiro e seu memorial (Quixeramobim, 1997-2016).** 2016. 66 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, 2016.

SIMÃO, Marum. **Quixeramobim recompondo a história.** Fortaleza: Multigral, 1995. 432 p.

SOUZA, Vinícius. **Entrevista individual em profundidade com integrante do movimento ocupa a ponte**. Entrevista concedida a Otávio Fernandes de Sousa. Quixeramobim, 2021.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1990.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO UM)

ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE

1- Qual seu nome?

R: Carla Gomes.

2- Qual sua idade?

R: Tenho 25.

3- Qual a sua ocupação?

R: No momento estou trabalhando na Secretaria da Cultura e Turismo de Quixeramobim e presto serviço de assessoria local para algumas empresas dentro da área da cultura e de moda. Faço esse trabalho extra.

4- Por que vocês criaram uma página de divulgação na internet? Qual foi a intenção?

R: Eu não lembro bem do gatilho que fez eu fazer, mas é porque existia uma situação de tentativa de higienização, de querer menosprezar que ali frequentavam por serem pessoas que não tinham condições financeiras, muitas vezes, de acessarem outros espaços, outros lugares ou lugares pagantes. Então a gente acabou criando, meio que coletivamente e sem sentir, uma maneira de produzir entretenimento para essas pessoas com aquelas festas que a gente fazia no lugar que a gente tinha acesso, que era o Bar do Brasil, que na época ainda era o Bar da Dona Rita. Então meio que a gente acabou suprindo essa necessidade de entretenimento, de ter um olhar para essas pessoas que ali frequentavam. De dentro era este olhar, mas de fora era uma visão distorcida por muitas vezes as pessoas fazerem uso de drogas lá no espaço também e isso ser caracterizado no movimento no sentido geral. E a gente passou a se sentir incomodado com aquela situação de tudo que a gente tava fazendo coletivamente ser reduzido a uma imagem de uso de drogas. Então a gente fazia mutirões de limpeza na Ponte, no rio e tal, a gente fazia muitos sebos, apresentações culturais e aí era muito maior do que apenas usar drogas, então a criação da página em si também foi no intuito de querer dar essa resposta à sociedade, de dizer à sociedade: “olha, a gente também faz isso aqui”. E você pode ver que bem no começo da página a gente sempre usava muito o tempo “política”; “ocupar a ponte é um ato político” e a gente foi explicar o porquê; porque a gente também limpava o espaço do rio, porque a gente também agia colaborativamente em muitos eventos, a gente não tinha verba, a gente não tinha interesse de sair pedindo patrocínio e os eventos eram sempre lotados porque eram pessoas que não tinham como acessar aquele entretenimento de outra maneira, ou seja, um papel que deveria ser desempenhado pelo poder público a gente meio que tomou para si pela afetividade que a gente tinha pelas pessoas naquele convívio. Acho que mais ou menos por aí.

5- Há uma página no Facebook, mas houve alguma outra rede social que foi utilizada?

R: Então, existe um processo migratório também. Dado momento existiu uma migração para o Memorial, eu acredito que de tantos debates sobre ocupação de espaços, sobre se apropriar da cidade, a gente falava muito sobre isso, então eu acredito que despertou nas pessoas uma certa consciência política de entender que o Memorial também é um espaço que estava sendo um elefante branco. Aí houve essa migração para o Memorial e lá a gente conseguiu fazer coisas mais estruturadas, tive muita ajuda do Henrique e do Fernando, eles estavam muito presentes comigo nessa fase e a gente criou o *Memor in all* porque não existia nenhum registro, nas redes sociais, sobre o Memorial, a gente criou essa página e lá a gente começou a

desencadear ações e essas ações foram desencadeando uma ocupação. A gente passou dias dormindo lá e ficando lá e isso surtiu efeito. Mas por quê? Com mais ou menos 15 dias que a gente tava lá, a gente conversou com o secretário e o secretário falou: “Carla, tá aqui a chave, se você acha que consegue gerir melhor do que a gente, tá aqui a chave”. Mas não foi em tom de deboche, foi um tom de “eu acredito em você, faça aí para a gente ver”, e me deu a chave e então a gente começou a ocupar, nós tínhamos um rodízio de artistas, fomos fazer um levantamento de artistas, a galera independente que não tinha esse lance de estar lançado em um espaço de comércio, entendeu? Tinha uma banda autoral e tal, que fazia covers, mas que queria muito investir na sua própria ideia, que ensaiava lá. Grupos consolidados como o grupo Fama, que é um grupo totalmente de respeito, a cidade inteira conhece os trabalhos deles, também era um grupo que ensaiava no espaço. Então era um espaço que estava fechado e que poderia muito bem ser utilizado pela comunidade. Qual o artifício que as pessoas usaram mais uma vez? Vincular isso ao uso de drogas e então, mais uma vez, usei da mesma tática, criei essa página do Memorial e comecei a postar as ações. Era muito bacana, eu lembro muito e sou muito grata ao Rabelo, sabe? O Rabelo sempre viu de perto o nosso esforço para isso, inclusive a gente uma vez recebeu uma exposição de joias do Rabelo. Você já pensou? A galera da Maravilha que nunca viu nada do gênero de joias, aqueles jovens de 14 e 15 jovens maravilhados e o cara fala a língua deles, tá ligado? O cara tava lá conversando com eles, explicando, como faz a extração das joias e tal. Momentos como esses são bacanas. Tinha uma galera da Biblioteca que era da parte da geografia que fez uma exposição inteira dentro do teatro, mostrando esse lance de preservação ambiental e aí a galera foi se acoplando, a galera foi passando a respeitar porque estavam realmente vendo a nossa intenção. Sobre o Ocupe, no começo eu fazia as artes muito sozinha, em um processo meio paia. Eu salvava a imagem, ia limpar no *Paint*, aí depois ia no *Photoscape*, ia copiar tudo para deixar bem limpinho para poder botar uma letra em cima. Era muito arcaico. Eu sempre gostei, mas nunca tive desenvoltura com o Photoshop. Então eu fazia muito assim. E aí depois eu vi que a Ravena tinha talento também, que é inegável. A Ravena é foda, é inegável, como designer. Aí ela chegou: “ah, vamos dar uma cara nova à página, vamos fazer uma logo, vamos dividir o trabalho”. Aí a gente passou a compartilhar esse lance, mas já mais perto do fim do movimento, entendeu? Também não sei dizer onde foi que a gente parou, por que a gente parou, como foi que a gente parou. Mas a gente deu um tempo desse lance e rolou mais essa migração para o Memorial. Também porque a Ponte não dá estrutura para shows, ela não dá estrutura para... Demanda muita grana, tudo o que for feito na Ponte demanda muita grana e lá no Memorial já tinha energia, já tinha estrutura, tudo era mais favorável para que as coisas acontecessem e aí rolou muita coisa bacana lá também.

6- E porque escolher especificamente o Facebook? Houve algum critério?

R: Na época o Facebook tinha mais alcance que o *Instagram*. Desculpa se eu estiver equivocada, mas eu acho que sim. Na nossa análise o Facebook, na época, era melhor e a gente queria realmente atingir um público. Qual era o público que falava da gente? A galera mais velha que não entendia essa rebeldia ou achava que nós éramos rebeldes sem causa ou não entendia a nossa rebeldia. O que para mim, hoje, nos meus 25 anos eu compreendo porque a gente era muito louca mesmo. De repente tava tudo bem na cidade, como todo mundo quer, dentro dos padrões e surge uma galera louca daquele jeito, sabe? Então tem esse impacto visual, esse impacto das pessoas terem que engolir, sabe? Terem que lhe engolir. Então a gente tinha que atingir esse público para mostrar o que a gente estava fazendo. Não que nós devêssemos satisfação, mas para que, de alguma forma, eles entendessem. Não é porque você não me aceita que eu não vou lhe mostrar nada. Então a gente queria estar bem abertos literalmente para que as pessoas entendessem. E aí o Facebook era mais fácil porque a

senhorinha tinha, a criança tinha, o jovem tinha, então a gente conseguia, além do público que a gente queria atingir, atingir outras pessoas que também queriam se juntar. E a gente ri muito hoje porque na época que surgiu o Ocupe a Ponte surgiu também o Endireita Quixeramobim. Eles falavam tanto da gente, na página deles grande parte dos *posts* eram sobre a gente e todo evento que a gente fazia eles iam e ficavam lá na quadra. “Ah, porque o espaço é nosso também e tal” e a gente falava: “ok, o espaço é de vocês também, mas vocês não estavam falando que não presta?” Então até a galera que nos criticava também estava lá, entendeu? Eles sempre estavam lá, fazendo tudo do mesmo jeito, fazendo o que eles mesmo criticavam.

7- Como ocorreu a gestão da rede social? Por exemplo: como era feita a produção do conteúdo, quem decidia o que ia entrar, o que não ia, esse tipo de coisa?

R: A gente fazia muitas reuniões e baseado no que coletivamente a gente decidia na reunião eu preparava só as artes. Agora as primeiras artes eu pensei muito sobre essa questão da exposição e logo depois a gente ficou só mantendo a programação, buscando mais parcerias e tal. E aí, a partir disso, a gente montou essa programação de postagens.

8- E a divulgação do movimento era muito dependente da internet?

R: Não. Era muito visual também porque era uma coisa que atravessava a cidade, o centro da cidade. Eu acho que muito mais, a galera via e se sentia impactada e comentava na internet. Eu acho que era um equilíbrio, entre divulgação na internet e visual, presencial mesmo, mas tipo assim, foi muito impactante para a cidade. Tu olhas para trás e tu vê... Caralho, que loucura, todo mundo sabia. Era no Centro da cidade, a galera que passava para a Maravilha sabia, devia ver alguma coisa e comentar. Aí você já tá na internet e ver alguém comentando a mesma coisa, a galera que ia aos restaurantes próximos via, então eu acho que começou a criar, assim, uma história de boca a boca, tanto de bem quanto de mal. Rolou esse lance também, hoje eu entendo que sim porque se fosse hoje e a gente visse uma parada dessa, hoje você tem noção de como é que funciona, a galera do trabalho fala, a galera da feira fala, a galera da faculdade, fala todo mundo comenta as coisas que acontecem na cidade. Na época eu não tinha noção disso, eu achava que só via quem estava ali e na internet era outra história, só via o lado bom, mas não. Muito louco fazer essa análise hoje em dia, eu fico tipo: “porra, foi maior do que o que a gente pensava”. E a gente pensava que era grande. Na época a gente pensava que era grande e foi muito maior.

9- Vocês tinham um grupo privado no Facebook onde vocês debatiam as ações do movimento. Vocês debatiam mais presencialmente ou por meio desse grupo?

R: Ambos. Era do jeito que ficasse mais fácil. Mas acho que é na mesma intensidade. A gente decidia as coisas tanto lá quanto de forma presencial.

10- Qual a sua opinião sobre o uso das redes sociais virtuais como ambiente de debate e discussão política?

R: É voz. Acho de suma importância porque o acesso aos espaços é algo complicado. Ou tu tem dinheiro ou tu tem nome. Se você não tiver nenhum dos dois e tiver conseguido é porque alguém que tem nome ou tem dinheiro te ajudou. Então a rede social dá voz a todo mundo. Foi uma das coisas mais democráticas dos últimos tempos, eu acho. Merda ou não, bom ou ruim, mas tem espaço para falar. Então eu acho importantíssimo para dar voz e visibilidade ao que a galera está fazendo. Acho incrível, apesar de toda a merda que acompanha isso também, mas...

11- Que merda?

R: A merda da gente estar alienado demais nisso, a nossa geração pegou essa transição do analógico para o digital e porra... Minha filha já tem um celular e já me liga na hora que quer, entendeu? Antes não tinha esse lance de filmar tanto, antes não tinha esse lance de você estar de boas em um lugar e fazer alguma coisa e... tem coisas que você fez que morreu ali com seus amigos e hoje em dia não, a galera filma e posta na mesma hora ou faz um ao vivo. Eu acho que hoje em dia a galera pondera mais, a galera não tem tanta coragem de fazer as coisas por causa do medo do cancelamento também, de se expor, de ser exposto e depois estar sofrendo as consequências, tem gente que se mata por isso. Então essa é a parte ruim também. Se o Ocupe a Ponte fosse hoje talvez nós teríamos sido cancelados, mas como foi no começo não tinha esse lance de ser tão instantâneo assim. Na verdade, tinha, mas não era como hoje, hoje é profissão e depois da pandemia todo mundo tem o seu celular, até minha filha tem o celular dela. É muito louco isso, eu acho que é por isso que existe esse cuidado assim, aquela coisa mais engessada.

12- No começo, o que levou o pessoal a começar a frequentar a Ponte?

R: As pessoas sempre apreciaram a Ponte pelo visual incrível, mas não sei, quando eu vi a galera já tava lá. Conheci várias pessoas diferentes e gostei. Também sempre gostei do visual, gostava do bar, de ficar por ali. Tinha muita música boa no bar da Alessandra, ali vizinho, então passei a frequentar mais. Eu me lembro da minha ida, mas como isso aconteceu coletivamente eu não sei em que dado momento isso passou a acontecer.

13- Então para ti foi uma coisa mais de entretenimento?

R: Isso, entretenimento. Total. Eu gostava do visual, sempre gostei, mas passei a ver como um lugar em que eu podia ir lá durante a noite, tomar uma cerveja e tal.

14- E aqui em Quixeramobim existem muitas opções de lazer gratuitas?

R: Não existem. Não é querendo puxar sardinha, mas hoje em dia a gestão da Secretaria de Cultura está bem movimentada e algo que me agrada muito é porque existem novas pessoas que estão produzindo, como é o caso do Pedro Igor e do Pedro Victor, que fazem alguns festivais aqui no Centro, ali em frente aos correios, eles gostam muito daquela praça. São coisas que ocupam o Centro da cidade e é massa. Teve tributo ao Raul, tributo ao Belchior, então é um público que não é muito assistido porque só tem forró, só tem forró. Isso é uma coisa que eu falo muito lá no meu trabalho. A gente precisa de uma maneira que venha a agraciar todos os públicos. Se tu não tem uma grana para pagar um *couvert*, para ficar sentado numa mesa de um restaurante, tu não tem entretenimento, sabe? Tem uma galera que não gosta de forró e isso era outro ponto de assistencialismo do Ocupe a Ponte, que era uma coisa mais alternativa, mais diferente. Então eu vejo, hoje em dia, outras pessoas fazendo, vejo a Secretaria de Cultura mais ativa, tipo, esse ano a gente acabou de sair da pandemia e agora que tá voltando, já teve um festival de violeiros, teve um concerto de pianos semana passada, foi muito bacana, tem peças teatrais. Então eles estão fazendo mais ativamente. Outra pessoa que produz muito aqui na região é o Pedro Igor de novo, mas é pela Casa de Saberes Cego Aderaldo, que é um equipamento regional do Estado, que é de excelente trato e eles têm muito essa de financiar o trabalho da galera que é artista local. Por exemplo, ele foi um grande incentivador desse evento dos violeiros, ele adora patrocinar essa galera que está tentando algo diferente, algo novo e tal. E eu acho isso muito massa. Não tinha nada, mais uma vez, hoje vendo de lá dentro, eu entendo o impacto que a Lei Aldir Blanc teve; a galera tava sem dinheiro. Entendeu? E eu fui colocada para receber essa prestação de contas lá e eu ouvi muito depoimento das pessoas, a galera tava passando fome e aí você joga esse dinheiro na mão do povo e a galera vai lá, ajeita seu instrumento, ajeita seu estúdio, ajeita sua casa,

compra comida também, tava foda. Então mais do que nunca eu não me arrependo de nada porque eu sei que também tinha essa visão, as pessoas me conhecem muito por causa disso. Essa marca do Ocupe a Ponte eu carrego muito ela comigo, pessoalmente falando. Eu até brinquei com o Aldair, uma vez, ele foi falar de mim, fazendo um discurso: “a Carla que foi a grande fundadora do Ocupe a Ponte também”. E eu pensei, cara, é isso mesmo, as pessoas me conhecem muito por causa dessa revolta, então eu sei que, de alguma forma, valeu a pena, pelo menos na minha experiência pessoal, não sei das demais, não sei coletivamente. Hoje, tendo acessado esse espaço de prefeitura, de Secretaria, eu consigo gritar de dentro, entendeu? E reivindicar as coisas de dentro e mais do que nunca passar, com clareza, o que a gente acha sobre as coisas. Todo mundo precisa de alguém que lhe fale a verdade porque você sabe que no serviço público todo mundo quer dar tapinha nas costas: “não, tá ótimo, não, tá massa”. E eu não. Eu digo logo: “não, amigo, não faça assim não, vamos tentar fazer assim porque se você paga um artista de fora, pague o mesmo valor para um artista de casa”. Isso é uma das coisas que a gente fala muito: “pô, vai chamar fulano para fazer não sei o que, então vamos pagar um cachê para ele”. Ninguém é obrigado a trabalhar de graça não, isso é uma das coisas que a gente encerrou. Todo mundo precisa e depois você vai criando consciência disso. Só era massa para a gente fazer aquilo sem ganhar nada porque a gente morava na casa dos nossos pais. Hoje eu não teria condições. Na época partiu de nós por muita vontade, mas se fosse hoje eu não teria como porque eu trabalho, então foi o dia perfeito, a hora perfeita, o momento perfeito. Pronto. É o que tinha que ser. Estava escrito nas estrelas.

15- E como era o perfil das pessoas que iam para a Ponte? Eram pessoas ricas, pobres?

R: Era misto. Eu lembro de um dia que a gente fez uma festa lá no Bar do Brasil e era depois de um show dos Transacionais e eles desceram do palco e foram para lá. Tava a galera da Maravilha e o Xico Sá. A nata do audiovisual de Fortaleza e a gente. Então não tinha isso. O Ocupe a Ponte era democrática para caralho. Foi engraçado, tal hora a polícia chegou e perguntou “quem é o organizador dessa festa, tem que acabar, não sei o que, quando forem fazer essas coisas vocês precisam mandar um ofício e nós não vamos mais receber ofícios em seu nome, como é seu nome?” e o Xico Sá: “olha, a gente não tá fazendo nada ilegal, nada ilegal”. E eu: “tá, tô levando um *back* e sendo defendido pelo Xico Sá, ok, temos um auge na vida”. Foi muito bacana, ele falava sempre assim, eu lembro direto: “viva Quixerabermim, aqui é a Berlim cearense” e eu morrendo de rir pensando “meu Deus, que cara doido”. Mas você fica pensando, todo mundo junto, todo mundo se respeitando, sabe? Então é o acesso aos espaços, pô. Na verdade, o Ocupe a Ponte foi mais contra a higienização e pelo direito à cidade que era negado à galera.

16- E na época como era a preservação patrimonial da Ponte?

R: Cara, a preservação da Ponte pecou em todas as gestões e continua pecando. É como é hoje, de lá para cá não tem diferença, é o mesmo tablado, a galera faz uma reforma há uns dois anos e passou tinta por cima da tinta, nem lixaram. O tablado continua solto, a pintura está péssima. Foi gasto muito dinheiro e entregue daquele jeito. Eu lembro que o Cirilo Pimenta, quando era prefeito, na gestão que coincidiu com a época do Ocupe a Ponte, mandou nos chamar para saber o que nós queríamos. O prefeito mandou nos chamar porque a gente queria falar com ele e ele queria entender o que é o movimento. Hoje eu conheço ele e eu sei que ele é muito curioso, assim, quer saber o que está acontecendo, quer entender para ver se pode ajudar. Daí ele falou: “me explique o que vocês são e o que vocês querem”. Aí eu falei sobre a preservação da Ponte e ele disse: “olha, eu tenho um projeto do que quero fazer com a Ponte”. Aí se ele tivesse ganho, na eleição seguinte, ele que teria feito essa reforma, essa que eu te falei que foi feita por cima da tinta, sem politicagem, estou falando o que eu penso. Aí o Cirilo falou que fez um projeto com o Fausto Nilo, ia ter um sistema de iluminação na Ponte e

no rio, uma ação de revitalização do rio dentro do projeto, ia ser mudado o tablado, ia ser mudado as luzes, tudo na base da energia solar, ia ser auto rentável, ia ser massa. E a gente falou para ele que estávamos putos porque a galera ficava passando de moto em cima da Ponte e de carro também. Então chegava um momento que a gente tinha que ficar desviando de motos na Ponte, era como se a gente estivesse no meio da rua e ali é um passeio público. E aí ele chamou um rapaz que é arquiteto e o rapaz sentou lá com a gente, falou ó: “a gente entende a necessidade e a gente vai fazer um caracol, quem vier de bicicleta desce e tem o espaço de passar e evita da pessoa passar de moto e carro”. Porque bicicleta é uma coisa, mas moto? Por isso que os tablados estão frouxos. Peguei várias vezes o carro da polícia, esses dias mesmo eu vi o carro do Raio passando em cima e lá tem uma placa dizendo que não pode passar. Eles botaram um fio um dia desses, o pessoal não via o fio e passava, caía de bicicleta, eu já vi várias vezes. Era um fio e um cone, mas na época a gente conversou com o Cirilo e ele fez um corredorzinho, lembra? Um caracolzinho. Descaracterizou à frente da Ponte? Sim, mas tinha resolvido o problema. Mas hoje em dia não tem mais, aí eles botam qualquer coisa, botam um cone com fio, aí a galera vinha de bicicleta, não via e caía, um senhorzinho com a bicicleta de cargueira com as coisas dele. Aí é foda. Então a gente reclamou sobre isso, aí eles tiraram o fio e botaram uma placa, mas não rola. Continuam passando do mesmo jeito.

17- Quando vocês começaram a ir para a Ponte, já existia a intenção de criar um movimento político?

R: Não. Pelo menos eu não. A intenção era que não tinha nada, não tinha porra nenhuma, aí a gente passou a fazer nossas próprias festas, só que em locais públicos.

18- E qual foi a motivação para criar o movimento?

R: Esse ponto eu não lembro. O gatilho de ter criado tudo eu não lembro. Eu lembro muito da Virgínia. Eu lembro que houve aquele episódio com o novo dono do bar e aí quando ele entrou, ele achava aquilo ridículo, se eu estiver julgando, desculpa Deus, mas só pode. Porque ele lançou uma onda de higienização explícita na internet. Lembra o que eu falei, né? Lado bom e lado ruim. E aí quando a gente viu aquilo, percebemos que poderia ser a Virgínia ou qualquer outra pessoa, a gente se sentiu ofendido porque andávamos lá. Então acho que isso pode ter sido um gatilho? Pode. Mas se eu te disser que lembro exatamente do dia, do momento, eu não lembro, eu tava chapada direto naquela época.

19- E a partir da criação do Ocupe a Ponte, o que vocês esperavam alcançar?

R: Eu não tinha uma meta não. Eu acho que o lance era, primeiro, fazer a galera perceber que a gente existe, segundo que a gente quer entretenimento e polícia para quem precisa de polícia, a gente não queria só polícia não. A gente queria entretenimento, a gente queria ser reconhecida como cidadão porque nós não éramos um monte de sujeira, entendeu? Que a galera pode simplesmente limpar a gente dali e jogar para baixo do tapete: “vão para casa, fiquem em casa, vocês não têm dinheiro, vocês não têm nada”. Não é assim, não é isso. E mesmo quem tinha condições de estar em outros lugares queria estar lá. Isso é outro lance também.

20- Você sabe de algo semelhante ao Ocupe a Ponte que já havia acontecido em Quixeramobim?

R: Só esse lance do memorial que não foi uma coisa parecida, foi uma coisa continuada, foi um desdobramento. Mas em outro momento, em outra época, eu desconheço. Na verdade, eu não sei. Hoje, por ser amiga dos meninos, eu escuto muito falar que eles tinham um movimento chamado MAC, que era o “Movimento Antônio Conselheiro. E aí eu não sei se era nesse lance de ser a mesma intenção, eu acho que não, mas foi um lance muito importante

para todo mundo que hoje estuda Antônio Conselheiro, foi um divisor de águas para quem estuda Antônio Conselheiro porque essa galera começou a refletir sobre essa memória também.

21- Em 2013 houve um movimento político de jovens em Quixeramobim, um movimento que foi inspirado nos protestos nacionais de 2013. Você acha que houve alguma relação entre esse movimento de 2013 e o Ocupe a Ponte?

R: Teve. Eu conheci você, por exemplo, lá. Foram feitos muitos vínculos lá, foi a primeira vez que eu vi pessoas de várias classes sociais juntas harmonicamente em prol de alguma coisa. Tipo, vocês estudavam todos no Patronato e geral era galera da periferia, entendeu? Então estava todo mundo junto em prol de um mesmo propósito e aquilo nos aproximou também. Pronto, eu acho que pode ser uma coisa que veio daí também, da gente entender que existem mais pessoas que também se sentem incomodadas com alguma situação, que acham que podem mudar, que querem fazer alguma coisa para mudar, então elas se organizam. E o lance de saber que se der merda você não está sozinho é muito importante. É encorajador. Então você saber que mais pessoas pensam como você, já é um passo. Você conseguir organizar essas pessoas já é outro passo que precisou de anos para a gente conseguir fazer e involuntariamente. Mas o lance de você saber que várias pessoas pensam como você é meio libertador assim porque lhe dá coragem. “Não, se der merda a galera vai se foder junto”, porque existe essa insegurança também. Se você faz uma coisa que vai dar repercussão, você sempre se pergunta se está fazendo certo ou então você faz na tora e depois pensa.

22- Além disso, naquela época houve a movimentação nacional em relação aos protestos do “Fora Temer”. Você acha que esse cenário nacional teve alguma influência no Ocupe a Ponte?

R: Não, não nesse. Eu acho que teve influência na gente. Eu acho que foi aí que a gente se dispersou também porque foi muito trash, a gente viu a história tomar rumos horríveis... na verdade a gente continua vendo e enquanto esse merda não sair do poder, a gente continua vendo. Então acho que foi muito mais impactante pessoalmente falando, a gente viu de perto essa galera tomar força e foi desesperador para mim e aí a gente já tava nesse lance do Memorial e a gente decidiu que ia realmente passar a chave para a nova gestão; a gente deixou tudo funcionando e a gente esperava que eles dessem pé, mas não deram, não deram continuidade.

23- Você acha que o Ocupe a Ponte, com todo seu significado e todas as ações, teve algum papel importante na vida dos quixeramobinense?

R: Acho que sim. Positiva ou negativamente deu uma balançada na galera. Porque a vida é mais legal quando os coisas ruins, definidas ruins pelos conservadores que são maioria, são abafadas, são colocadas de lado. Voltamos sempre para o lance da higienização, mas é isso mesmo. Serviu para provar que existe essa galera sim, que existe esse público, que existe a falta, que existe a necessidade, então essas pessoas precisam ser assistidas. Eu acho que o Ocupe a Ponte serviu para mostrar que existe esse público em si. Cabe às gestões, cabe às pessoas que são responsáveis por isso, irem atrás de sanar esse problema. Chegou uma hora que entendemos que nossos braços eram curtos para isso, né? Isso é a coisa que tem que vir do poder público. E eu sinto que existiu uma mudança. Vou dizer para você que foi por causa do Ocupe a Ponte? Não vou te dizer, mas vou dizer que pode sim ter sido uma influência por saber que existe, se a gente ficar calado, como vão saber?

24- E ao seu ver, quais foram as conquistas do Ocupe a Ponte?

R: Ter isolado a Ponte para não passar moto e carro foi uma conquista, apesar de ter sido quebrado depois, ter o prestígio de ter dito ao prefeito que você queria... pô, a pessoa mais poderosa da cidade quer saber o que você quer, então eu acho que foi importante sim, de alguma forma. E foi principalmente importante explicar o que a gente queria, a gente fez uma cobrança e a gente foi ouvido. Então serve também de exemplo, não nossa conduta, mas o ato. Você também pode se organizar com outras pessoas que têm o mesmo objetivo que você e cobrar da pessoa que você elegeu. Eu votei no Cirilo, então nada mais justo do que eu ter ido lá e ter dito a ele o que eu, como sociedade organizada, gostaria dele. Tanto é o trabalho dele como é o meu papel de cidadã. Esse exemplo de ato de acesso, de cobrança, eu acho que é uma coisa que tem valor, independente do assunto, independente de como, é o ato. Acho que estou até sendo repetitiva nisso, mas eu me pego muito pensando nisso.

25- Quais eram as principais táticas que vocês utilizavam para mobilizar as pessoas?

R: A mobilização do Ocupe a Ponte foi muito visual. Como era um assunto que era muito falado, todo mundo queria saber o que era realmente. “Não, mas eu vou pra ver”. E quem ia gostava, na maioria das vezes. Até quem não gostava ia, sabe? Então era muito de acesso, muito visual. A gente teve várias atividades; capoeira, sebo, brechó, a gente teve palestra do pessoal do RUA, então a gente fez essas alianças com outras pessoas que também eram bacanas, a gente conseguiu ir para capacitações em Fortaleza também, teve uma representatividade de um grupo que foi para uma capacitação do RUA, então essas vivências são impagáveis, independente da importância, para você, como pessoa individualmente falando, é uma experiência inesquecível. E você vê onde isso pode chegar, onde isso me levou hoje. Então, para mim pessoalmente falando, foi de grande valia. E essa questão de atrair pessoas, a gente não tinha esse lance de chamar, não era um lance convidativo, as pessoas só vinham.

26- Existia algum tipo de hierarquia ou centralização de responsabilidades dentro do movimento?

R: Não. Existia um lance de você ajudar dentro da sua afinidade. Então se eu tinha mais afinidade... Eu sempre tive uma coisa de produção que já era meu, pessoal. Por exemplo, o Mateus é muito bom em organizar festa, decorar. Mateus pensa em uma coisa, pensa em uma coisa e já faz ali um desenho, já faz uma arte: “quero o palco assim, quero assim e tal, tal, tal”. Como foi no caso do barco: “ai, amiga, vamos fazer a noite das marinheiras”. Aí o Mateus fez um barco, fez umas estrelas, fez não sei o que. O que eu quero dizer é que a gente sabia que o Mateus era a melhor pessoa para fazer aquilo ali, então era ele; e o que eu poderia ajudar? Indo nas lojas atrás de alguma coisa, aí o Seu Fulano deu uma coisa, não sei quem deu outra coisa para a gente decorar, sabe? Todo mundo ajudava do jeito que podia. Geralmente quem se fodia mais era eu, mas é porque eu sou muito desse lance de organização, não era porque alguém dizia assim: “vá, Carla, faça”. Não, era porque eu queria e se eu visse que eu poderia ajudar daquela maneira, massa. Então a gente conseguiu um som, a gente conseguiu várias coisas e se a polícia mandasse fechar o som, a responsabilidade de guardar o som era minha, aí eu fui achar um lugar para guardar... tipo essas coisas. Tinha hora que era paia, mas tinha hora que eu entendia que era porque eu que tava dizendo que eu poderia fazer, não era culpa de ninguém. Todo mundo ajudava da sua maneira. Era muito colaborativo, sabe?

27- Como e por que a Ocupação se ampliou e passou da Ponte para o Memorial Antônio Conselheiro?

R: Não tenho clareza do momento ou do gatilho, mas foi porque a galera passou a ter mais consciência política de espaço, de patrimônio, de direito à cidade e achou que o Memorial

também estava subutilizado e a gente passou a ocupar o espaço por questões de ser favoráveis. Tinha um teatro lá, tinham salas que poderiam ser usadas para exposições de filmes, peças de teatro, a gente fez eventos lá. O sonho das bichas era fazer um miss. “Ai, vamos fazer o Miss o quê? Miss Baixaria, já pensou?”. Agora me diga onde era que a gente ia fazer um evento com o nome Miss Baixaria? Entendeu? Aí as bichas desfilaram, tinha público e para elas, aquilo ali foi muito bacana e depois surgiu a ideia de fazer um Miss Gay e tal, mais organizado. Mas foi por que? Porque tiveram um espaço e acharam legal. No começo foi uma brincadeira e depois acharam que podia ser sério, assim como o próprio Ocupe a Ponte que começou em um tom de brincadeira, de entretenimento e depois passou a ser mais sério. Então é um exemplo disso, onde é que elas iam achar um espaço que ia patrocinar uma coisa assim? Não tem.

28- E não tem nada sobre esse evento no *Facebook*, né?

R: Não tem porque foi uma coisa muito dali, tava lotada e foi uma coisa mais espontânea. As bichas morreram de rir. Foi muito bom, muito divertido. Então foi uma coisa que não custou nada para ser feita e foi divertido para todo mundo no dia. E é uma coisa que eu guardo na minha memória com muito carinho. São essas pequenas coisas. Tipo ver um menino daqueles que nunca viu uma joia vendo uma joia do Rabelo e perguntando para ele sobre a produção e tal. Agora me diga, quando é que um menino daquele ia ver o Rabelo? Se lá uma joia, a mais barata, é 400 reais. É isso, sabe?

29- O que você acha que mudou nas pessoas do movimento após a realização do Ocupe a Ponte?

R: Todo mundo tem o direito de seguir seus caminhos e não somos aptos para julgar ninguém, ninguém nunca será, então eu acho que cada um seguiu sua vida. Entendo que continuam com o mesmo objetivo, de alguma forma militar por essa causa de inclusão, eu sinto. Por exemplo, um pessoal mais próximo fez a Casa Algueiro, que eu também fiz parte, mas hoje me desliguei; eles têm um lance de inclusão, eles inclusive estão fazendo uma residência com o tema de negros, não sei se é legal falar assim, mas é uma residência artística feita só com pessoas negras e tem uma temática negra que no momento eu não tô lembrando o nome para te falar como deveria ser falado, mas o lance é que eles estão acessando esses espaços também por causa dessa militância. Então eles estão vendo já outras causas, outras coisas, então é um lance de evolução pessoal, assim. O lance do Ocupe a Ponte fica na gente como uma missão, é tipo uma coisa de se você tiver uma oportunidade na vida não esqueça do que você lutou um dia, para mim é assim. Então se de alguma forma eu puder puxar disso em um momento de acesso, em um momento de decisão, eu quero lembrar disso sempre, tipo, lembrar que existem pessoas que continuam sem essa assistência, que continuam sendo excluídas. A gente não vai mudar o mundo, mas o que a gente pode fazer para melhorar um pouquinho?

30- Como foi que o movimento se encerrou?

R: Eu não sei, eu não sei. O lance do Ocupe a Ponte eu não sei o que enfraqueceu. Existe também um lance de perseguição policial na história, a gente no Memorial levava baculejo, por exemplo, de 50 pessoas, todos os 50 com a mão na parede, mão na cabeça, encostado na parede para ser revistado. A gente sofreu muita perseguição policial, na Ponte também, mas na Ponte ok porquê... Mas no Memorial, sabe? 100 pessoas, teve dia da quadra ficar cheia e quatro policiais revistando todo mundo. Foi trash. Já vi policial mexendo nas minhas coisas. Existia um medo e no Memorial, quando a gente começou a militância foi quando eu descobri que tava grávida, então o meu lance de encerrar com isso foi a partir daí. Eu sentei com os meninos e falei: “olha, gente, eu vou sair fora, vou me desligar porque eu tô grávida e eu não sei o nervoso que eu posso passar no início de gravidez, não sei, vai que um dia dá uma

merda”. Quando você engravida a sua vida muda. Então você sabe que a inocência dessa criança está nas suas mãos e ela precisa de você, ela precisa que você seja exemplar para ela porque é involuntário; ela já me disse várias vezes: “eu quero ser como você”. Isso é o maior peso na cabeça de uma mãe. Eu me desliguei a partir daí e foi também quando a outra gestão entrou e a gente não tinha mais a liberdade que tinha antes porque a gente precisava respeitar a autoridade. Como eu falei antes, a gente entrou no Memorial porque o cara deu a chave para nós, foi de comum consentimento com o governo da época, esse lance do memorial, porque ele confiou no nosso trabalho, que foi o Luciano Costa, ele chegou e falou: “olha, Carla, tá aqui a chave, vocês botem para funcionar já que vocês acham que têm um plano, então botem para funcionar”. Aí quando a Ruanna entrou, a gente ficou na obrigação de devolver a chave, obrigação e bom senso. A Ruanna e a Rafaela eram até melhores porque você as procurava e elas lhe ouviam, o Gleidson que foi um fracasso porque nem escutava e nem respeitava os artistas, a Rafaela não, ela sempre ouviu, sempre deu uma resposta, uma satisfação, ainda que eu tenha sido mais dura e mais grosseira com ela, hoje eu entendo que ela foi uma vítima como a gente. Esse lance de política é muito sujo e a Ruanna também era muito de ouvir, de dar uma resposta, ainda que fosse negativa, mas ela dava. Todos têm suas falhas, mas o Gleidson foi um período muito ruim para os artistas. Apesar de que hoje em dia a Lei Aldir Blanc foi liberada porque ele foi lá e assinou. Ninguém queria assinar, ele foi lá e assinou. Enfim, a história do Memorial passa muito por esse lance de política, tem esse impasse político. E foi bem aí que eu me desliguei.

31- Hoje em dia você ainda vai muito para a Ponte?

R: Vou. Eu tenho o hábito de ir aos sábados e tomar minha cerveja pela manhã sim. Meu café da manhã lá no bar do Brasil. Sempre vou lá e tal, gosto do pôr do sol. Eu tenho um lance de ligação com a Ponte muito grande, levo minha filha lá também. Tenho muito esse hábito de ir para a Ponte no sábado de manhã, tipo essa hora aqui que a gente tá conversando é uma hora ideal para ir para lá almoçar com a galera, virou esse espaço de confraternização da gente assim, principalmente a galera do IPHANAQ que tem esse mesmo hábito. O Neto Camorim gosta de colocar lá uma feira de livros, coisas de couro, cartão postal, cordel e a galera que passa, eu amo ver isso, a galera que passa pela Ponte Metálica para ir para casa, eles sempre param ali, dão uma olhada em um cordel, dão uma olhada em um livro. Uma vez a gente tava falando e os meninos falaram: “não, é ano tal”; e o cara que descarrega saco de milho e de algodão falou bem assim: “esse é o mesmo ano que invadiram canudos, né?”. Tipo, o cara do nada mandou uma referência dessa porque ele fica ali, ele pega um livro, lê um pouco, aí pega outro livro e lê outro pouquinho, é o acesso, sempre voltamos para a mesma coisa, né? É sempre o acesso. Eu gosto muito de estar lá por isso, porque eu vejo essas coisas, é massa. Então é uma coisa que me atravessa sempre, a Ponte me atravessa sempre e atravessa a minha história e me atravessa.

32- Você tem alguma crítica para realizar em relação ao Ocupe?

R: Fazer uma crítica ao Ocupe a Ponte é fazer uma autocrítica e eu sou muito rigorosa comigo. Então eu guardo essa autocrítica para mim, de forma pessoal. Eu acho que todas as falhas do Ocupe a Ponte podem ser perdoadas pela falta de maturidade, a boa intenção ela perpassa esses pontos porque todos os julgamentos que a gente for fazer, críticas, elas vão ficar presas em aparências, elas vão ficar presas em coisas pífias. Todo jovem usa droga, pô. O nosso único erro foi fumar um na frente de todo mundo, o que também pode ser um ato de protesto, depende do ponto de vista, quem sou eu para julgar? Eu acho que tudo pode ser perdoado pela nossa falta de maturidade na época. Hoje eu só penso assim porque passei por aquilo também. Então eu sou autocrítica, faço minha autocrítica só e acho que cabe a cada pessoa fazer a sua, mas no sentido geral eu acho que a gente sempre teve boa intenção.

33- E em relação a essa questão dos menores de idade nesse ambiente, como você enxerga isso?

R: A gente não tinha noção que isso poderia ser dado como aliciamento de menores. Hoje eu tenho, mas a pessoa ia lá, né? Eu nunca vi ninguém dizer “toma”. Não sei, agora você me pega porque hoje eu sou mãe, aí como eu me sentiria se fosse minha filha lá? Será que eu me sentiria realmente 100% tranquila? Eu não vou saber, só vou saber quando for minha vez de pensar isso. Eu também não julgo as mães que se sentiam, né? Porque a maioria das mães sempre acham que outras pessoas influenciam seus filhos, eram crianças também, então a gente fica em um impasse, pô. Porque você tem um peso desse remorso de ter consciência hoje do que era aquilo, mas na hora lá a gente tinha a mesma mentalidade daquelas pessoas, entendeu? A gente tava no mesmo nível de mentalidade de propósito, de objetivo, eu não tinha noção que você era mais jovem que eu, até porque eu também era de menor, eu fiz 18 já com Memorial para dentro. E era isso.

34- Por que você acha que certa parte da população via a Ponte com maus olhos?

R: Porque a galera fumava maconha lá. Não tinha assalto, não tinha briga, mas tinha dia que tinha de 6 a 7 turmas, cada uma no seu cantinho, às vezes um litro de vinho, cada um fumando o seu e tal; e a população passava e via aquela história. Para eles aquilo era a cracolândia, hoje a gente sabe, mas na época a gente achava aquilo massa. Posso julgar? Não posso. Posso julgar que aquilo era errado? Não posso também. Mas aí aconteceu já, né? Não tem o que fazer.

35- E como sua família via sua participação no Ocupe a Ponte?

R: Eles não achavam legal não. Não achavam legal não. E precisou eu chegar um dia e falar: “olha, eu vou para lá porque eu quero, eu não faço nada demais, a única coisa que eu faço é fumar maconha e beber, eu não uso outras drogas, eu não vendo drogas, eu não compro drogas, então eu não estou fazendo nada de errado, o que a gente está fazendo lá são só festas porque a gente não tem dinheiro para ir para festas pagas e a gente quer se divertir, é só isso”. Aí pronto, eles não falavam mais, mas eu acho que meu pai ficava muito constrangido, meu pai era comissário de menor e a filha dele metendo o louco todo dia, né? Com os cabelos vermelhos, demoníaca.

36- Já houve alguma situação de violência durante esse período?

R: Uma vez nós estávamos a noite sentados, eu não lembro muito bem quem estava porque foi traumático, mas eu lembro que a gente estava sentada no chão e o Mateus estava sentado de costas para a rua, de costas para quem via do lado da Maravilha e eu estava sentada ao lado dele. E nesse dia a gente tava conversando, aí um cara simplesmente veio, deu um chute no Mateus e saiu fora. Foi tão traumático que eu nunca esqueci, o cara simplesmente veio e chutou o Mateus, ele não ofendeu ninguém e levou um chute. O Mateus não anda falando com o povo, ele não anda olhando pra ninguém. Foi muito *trash*, foi a única vez que eu vi um lance desse, de revolta. E o cara tava bêbado, mas foi na maldade mesmo. Outra coisa que rolou foi uma vez que o povo tava na Ponte e um cara passou armado, apontando a arma para a gente e gritando: “eu vou matar todos os viados de Quixeramobim”. Eu lembro demais disso, eu não vi acontecer, mas lembro do pessoal contando. Um absurdo.

37- Por que você acha que essas coisas aconteceram?

R: Eu não sei. Na verdade, mesmo eu não sei. Mas uma coisa interessante é que tinha gente que levava a família para a Ponte e fazia questão de tirar foto lá com legendas do tipo “Ocupe a Ponte” e a gente postava várias dessas fotos de apoio, mas tinha uma galera que não curtia. Mas aí é um direito da pessoa também. Eu não posso obrigar você a mudar sua opinião se

you não tá afim. You fere a liberdade das pessoas, até Deus deu livre arbítrio às pessoas. E às vezes you precisa se conformar com o que as pessoas acham, mas era foda a discriminação. Por isso a gente, cada vez mais, buscou fazer mais coisas legais para ficar bem claro que a gente era massa, não era só fumar.

38- Como era a relação dos integrantes com a polícia?

R: Eles não curtiam a gente não, pô. Eles não achavam legal não. E também posso tirar razão? A gente tava fumando em via pública, de passagem de várias pessoas, todos os dias. As pessoas já utilizavam aquele lugar para transitar. É o espaço que liga o bairro do Depósito e do Jaime Lopes ao Centro, as pessoas utilizam dali para passar. Ninguém tem a obrigação de lhe ver fumando maconha não. Tudo bem you fumar sua maconha na sua casa. Mas ninguém tem a obrigação de lhe aguentar fumando em público. Todo mundo diz que eu fiquei careta quando fiquei velha, mas eu acho que é uma questão de bom senso, se a pessoa quiser reclamar ela tá no direito dela, ninguém tem obrigação. As crianças passam e veem aquilo. Se you tem sua filha e não quer que ela veja é um direito seu. Antes a gente tentava fazer com que as pessoas engolissem à força, chegava a ser agressivo. Eles tinham essa visão que eu tenho hoje e davam baculejos na gente. Precisava ser agressivo? Não precisava. Precisava bater em todo mundo? Não precisava. Mas que eles tinham total direito de ir lá, tinham. A gente tava fazendo algo errado, maconha não é liberado no Brasil, é fora da lei. A gente achava que ia legalizar, que ia liberar e até hoje não liberou porra nenhuma. Não é fácil como a gente imagina que é, entendeu? E aí? Eu posso dizer, ser hipócrita e dizer que nós éramos perseguidos e não fazíamos nada? Não, é mentira. A gente fazia sim, a gente fazia coisas ilegais e fumava também. Tu consegue me entender, né? É porque eu já ouvi isso várias vezes. Eu fumo ainda na Ponte, se liga? Vou lá à noite e fumo um, vou lá com alguém e fumo um. É meu espaço também, é minha relação com a Ponte também. Mas you ver 8 turmas de rodinha fumando e as pessoas passando ao lado. Foda, né? Teve inclusive uma época que o tráfico mandou um recado para a gente que eles não queriam ninguém fumando lá. Rolou isso. Uma vez um cara foi lá no Memorial e falou: “olha, a gente não aguenta mais tanta polícia, vocês parem de fumar aqui”. A gente recebeu aviso da galera também, além da polícia. “Olha, a população tá reclamando que tão passando de bicicleta e não tem espaço para passar, mandaram dizer que vocês ajeitassem isso. Se querem ficar na Ponte, deem espaço para as pessoas passarem. A gente tá sendo reclamado por isso”. A polícia e o tráfico chegaram na gente, não era brincadeira. A gente recebia esses recados, sabe?

APÊNDICE B – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO DOIS)

ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE

1- Como é seu nome?

R: Vinícius Souza.

2- Qual a sua idade?

R: Tenho 25 anos.

3- Na sua opinião, no começo o que levou o pessoal a começar a frequentar aquele espaço?

R: Acredito que a galera precisava muito de um espaço de lazer, onde eles pudessem se reunir e, além de se divertir, trocar experiências e tal, como toda juventude. Só que aqui no Quixeramobim infelizmente os únicos espaços que tinha para fazer esse tipo de coisa são espaços privados, né? Um bar, um restaurante que você só poderia ir se você tivesse grana. Então a questão primordial foi essa. Era ocupar os espaços públicos onde eram os únicos espaços que você poderia se divertir e se reunir sem pagar. Então acho que a primeira questão foi essa, que fez a gente ocupar os espaços públicos da cidade foi essa questão. De procurar um espaço público para estar e para ocupar. E a ponte é porque é histórico, aquela questão da ponte. A Ponte e o Memorial são quase que centros culturais de Quixeramobim espontâneos, ninguém decretou que ali seria. Mas desde que foi construído, eles reúnem quase como um centro cultural deveria ser mesmo.

4- Então Quixeramobim não tem muitos espaços públicos de lazer?

R: Os que existem são esses que nós ocupamos que inicialmente não eram isso e a gente que transformou nisso.

5- Como assim? Antes era subutilizado?

R: É. O Memorial e a Ponte nunca foram usados como realmente pontos turísticos ou centros culturais valorizados. Tipo, inclusive, a iluminação no Memorial quem conseguiu foi a gente durante os movimentos. Não tinha iluminação no Memorial. Então era um canto onde você não poderia usar de noite. Não tinha iluminação, era perigoso, além de não ter nenhum espaço... Por exemplo, eles não abriam para a gente, a gente tinha sempre que ficar do lado de fora. Então a gente foi conseguindo, pouco a pouco, tomar conta do espaço, ocupar o espaço. Pouco a pouco a gente conseguiu iluminação para lá, conseguiu aos poucos ter acesso ao Memorial, lá por dentro, através de alguns contatos. Tipo, sei lá, o Fernando tinha contatos

lá dentro, então ele conseguia fazer com que a gente tivesse um pouco mais de imersão, conseguisse um espaço para fazer uma reunião, alguma coisa do tipo, algo que fosse ser mais efetivo para a ocupação, né?

6- Então, de certa forma, a ocupação foi bem aceita pelo poder público?

R: Não. Na verdade, não é que foi bem aceito. Foi a gente que conseguiu empurrar isso goela abaixo. Eles tiveram que aceitar a gente, mas foi à contragosto. É tanto que, mesmo o Memorial começando a ser utilizado pela primeira vez com intuito de que ele deveria realmente ser utilizado, né? Que é para a cultura, para a reunião da juventude e etc, que a primeira vez foi à gente que tava utilizando, mesmo assim o poder público ficava mandando batida policial para lá, é o que acontecia, baque pra caralho, inclusive. Aconteceu aquele baque famoso que juntou 50 pessoas e não acharam nada. Então o poder público, por mais que ele tenha cedido algumas coisas, foi a contragosto. É tanto que eles ficavam tentando tirar a gente de lá.

7- O poder público institucionalizado na polícia?

R: Exatamente. Inclusive a gente tentava conversar com a secretaria, muitas vezes, secretaria de cultura. Tentava conversar para dizer coisas para fazer, para dizer coisas para fazer lá no memorial. E eles nunca atendiam a gente. Sempre se faziam de doido e tal. Mas a política sempre estava lá, então o Estado que a gente tinha acesso era a polícia.

8- E como era o perfil das pessoas que naquela época inicial começaram a frequentar a Ponte?

R: Pois é, é engraçado isso. Aqui em Quixeramobim a gente tem duas cidades divididas, praticamente, pelas pontes. Então meio que a Ponte é um lugar que une a cidade tanto geograficamente quanto simbolicamente, ela meio que une as duas partes da cidade. Era ali onde a gente tinha, digamos, o intercâmbio entre as duas partes da cidade, de um lado e do outro das pontes. Eu acho que foi o que oportunizou um movimento muito heterogêneo, tinha pessoa de todo tipo lá. Tanto pessoas da periferia, pessoas pobres, quanto pessoas do centro, pessoas que são privilegiadas e estavam ali também.

9- E por que você acha que houve essa diversidade de perfis?

R: Eu acho que, principalmente porque no interior as coisas são muito mais... As coisas se misturam mais facilmente. Tudo é muito pequeno. Então suas bolhas estão mais em contato, eu acho. E aquele espaço é muito simbólico. É um espaço que está no centro, ele tá no centro, ele está ali ao lado da Praça da Matriz e ao mesmo tempo ele está na entrada de várias periferias. Ali naquela ponte é um espaço, digamos de transição, um espaço da cidade geograficamente e simbólico. Acho que é por isso que acabou reunindo aquelas pessoas tão diferentes ali naquele espaço.

10- E o que vocês faziam naquelas noites na Ponte? O que vocês ficavam fazendo?

R: Inicialmente, o que levou as pessoas para lá? A gente queria um lugar para se sentir seguro e que a gente pudesse se divertir, muitas vezes usar droga, mas também não só isso. Não se usa droga só por usar, a gente usa a droga ali, mas está ali para conversar com os amigos, tá ali para se encontrar, tá ali para ficar com outras pessoas, para trocar ideia. Então tipo, a gente necessitava de um lugar assim. Então quando a gente começou a se reunir lá na Ponte e no Memorial, foi muito com esse intuito: simplesmente ter um lugar onde se reunir para lazer mesmo e trocar ideia. Só que aí depois que a gente começou a ver o quão grande estava ficando aquela situação, mais e mais pessoas estavam se encontrando lá todos os dias e situações estavam surgindo espontaneamente sem precisar de uma direção do movimento

guiando tais ações, as ações foram acontecendo, as pessoas foram se reunindo, foram marcando capoeira lá, foram marcando encontros para discutir coisas que não fossem simplesmente as coisas do dia a dia. Discutir coisas de movimentos sociais, de minorias, as coisas foram começando a acontecer porque a gente começou a ter um espaço para se reunir. Esse espaço para se reunir levou a gente a entender que a gente poderia fazer mais coisas porque a gente agora tinha um espaço. Tinha um espaço que todo mundo sabia que era lá que a gente ia se encontrar. A gente não precisava marcar, as pessoas iam chegando lá espontaneamente e isso foi fazendo com que a gente fosse fazendo coisas maiores do que só se reunir, beber e conversar e se drogar. A gente foi começando a aproveitar aquele momento e aquelas reuniões para tentar fazer coisas maiores e foi a partir daí que surgiu o movimento Ocupe a Ponte.

11- Então as coisas foram acontecendo espontaneamente? Não existia, inicialmente, uma intenção de fazer um movimento social?

R: É, eu acho que inicialmente, pelo menos no começo, não existia essa intenção. Essa intenção só foi começar a surgir quando a gente começou a entender que isso já tava acontecendo, sabe? Meio que o movimento já estava acontecendo, a gente só foi lá e deu uma mínima forma a ele, chamou de Ocupe a Ponte e começou a, minimamente, tentar direcionar ele e fomentar que as coisas fossem acontecendo mais e mais, mas começou de maneira bem espontânea, pelo fato das pessoas estarem ali se reunindo e ocupando o espaço, elas entenderam que elas poderiam fazer alguma coisa com aquele movimento.

12- E qual foi a intenção por trás desse “fazer alguma coisa”?

R: Eu acho que principalmente a gente queria mostrar para o poder público que aquele espaço, ele poderia ser utilizado de maneira muito boa, muito massa, muito foda e que só precisava querer. Porque, tipo, a gente estava querendo e conseguimos transformar o espaço. Eu acho que era isso que queríamos mostrar que, tipo assim, o espaço estava jogado às moscas praticamente, o Memorial e a Ponte. A gente só conseguiu fazer com que eles fossem não revitalizados porque eles não foram, mas começaram a ser olhados. Na Ponte, foi colocado um caracol para impedir a passagem de carros e motocicletas, as luzes foram colocadas no memorial, tudo isso foi só porque a gente começou a ocupar porque a gente começou a mostrar para eles que se uma ruma de pivete aleatório está usando lá, está mostrando que pode ser feito, tá na cara que “a gente só não tá fazendo porque a gente não se importa”. Então eu acho que esse movimento que a gente fez quando a gente meio que concretizou ele, botou um nome e começou a fazer reuniões periódicas e começou a postar coisa em rede social, eu acho que isso foi muito para tentar fazer... Claro que a gente não dizia que isso aqui é para conscientizar politicamente, isso aqui é para fomentar debates na cidade, claro que era isso também, mas eu acho também que a nossa vontade era principalmente que o poder público olhasse para aquele espaço que para a gente era tão importante, que a gente podia fazer tanta coisa com o que a gente achava que era tão pouco e que eles podiam fazer muito mais, eu acho que era basicamente essa nossa fome, era essa nossa ansia que a gente tava querendo fazer com todo aquele movimento, de dizer assim ó: “esse espaço aqui ele pode ser usado, ele vai ser usado e aí? Vocês vão ajudar a gente a transformar isso em um espaço que pode ser usado? Porque até hoje em dia, tipo, mesmo depois desse movimento eu sinto que a gente não conseguiu o que a gente tava querendo, que era isso, que era fazer com que olhassem para o memorial e para a ponte, a gente conseguiu algumas vitórias, mas no fundo ainda é basicamente a mesma coisa. Você olha, por exemplo, Quixadá, a cidade vizinha, ela tem dois centros culturais, a gente não tem nenhum centro cultural aqui em Quixeramobim...

13- Com possibilidade para vários, não é mesmo?

R: E o Memorial é um deles. O Memorial, tipo, a biblioteca é lá, vários espaços culturais acontecem lá. Tem coisas que são... Tipo assim, que a gente não dá valor, mas que são muito fudas. Aquelas esculturas do Antônio Conselheiro que ficavam ali no Memorial, não sei se tu já viu. Aquilo ali é uma arte que é muito foda, não é uma besteirinha qualquer. Tem artes muito fudas, aquelas da parede, que foram esculpidas, aquilo é muito louco. Se fosse qualquer outra cidade, ali estava gerando renda, aquilo ali estava fazendo um turismo. O próprio Fausto Nilo é puto com a cidade. Porque ele que fez o projeto do Memorial e nunca fizeram do jeito que ele queria, nunca terminaram.

14- Segundo relatos na página do Facebook do Ocupe a Ponte houve um caso específico que gerou muita revolta nas pessoas e foi um dos pontapés para a criação do Ocupe a Ponte, que foi porque o dono de um estabelecimento ao lado da Ponte Metálica gravou uma garota enquanto ela riscava a ponte com um giz e publicou as imagens dela na internet com comentários hostis contra a garota e os outros jovens que frequentavam a Ponte. Por que você acha que isso aconteceu?

R: É engraçado esse lance. Porque o próprio cara que fez isso, quando ele fez, chamando a menina de usuária de drogas, de drogada, usou vários adjetivos nesse sentido, de vagabunda porque a menina estava riscando a Ponte. Engraçado que esse cara era, na época, dono de um bar que vendia droga, álcool. Enfim, só um detalhe para você ver como as pessoas são hipócritas, né? Tipo, o cara às vezes nem concorda com aquilo que ele está falando, mas ele está falando para gerar um status, para gerar um status para ele. Quando ele acusa aquela pessoa daquilo, ele tá ao mesmo tempo se tirando daquilo. Se ele tá dizendo que aquela pessoa é drogada, vagabunda e não tem nada para fazer, ao mesmo tempo ele tá se tirando daquela situação, ele que não é o drogado, ele que não é o vagabundo, ele que é o empresário, dono de restaurante, ele que é mais do que aquela vagabunda aleatória que tá lá riscando o estabelecimento dele. As pessoas que estavam nesse movimento, que estavam no Ocupe a Ponte, muitas vezes eram as pessoas que já eram hostilizadas na cidade, tá ligado? Com essa ideia de drogado, de vagabundo, porque a juventude, muitas vezes, é vista assim. Ele devia ter sido visto assim na época que ele era jovem porque geralmente a juventude é vista assim, são os drogados, os vagabundos. Muitas vezes é por isso que a própria juventude se reúne porque ela tem estereótipos que acabam caindo nela, em conjunto, e ela se veem em uma forma de se ajudar, enfim, aquela coisa. Elas são rotuladas de uma mesma coisa e acabam se encontrando, se juntando, se ajudando. Eu acho que foi muito isso que o Ocupe a Ponte foi. Todo mundo que estava ali, por mais que seja um perfil muito heterogêneo, várias classes sociais, várias situações de vida diferentes, mas todos que estavam ali, estavam porque em algum momento eles foram taxados de alguma dessas coisas. Em algum momento eles foram chamados de maconheiro, de vagabundo, foram desacreditados e eles encontraram nos amigos, nas companhias, uma forma de não se sentir assim, uma forma de não se sentir rejeitado e os próprios movimentos são isso, eles não são só aquela parte racional de “ah, eu vou mudar o mundo, ah, eu vou mudar tais leis”; muitas vezes eles são formas de pessoas excluídas se encontrarem, tá ligado? Se encontrarem, se juntarem, ter força para continuar na vida. Muitas vezes o movimento é para isso.

15- Você sabe de algo semelhante ao Ocupe a Ponte que já havia acontecido em Quixeramobim?

R: Eu acho que não. De ocupar a cidade dessa forma, não.

16- Você lembra que em 2013 houve um movimento político dos jovens em Quixeramobim, um movimento que foi inspirado nos protestos nacionais de 2013. Você acha que houve alguma relação entre esse movimento de 2013 e o Ocupe a Ponte?

R: Eu acho que aquela época de 2013 foi uma época muito engraçada. Foi uma época de grandes protestos nacionais durante um governo de esquerda. Então aquelas mobilizações naquela época elas tinham um teor muito, não que eu esteja dizendo que não era para a gente ter lutado e tal, mas muitas vezes elas tinham um teor bastante reacionário. Muitas daquelas mobilizações ali eram com o intuito de derrubar o governo do PT. Hoje em dia eu reconheço isso, mesmo tendo feito parte daquilo. E por ter feito parte que eu reconheço muito isso, na verdade. Na época eu era outra pessoa, inclusive com outras ideias. Mas, apesar desse teor nacional que tinha a coisa, aquela mobilização foi muito importante para a cidade em si. Tipo assim, para as pessoas que fizeram parte dela desenvolverem uma prática de mobilização, sabe? Ali foi a primeira vez onde a gente se reuniu com uma galera, muitas pessoas, pensamos em um protesto, pensamos em uma mobilização, um ato, nos organizamos. Inclusive uma diferença é que naquela época existiam lideranças, inclusive existiram vários problemas em relação a essa questão das lideranças. Entre essas pessoas existiam lideranças do movimento que eram da prefeitura na época, que eram ligadas ao prefeito, o Cirilo, e ele estava ali dentro como uma forma... hoje em dia eu sei, na época eu desconfiava, mas hoje em dia eu sei... que essa pessoa tava ali dentro como um pelego, ele era um pelego. O que é um pelego? Pelego é aquele pano que botam entre a cela e as costas do cavalo para o cavalo não sentir a sela doendo nas costas. E era isso que ele tava fazendo, ele tava lá para fazer com que a gente fizesse a mobilização, mas que em nenhum momento a gente atingisse o prefeito. Ele estava lá para isso, para que a mobilização fosse uma coisa que fosse: “ah, pensando no governo nacional”. Uma coisa assim totalmente fora dos interesses daqui da cidade, era para a gente, em nenhum momento, tocar nas coisas aqui da cidade. É tanto que todas as pautas que a gente colocou, que a gente tava querendo colocar sobre a cidade, ele foi botando várias dificuldades e a gente foi tirando. Inclusive uma delas era a Praça da Juventude que ainda tá sendo construída até agora e desde 2013 já era uma pauta nossa e ainda está sendo construída.

17- Que inclusive é um espaço público que deveria proporcionar lazer.

R: Exatamente.

18- Mas de modo geral, você acha que os protestos de 2013 influenciaram em algo no Ocupe a Ponte?

R: Eu acho que ele não influenciou diretamente no Ocupe a Ponte, mas eu acho que ele influenciou em pessoas específicas que fizeram parte do Ocupe a Ponte porque eles tinham, por causa disso, desenvolvido já uma experiência com mobilizações sociais. Porque tipo assim, o Ocupe a Ponte não teve lideranças, claro, mas existiram pessoas que tomaram as rédeas para fazer algumas coisas acontecerem. Não quer dizer que a gente era o líder nem nada do tipo, mas quer dizer que a gente... E eu falo a gente porque eu estava incluso nessa situação e várias pessoas que também estavam durante os protestos de 2013 também estavam nessa questão de fazer uma mobilização maior dentro do movimento para fazer com que algumas coisas acontecessem. Porque por mais que não haja líderes, existe uma situação onde a organização ajuda algumas coisas acontecerem. Então a gente que já tinha participado de um movimento, a gente já tinha uma ideia mais ou menos de como fazer as coisas, a gente foi agilizando ali algumas coisas a acontecerem, coisa que não aconteceria se a gente não tivesse essa certa experiência com movimentos que 2013 trouxe para a gente. Muita gente que tava lá, meio que agilizando muita coisa, foram pessoas que tinham participado dos protestos de 2013.

19- Além disso, na época do Ocupe a Ponte nós estávamos entrando no auge dos protestos relacionados ao “Fora Temer”. Você acha que esse cenário nacional teve alguma influência para o Ocupe a Ponte?

R: Com certeza. Eu acho que com toda a polarização que foi criada por causa do golpe e do Temer assumir e toda essa questão, eu acho que criou uma polarização muito grande. Foram as primeiras vezes que a gente começou a ver essa questão de esquerda e direita muito forte. Começou a ter o crescimento do conservadorismo, a galera bater no peito e dizer que é de direita, que é conservador e tudo isso se refletiu na nossa cidade também. As coisas começaram a ficar cada vez mais políticas, digamos assim, as discussões começaram a ficar cada vez mais no âmbito da política. A política começou a ser muito mais citada, então o Ocupe a Ponte começou a também ser um espaço de formação política. As pessoas iam lá e tinha espaços sobre a questão do racismo, de antiproibicionismo, de feminismo e tal. Então o momento político fez com que a gente se fortalecesse muito nessa questão do debate e, principalmente, na questão da esquerda porque eu acho que todo mundo que estava no “Ocupe” era de esquerda. E principalmente também porque na época existia um movimento aqui no Quixeramobim que era a galera do Endireita Quixeramobim. E foi uma das coisas que fortaleceu o Ocupe a Ponte. Não o Endireita em si, mas o fato de ter um movimento meio que contestando a gente ali e meio que ameaçando a gente de certa forma, não fisicamente ou com ameaças diretas, mas ameaçando a existência de muita gente porque a galera que tava ali no Ocupe a Ponte era a galera LGBT, era a galera maconheira. Então a galera que tava no Endireita estava exatamente contra essas pessoas. Contra a galera LGBT, contra a galera maconheira. Então, eles viam no Ocupe a Ponte uma forma de se proteger entre os seus, mas também de se munir de discussões para discutir com o próprio pessoal do Ocupe. Porque o momento era muito esse, de polarização. A todo momento estava tendo discussão na internet, não sei aonde, *Twitter*, *Facebook*. A todo tempo estavam acontecendo essas discussões políticas, a polarização tava muito forte. E eu acho que o Ocupe a Ponte foi muito movimentada por isso. Porque a galera tava querendo estar ali, tava querendo conversar sobre isso porque era um assunto que tava muito em pauta até mesmo na nossa cidade. Tavam se reunindo movimento totalmente diferentes que ficaram em embate entre si. Inclusive rolava embate mesmo. Por exemplo, a gente tava no Memorial, no Ocupe a Ponte e chegou uma pessoa do Endireita para discutir com a gente, não brigando, mas se metendo no papo. Inclusive a primeira reunião do Endireita foi no Memorial, né?

20- Não, foi na quadra da UAB.

R: A quadra, outro lugar que foi extremamente... A gente praticamente foi expulsa de lá; a gente usava antes de ir para o Memorial e para a Ponte, mas era com o mesmo intuito: achar um lugar público para se reunir. A gente ia para lá e fomos expulsos.

21- Então já era algo comum entre vocês, buscar espaços públicos para ter lazer, já que não havia dinheiro para as opções de lazer pagas?

R: Exatamente. Só que aí você vê. Fomos para a quadra que era um lugar do lado de um restaurante e tal. As pessoas já não queriam a gente ali. Mas quando a gente chega na Ponte e no Memorial, são cantos que são históricos, são cantos que são simbólicos e, por isso, eu acho que foi muito forte a gente ter se estabelecido, a gente ter parado aquele nosso nomadismo de ir atrás de algum canto público para se reunir e depois ser expulso. A gente acabou parando lá na Ponte e no Memorial e isso é muito simbólico porque é um lugar histórico, é um lugar cultural e é também um lugar abandonado que a gente deu vida a ele e agora tá abandonado de novo.

22- Você acha que o Ocupe a Ponte, com todo o significado e as ações do movimento, teve algum papel importante na vida dos quixeramobinense?

R: Eu acho que o principal efeito, principal consequência do movimento foi meio que criar, isso antes da pandemia, né? Porque a pandemia destruiu, mas criar uma vida noturna em Quixeramobim. Porque não existia, tirando os bares e restaurantes pagos, não existia uma vida noturna em Quixeramobim. Não existia um lugar para se reunir, depois disso, depois do movimento do Ocupe a Ponte, é como se a gente tivesse dado uma vida à cidade, sabe? E em um lugar que era acessível para todo mundo, que era ali exatamente no canto que liga as duas partes da cidade. Então era acessível para a galera da periferia, era acessível para a galera do centro, então era o lugar perfeito onde a galera começou a se reunir, começou a se reunir muito e começou a dar vida ao lugar. Começou por causa da gente. Botaram luz no memorial, a galera passou a jogar mais bola lá, capoeira. Lá também tem um bar, que antes era da Tia Rita e agora é do Brasil e lá passou a ficar mais movimentado, as pessoas antes não iam tanto por lá, não era pintado da forma que é agora, ele não era movimentado da forma que é agora. Porque agora uma galera anda demais lá, agora é um bar bastante frequentado, não agora por causa da pandemia. Isso tudo o que eu tô dizendo é antes da pandemia começar. A cidade mudou depois do movimento. Por mais que o poder público quisesse fazer com que as pessoas não fossem para lá porque sempre houve um embate com o poder público, a gente achou um lugar de lazer para fazer as coisas, mas, apesar disso, o poder público foi batendo lá, querendo expulsar a gente. Só que pela primeira vez a gente resistiu às tentativas de expulsão, era tanta gente, era tão forte que não importava quantas vezes a polícia chegasse lá e mandasse desligar o som, ou mandasse ir embora, não importava quantas vezes isso acontecesse, no outro dia ainda tava cheio de novo e é isso. É isso. É o que faltava para Quixeramobim, é uma coisa que nunca existiu, pelo menos eu vi isso acontecer pela primeira vez. E começou-se a ter ideias de revitalizar o Memorial, de construir alguma coisa naquela praça do bar do Brasil que estavam falando que iam construir outra praça lá, não sei o que. Aí construíram um caracol na Ponte para impedir a passagem de carros e motos. Isso tudo foram mudanças reais que aconteceram porque a gente começou a ocupar o espaço, conquistas. E tipo, pela primeira vez começou-se a ter ideias de construir um centro cultural aqui, estão querendo construir ali na casa do Antônio Conselheiro, um centro cultural. Eu acredito que isso foi muito por causa do Ocupe, mas não só por causa disso, mas o movimento foi um pontapé inicial, sabe? O próprio movimento fez com que pessoas mais ativas, que estavam na secretaria de cultura, que estavam lá na casa do Antônio Conselheiro. A própria Carla que era da casa do Antônio Conselheiro e hoje em dia é da Secretaria de Cultura, ela é ligada à situação toda do governo e então ela mesmo ter ficado mais ativa por causa do movimento foi uma coisa que refletiu na cidade porque ela ficou mais ativa dentro da Secretaria, começou a fazer e instigar mudanças ali dentro, tá ligado? Não só ela, estou falando só dela porque é a que eu estou lembrando agora, mas teve uma galera que era ligado à Secretaria e tava ali no Ocupe a Ponte.

23- Quais eram as principais táticas de mobilização que vocês utilizavam durante o Ocupe a Ponte?

R: Era uma coisa muito espontânea, não era uma coisa que tinha um cronograma: “hoje vai acontecer isso, isso e isso”. E nem existiam lideranças, então não era a pessoa x ou y que ia dizer o que ia acontecer. Era um espaço e as coisas iam acontecendo, tá ligado? Eu falava com meus amigos que “ah, tal hora a gente vai chegar lá”; aí a gente chegava lá e tinha uma galera reunida que muitas vezes não tinha, tipo assim... Não tinham nem relação com a gente, eles não pediam para chegar lá e nem era a gente que pedia para eles chegarem. A galera que meio que se instigava mais para fazer alguns espaços, mas não quer dizer que esses espaços eram delas, tá ligado? A gente chegava lá e tava rolando um espaço de capoeira que a própria

galera da capoeira tinha organizado e era isso. O pessoal se juntou, tinha o espaço e eles ficavam lá fazendo. A mesma coisa com o pessoal que jogava bola na quadra de lá. A maioria das coisas eram espontâneas. Agora o que a gente fazia quando se reunia? Geralmente eram momentos de debate, de debate ou atos. Era para isso que a gente se reunia, que a gente realmente marcava para fazer. De resto eram coisas mais espontâneas. A gente não marcava: “ah, hoje vai ter capoeira” ou “hoje vai ter festa”. Não. As coisas iam acontecendo. As pessoas chegavam lá e o tempo todo tinha gente no Memorial. Já de tarde começava a chegar gente e entrava pela noite. Então, tipo, quem quisesse botar um espaço lá já tava acontecendo. Mas uma galera se reunia para organizar uns espaços deliberados e esses espaços geralmente eram mais de discussão. Tipo: “tá acontecendo a capoeira, tá acontecendo o futebol? Tá. Mas vamos aqui nesse outro espaço e vamos conversar sobre racismo”. Aí a gente ia e ficava conversando, fazendo espaço. Ou então: “vamos fazer um ato e vamos pregar uns cartazes pela cidade”. Vamos. Essas eram as principais táticas que a gente tinha: se reunir para discutir assuntos específicos e fazer atos, como passar por ruas gritando palavras de ordem ou então espalhar cartazes, que era o que a gente fazia mais. Mas de resto era muito espontâneo. Não havia táticas específicas ou coisas do tipo, sabe? Era mais as pessoas vivendo o seu dia a dia e isso, por si só, é revolucionário, tá ligado? Isso por si só é uma ação direta, as pessoas que, muitas vezes são impedidas de viver suas vidas, a sua sexualidade, o seu estilo de vida, estar tendo um espaço para estar vivendo essas coisas, isso em si já é um protesto, tá ligado? Isso em si já era um protesto do movimento. Era estar a galera lá, LGBT, podendo ser quem elas são, a galera lá maconheira ou que usa outros tipos de droga podendo ficar lá de boas com quem você é, tá ligado? Você estar lá vivendo sua vida, fazendo coisas, isso por si só já é o próprio protesto.

24- E o que você acha que isso mudou nas pessoas que estavam fazendo parte do Ocupe a Ponte?

R: Acho que muita gente mudou muito por causa da possibilidade de exercer o que é. Muita gente que talvez eu não tenha nem noção, sabe? Mas pessoas que eu conheço, eu sei que mudaram bastante por causa dessa situação. Eu mesmo mudei bastante por causa dessa possibilidade. Eu tava em Fortaleza, tinha acabado de me mudar, quando eu vim para cá e a gente passou por esse lance do Ocupe a Ponte foi a minha primeira experiência com algum movimento social, tanto que depois que eu voltei para Fortaleza já entrei no movimento estudantil, comecei a militar e etc. Por isso eu acho que o Ocupe a Ponte foi muito importante para isso, inclusive.

25- O movimento começou na Ponte Metálica e depois foi se tendo a noção que era preciso ampliar o movimento também para o Memorial Antônio Conselheiro. Como e por que o movimento foi ampliado dessa forma?

R: Nem lembrava que tinha sido assim.

26- Por que você acha que o Ocupe a Ponte acabou?

R: Eu acho que principalmente pelo fato de ser muito heterogêneo e isso é uma vantagem em muitos sentidos, mas isso trouxe muitos problemas. O fato também de não ter uma liderança fez com que as coisas ficassem mais soltas e o fato das pessoas serem muito diferentes fez com que muitas divergências fossem começando a acontecer. Então a coisa já era meio solta, já era muito espontânea e as pessoas já eram muito diferentes e divergências foram começando a acontecer. Então eu acho que foi natural que a coisa fosse começando a se dissolver, sabe? E as pessoas foram começando a pegar outros rumos na própria vida, algumas pessoas começaram a trabalhar, outras foram embora, outras inclusive mudaram até as ideias que tinham e outras coisas. O movimento foi começando a se desintegrar e quando

isso aconteceu você foi vendo que a ocupação era muito importante porque os espaços voltaram a ser “baldeados”. O caracol da Ponte foi destruído, hoje em dia passa moto e carro em cima de novo. O próprio Memorial já não é mais usado como era antes. Você pode até dizer que lá tem a Biblioteca Pública no Memorial e até outros espaços, mas nada se comparava ao que era na época do Ocupe. Era ação acontecendo a todo momento em todos espaços do Memorial e da Ponte. Acontecia, ao mesmo tempo, uma capoeira ali na quadra do Memorial, mais para o lado a galera estava ouvindo uma música, fumando um, conversando, lá no bar a galera tava fazendo um momento para conversar sobre alguma coisa, lá na Ponte a galera tava se reunindo. Então a todo momento e em todos os lugares estava acontecendo alguma coisa. Não se compara a hoje em dia.

27- E hoje em dia você ainda frequenta muito a Ponte?

R: Hoje em dia eu só frequento muito eventualmente quando acontece alguma coisa bem específica, tipo algum evento ou coisa parecida. Por exemplo, se vai acontecer alguma coisa relacionada à cultura, geralmente acontece lá. Por mais que sejam poucos, no geral, mas geralmente quando acontece é lá. Lá é um espaço para isso. A própria cidade reconhece. É só porque a cultura é muito desvalorizada, mas quando tem é lá.

28- Você tem alguma crítica para realizar em relação ao Ocupe a Ponte?

R: Não consigo pensar em nenhuma.

29- Por que você acha que parte da população via a Ponte com maus olhos?

R: Eu acho que, primeiro, a galera tem muito preconceito com a juventude porque geralmente a galera que é juventude não está, muitas vezes, trabalhando, a maioria e está ali no ensino médio, terminando seus estudos. Então é uma galera que é vista, pela população adulta, como vagabunda. Principalmente se essas pessoas querem se divertir. Porque para a galera que é religiosa, e Quixeramobim é uma cidade muito religiosa, se divertir é pecado. As coisas da carne são pecado. Então você tem é que trabalhar bem muito e ser fodido. Se você é um adolescente, um jovem e está querendo se divertir e, principalmente, usar droga, você tá fazendo alguma coisa errada. Então acho que era muito essa visão que as pessoas tinham sempre que a juventude tentava se reunir em qualquer canto, que não fosse privado porque se fosse dentro de um restaurante, de um bar, algo do tipo, aí era tranquilo; agora quando estavam se reunindo nas pracinhas ou então estavam se reunindo na quadra, na Ponte, no Memorial e estão usando droga ou ouvindo música, aí essas pessoas são vagabundas; elas são drogadas. Porque não existe, para essa galera, a diferença de droga, né? Menos cigarro e bebida porque é legalizado, mas se você está usando qualquer tipo de droga você é, automaticamente, drogado e foda-se. Não tem diferença, para essa galera, se você tá usando maconha ou crack. Então, para elas, é tão perigoso quanto. Não é como se eles vissem e falassem: “ah, os maconheirozinhos estão ali e estão fumando maconha e achando graça”. Não, não é assim, é algo mais assim: “ah, tão usando droga e estão se drogando, tão usando crack”. É essa a cabeça da galera. Porque a desinformação reina, a desinformação é a matéria prima da ignorância e do preconceito. Então, tipo, tinha essa questão da religiosidade. Também tem a questão de muita desinformação em relação ao uso de drogas. E também tinha a questão de que a gente sempre estava em embate com o poder público, sempre a gente estava brigando com a secretaria para conseguir alguma coisa ou levando um baculejo. Então a visão que as pessoas tinham da gente era isso; de pessoas problemáticas, vagabundos porque estão ali se divertindo, drogados porque estão ali fumando maconha e muitas vezes menores

de idade fumando cigarro que, para essa galera não importa, é a mesma coisa que usar crack ou fumar cocaína, sei lá. E são também problemáticos porque são pessoas desviantes, ou seja, LGBTs, são criminosos porque estão usando droga e estão sempre em relação negativa com a polícia, sempre estão ali criticando o poder público e então, muitas vezes, a galera que é cabresto do governo, do prefeito, vão estar achando ruim se você está falando mal da administração dele. Então acho que isso tudo era o que causava os embates com a população.

30- E como sua família via a sua participação no Ocupe a Ponte?

R: Reconheço que eu sou muito privilegiado porque meus pais, não sempre foram, mas nessa época já eram bastante liberais, então eles já estavam no processo de saber que eu fumo maconha, já estavam no processo de saber que sou bissexual. Eles sempre foram de luta, todos os dois, meu pai sempre foi político, desde a época da ditadura militar, contra a ditadura militar. Minha mãe também. Então eles sempre foram de luta e sempre entenderam eu estar ali fazendo aquelas coisas e tal. Não só de estar indo lá me divertir, como também de estar lá compondo o movimento social. Por isso, para eles foi bem tranquilo. Agora a principal coisa que pesava era porque na cidade ficava a questão do meu nome ser ligado ao deles. Sempre que falavam de mim, falando mal de mim, me chamando de vagabundo, drogado ou coisas do tipo, também atingia eles. Isso era uma coisa que causava um desgaste com eles, com meus pais. Por mais que eles fossem liberais, fossem tranquilos e entendessem, sempre que acontecia um boato ou algo do tipo que envolvia o meu nome e, conseqüentemente, o nome deles, causava um desgaste entre nós. Com o tempo fomos trabalhando isso, ainda mais quando o movimento acabou e que isso não aconteceu mais. Na época isso causava um certo desgaste, mas era a única coisa.

31- Já houve alguma situação de violência?

R: Com certeza, inúmeras violências. Porque a gente também não pode romantizar e achar que todo mundo que estava ali no movimento são pessoas iluminadas 100%, que alcançaram o nirvana, desconstruídas e que não vão cometer nenhuma ação problemática. As violências aconteciam de várias formas, o poder público, principalmente, exercia violência sobre a gente por meio da polícia. Aconteceram vários baculejos e os baculejos não são educados, aconteceram muitas situações problemáticas, por exemplo, uma conhecida nossa foi, durante um baculejo, obrigada a tirar a blusa porque só quem pode revistar mulher é uma policial mulher e elas sabiam disso. Aí elas falaram isso e os policiais fizeram abuso de poder e já que não podiam tocar nelas, mandaram elas tirarem a roupa para eles, isso rolou lá. O baculejo nunca é educado, principalmente com essa galera que “pode” levar porrada, que é população “vagabunda”, “drogada” e “desajustada”. Então eles podem levar porrada. Por isso, houve várias abordagens violentas, várias. Mas além disso aconteceram situações problemáticas entre pessoas que estavam no movimento. Acontece. Tipo aquele negócio da biblioteca, que os policiais invadiram a biblioteca e pegaram a chave para bater em uns caras que estavam lá no Memorial. Aí depois os caras foram lá ameaçar as funcionárias da biblioteca porque eles achavam que elas estavam envolvidas. Acontece, era muita gente, pessoas muito diferentes, pessoas que estavam lá por motivos diferentes, então aconteceram situações de violência que não se restringiram à polícia. Mas a principal fonte de violência era a polícia.

32- Eu esqueci de perguntar uma coisa, qual sua opinião sobre a presença de menores de idade no movimento?

R: Complicado, mas eu não posso dizer nada porque na época que eu era menor de idade eu já fazia esse tipo de coisa. Também entendo essas pessoas menores de idade que estavam ali, sabe? Eu entendo. Inclusive eu me via nessas pessoas na idade deles, eu iria querer estar ali também, sabe? Não tenho muito a dizer sobre isso. Não tenho nada a dizer sobre se eu acho

certo ou se eu acho errado. Não sei dizer em relação a isso. Mas eu sei dizer que eu entendo que aquelas pessoas menores de idade estavam querendo fazer ali porque eu acho que se fosse eles, eu também iria querer estar ali, sabe?

33- Por que vocês criaram a página de divulgação na internet? Qual foi a intenção?

R: Na época o Facebook era muito usado, mais do que hoje em dia e era uma forma da gente divulgar o que tava acontecendo e chamar as pessoas para estarem lá porque todo mundo era jovem, todo mundo usava o Facebook. Então todo mundo da cidade, pelo menos, ficaria sabendo que aquilo estava acontecendo. Além disso, a gente poderia estender as discussões que aconteciam lá para quando a gente ia para casa, para tipo não ficar só lá. As discussões encerravam lá, mas quando a gente ia para casa, as discussões às vezes continuavam no grupo.

34- Eu vi que vocês tinham um grupo privado no Facebook onde vocês debatiam as ações do movimento. Vocês debatiam mais presencialmente ou por meio desse grupo?

R: Era bem pareado. Porque muitas vezes que a gente se encontrava não era sempre que estava rolando discussão. Muitas vezes era só festa mesmo. Mas no *Facebook* tava acontecendo. Nunca parava de ter discussão. Eu lembro. Sempre tava rolando alguma conversa. Por mais que não fosse a todo o momento, mas sempre tava rolando uma conversa. A todo momento alguém podia entrar e discutir, coisa que não acontecia tanto presencialmente, mas também quando acontecia presencialmente era mais tempo do que a gente passava virtualmente no mesmo assunto, sabe? A gente sentava para discutir um assunto presencialmente e ficava horas discutindo aquilo, coisa que não acontecia no Facebook, horas ininterruptamente. O *post* ficava lá aberto e por dias alguém, às vezes, ia lá e comentava alguma coisa, tá ligado? Por isso eu acho que era bem pareado, mas de formas diferentes.

35- Além do Facebook houve alguma outra rede social que foi utilizada?

R: Acho que o *Whatsapp*.

36- E por que escolher especificamente o Facebook?

R: Porque a usabilidade de grupos do *Facebook* é muito interessante, até hoje em dia, por mais que o Facebook não seja mais tão mais usado, ele geralmente é usado por causa dos grupos. Essa questão do grupo é uma coisa que mobiliza muito. É uma coisa que faz com que várias discussões sejam abertas ao mesmo tempo, que seja bem democrática a forma de botar sua opinião. E gera bastante discussão, é fácil de entrar, você facilmente vai lá, bota o link do grupo e outras pessoas entram e discutem com quem você quiser a qualquer momento. Essa usabilidade foi o que fez a gente usar o Facebook para isso e foi o que foi decisivo para o movimento acontecer. Porque se não fosse tão fluido quanto foi, essa questão do grupo, não teria acontecido.

37- Você acha que o uso das redes sociais beneficiou o Ocupe a Ponte?

R: Eu acho que ele beneficiou porque era uma forma da gente manter comunicação sem necessariamente estar junto fisicamente. Acho que isso era muito importante porque a gente não precisava esperar para estar todo mundo junto para organizar uma coisa. Ou não precisava esperar que chegasse àquela hora de ir para o Memorial para planejar uma coisa, a gente podia planejar antes, já chegar lá com as coisas para fazer. Então isso foi o que facilitou bastante. Também houve a questão da propaganda, da gente fazer propaganda do movimento. Que a rede social é uma coisa bastante usada e era interessante a gente fazer a nossa divulgação por lá, que chegava em mais pessoas. E também gerar discussão, sempre rolava discussões com o

Endireita Quixeramobim, por exemplo. E sem o *Facebook* isso não teria acontecido. Era muito doido e até engraçado, pessoas do Ocupe iam comentar nas coisas do Endireita e pessoas do Endireita iam comentar nas coisas do Ocupe.

38- Como ocorreu a gestão da rede social? Por exemplo: como era feita a produção do conteúdo, quem decidia o que ia entrar e o que não ia entrar?

R: Não tenho recordação disso.

39- A divulgação do movimento era muito dependente da internet?

R: Era. O máximo de outra coisa que a gente chegava a fazer era colar cartazes na cidade, chamando para alguma coisa. Em questão de divulgação, dizer para a população, para outras pessoas fora do movimento, que ia acontecer alguma coisa, fora das redes sociais era só a colagem dos cartazes. A gente não tinha um carro de som para sair dizendo alguma coisa, não tinha nenhuma pessoa famosa para dizer em um show o que estava acontecendo, não tinha isso. Se não fossem os cartazes, era só a rede social. Por isso eu acho que a gente era bastante dependente da rede social na divulgação.

40- Qual sua opinião sobre o uso das redes sociais como ambientes e debate e discussão política?

R: Eu acho que é muito importante. Não consigo pensar em algum movimento recente que não tenha utilizado a internet, não consigo pensar. Desde as Jornadas de Junho até movimentos menores em cidades pequenas como a nossa. A galera anarquista naquela época de 2013 se reunia muito pelas redes sociais, a galera das revoluções árabes foi muito pela rede social. Geralmente é isso, é totalmente diferente de você encontrar uma galera em uma praça e se reunir todo mundo com o mesmo objetivo, pensar em algo para fazer e ir lá fazer. Isso é totalmente irreal hoje em dia, as pessoas se reúnem em uma rede social. Elas vão lá, se reúnem por interesses específicos, criam um grupo ou uma página e se reúnem por lá, aí depois que já tem uma galera todo mundo pensa no que fazer presencialmente. Acho que todos os movimentos recentes foram desse jeito. Todos. Tipo, tava pensando aqui também, depois que eu fui para Fortaleza, depois do Ocupe a Ponte e tal, que eu comecei a entrar no movimento estudantil, eu comecei a ver que lá também, as próprias coisas do movimento estudantil, do movimento social com os partidos, isso tudo também é feito por meio da internet, sabe? Tipo, eles se reúnem pela internet, planejam os atos, planejam as coisas, marcam reunião, fazem tudo pelas redes sociais. Os grupos virtuais dos movimentos sociais são muito movimentados. Tipo, os grupos do RUA ou do PSOL, que na época eu fazia parte, eram alimentados a todo momento. A todo momento alguém estava postando alguma coisa, seja de reunião que vai fazer, seja de alguma coisa para fazer que se decidiu na reunião, dando apontamentos, seja discussões políticas, enfim, tudo era feito nas redes sociais; muito mais do que presencialmente.

APÊNDICE C – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE (ENTREVISTADO TRÊS)

ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE COM INTEGRANTE DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE

1- Como é o seu nome?

R: Meu nome é Douglas Ferreira. Tenho 21 anos, sou natural da cidade de Quixeramobim, hoje sou desempregado, sou formado tecnicamente em cinema e audiovisual, faço parte de um coletivo aqui na cidade, chamado Coletivo Casa Algueiro e a partir daí a gente desenvolve projetos de difusão do cinema no Sertão Central e no semiárido. É isso, acho que são meus dados básicos.

2- No começo, o que levou você e o pessoal a começar a frequentar a Ponte?

R: Bom, assim, vamos começar sobre o movimento, de ocupação da cidade, de ocupar lugares, de rodas e a galera sempre gostou de se reunir, as pessoas sempre gostaram de se reunir e trocar vivências, trocar histórias. E o ambiente em si era mais uma questão de amizade mesmo, de roda, a gente sempre debatia coisas políticas em torno disso, em torno das nossas vivências porque algumas coisas sempre foram frequentes, como a repressão de alguns ambientes, a marginalização de alguns ambientes e pessoas nesses espaços geram olhares, geram **opiniões**, geram baculejos também porque a polícia sempre ia lá, bem antes do Ocupe a Ponte. Era mais por isso mesmo que era frequentado, tinha o bar, a Alessandra na época; aquele lugar era um lugar de grande resistência porque era um lugar em que as pessoas poderiam ser, independente de suas questões, né? Muito acolhimento, muita galera LGBT, muita galera que tinha outras visões políticas e era isso, as festas também. Era uma opção de

lazer. Era um lugar que acolhia porque aqui a cidade é muito padronizada. É uma cidade que busca o padrão, é muito coronelista também e lá era um lugar diferente onde as pessoas que são diferentes se reuniam. Era um rolê gratuito e que todo mundo se juntava e colaborava com todo mundo. Era uma coisa mais democrática.

3- Como era o perfil das pessoas que iam para a Ponte? Eram pessoas ricas, pobres? Como era o perfil?

R: Era um mistão. Eu conhecia pessoas que viviam muito bem e pessoas que não viviam muito bem, financeiramente, em questões de oportunidades e tal. Mas eram pessoas que se atravessavam em posicionamentos, em algumas histórias, em algumas vivências, mas não tinha um só perfil, era um lugar marginalizado, era. Hoje não é, mas já foi muito marginalizado.

4- Como assim hoje não é mais?

R: Hoje não é mais. Não é mais. Aquela região não é mais marginalizada.

5- Mas por que?

R: Assim, tudo começou no Ocupe a Ponte, quando o Ocupe a Ponte começou, na minha visão, se gerou um movimento sobre aquele lugar, né? E enquanto movimento nós nos posicionamos muito bem. Inclusive famílias iam lá para prestigiar algumas movimentações, as rodas de capoeira também, a limpeza da ponte que era uma coisa super essencial, né? Bazar e vários outros tipos de festas, espaços e rodas, coisa que começou a agregar valor e começou a agregar pessoas diferentes. E isso daí só foi se expandindo com o tempo porque lá era um lugar que, nossa, se você fosse você era mal visto. Eu me sentia vigiado ali, né? E era uma coisa real, era uma coisa real, tipo: você ir para a Ponte era sinal de marginalidade mesmo. E a gente sabe como as pessoas levam uma pessoa marginal. Com o tempo, com as ocupações também, com a ida de pessoas lá, outras pessoas começaram a ir e hoje você vai na Ponte e tipo, não é sempre, não é frequentemente, mas no final de semana tem várias galeras e até mesmo a galera padronizada. Tipo, isso é bom, de certa forma é bom porque chamou gente para lá, eu acho que a gente ressignificou o espaço na cidade. A gente levou movimento para um espaço da cidade, hoje tem iluminação, tem uma iluminação boa, legal. Não na Ponte, na Ponte tá meio quebrado, chorado, Ave Maria, tem muitas problemáticas na Ponte em si, mas na região, aquela região ali do Memorial, Praça do Brasil, hoje tem luz. Antigamente era tudo escuro.

6- Na época, como era a preservação da Ponte?

R: Era bastante abandonada, inclusive foi um projeto de meio milhão para lá para a Ponte, para ter uma reforma básica da Ponte e isso não aconteceu, não aconteceu essa reforma, não colocaram nenhuma grade legal para que não passasse moto, não trocaram tábuas, quer dizer, até trocaram algumas tábuas sim, eu tenho uma lembrança. Porém, qual a condição disso? Qual a qualidade disso? Colocaram uma pintura, não sei nem com que tinta isso aconteceu. Eu acho que o que fizeram não equivale a meio milhão, sinceramente, porque é muito dinheiro. É a preservação antes não acontecia, hoje também não acontece. O sentido de preservação de pelo menos encontrar lixo é uma questão de movimento social mesmo, de pessoas que vão lá e limpam. Porque se você olhar, tem muito lixo lá embaixo, né? E até problematizo também a presença das pessoas porque é muito comum alguém estar lá e simplesmente jogar sendo que tem um cesto de lixo na praça. Certo que poderia ter um cesto também na Ponte e nunca houve, mas não acontece uma real preservação do patrimônio. Não acontece em termos de limpeza, não acontece em termos de reformas, para onde foi esse dinheiro? Porque se você for lá está da mesma forma que cinco anos atrás, né? Não tem

iluminação, o carro da polícia passa por cima, moto também, hoje em dia ainda, sempre. Não tem pessoas que fiscalizem e monitorem o local no sentido de preservação, nem um mínimo monitoramento do patrimônio, entendeu? E nem é levando para a forma ostensiva da polícia, tipo essas coisas, guarda público não. É só alguém para monitorar e fiscalizar aquele patrimônio e manter ele em pé. Isso não existe.

7- Quando vocês começaram a ir para a Ponte, já existia alguma intenção de criar um movimento político?

R: Não, eu acho que não. Assim, né? A galera sempre foi instigada no termo da política, a roda sempre foi muito política, de debater a política, de pensar política, principalmente em termos de gênero e tudo mais, raça também. Sempre foi uma galera que debateu, mas eu acho que depois quando surgiu o Ocupe a Ponte foi que a gente foi se articular mais, para fazer coisas a partir disso.

8- E qual foi a intenção de criar um movimento político?

R: Tudo começou com uma amiga minha, eu estava no meio também e o meu primo. A gente escreveu uma pequena frase na Ponte, isso com esmalte. Aquelas, né? Falando em preservação, mas... Eis uma hipócrita. Mas no tempo, né? Diversão, já tava lá mesmo. Então vamos lá, né? E quem são essas más pessoas? Pessoas que são, em sua maioria, pobres, em sua maioria do outro lado da Ponte, em sua maioria pessoas que estavam ali, em sua maioria pessoas. Porque todo mundo tem direito de ir e vir e estar em qualquer espaço. É o direito à cidade. Aí ele simplesmente queria tomar isso, o direito à cidade das pessoas que ocupavam lá e isso gerou uma repercussão muito grande em torno das pessoas que ocupavam frequentemente esse espaço. Que não era uma, duas pessoas não. Eram 20 pessoas, 25 pessoas e quando a gente viu o texto, as fotos, a gente começou a rebater. Isso gerou grande repercussão na cidade, se eu não me engano, eu acho que no tempo saiu até em matérias, que pessoas estavam vandalizando o local. E isso daí foi muito sério porque ele usa a imagem, ele usou termos muito opressores, termos de higienizar espaços. Essa galera que ocupava, no tempo, começou a se organizar, começou a se articular para ocupar. Tipo para mostrar que não estavam simplesmente ali, que ele não poderia chegar querendo limpar o espaço, higienizar o espaço, segregar o espaço, sendo que existiam pessoas que estavam ali todos os dias, que têm o total direito de estar ali e que eram jovens, eram pensantes, são jovens e são pensantes, na verdade. E que queriam fazer alguma coisa, que não estavam só ali e a gente começou a se articular, começou a fazer roda de capoeira, começou a fazer bazar, começou a chamar coletivos de fora para estar com a gente porque o RUA também esteve presente na ocupação e isso se estendeu para o Memorial Antônio Conselheiro.

9- Como e por que a Ocupação se ampliou e passou da Ponte para o Memorial Antônio Conselheiro?

R: Porque a Ponte é uma ponte e a gente queria fazer coisas além. O movimento se tornou tão grande que a gente queria fazer coisas além e não era uma coisa só na Ponte, era uma coisa que envolvia aquele território, que é Ponte, Praça do Brasil e Memorial. E daí alguns grupos se vincularam ao movimento. Tinha o Jefferson que montou um grupo de dança do tempo da tribo, que era um grupo formado por pessoas que estavam no movimento do Ocupe a Ponte. Se formou também grupos de teatro que também aconteceram a partir do Ocupe a Ponte, de pessoas que estavam lá. E chegou um tempo em que várias horas do dia aquele Memorial tava com salas ocupadas com ações ligadas ao Ocupe a Ponte. Sem falar também nos auto-organizados LGBT, que foram dois, sem falar também nas rodas de debate que eram pessoas, em sua maioria, usuárias de drogas. Só que também essas pessoas se preocupavam com a forma de usar, de fazer isso e a gente teve uma parceria com o RUA que trouxe para cá o tema

do antiproibicionismo e com o antiproibicionismo trouxe as questões da redução de danos, trouxe as questões de políticas de drogas, a questão da desmilitarização da polícia militar, que era uma coisa que a gente discutia muito porque a gente sofria muitos baculejos e com isso também foram criadas rodas de gênero, foram criadas rodas sobre raça e tudo isso foi agregando, colaborando, desconstruindo e montando um movimento, chamando pessoas para estar por ali.

10- E com todas essas ações quais eram os objetivos do Ocupe a Ponte? O que vocês esperavam alcançar?

R: Assim, da minha parte eu não esperava alcançar nada. Eu só esperava alcançar a ocupação daquele espaço, mostrar que aquele espaço é meu por direito e de qualquer outro cidadão quixeramobinense, que ninguém podia me tirar dali, que eu poderia ir e vir daquele espaço da maneira que eu quisesse. Porque tinha toda essa questão, já que o nosso movimento fugia muito dos padrões sociais de pessoas. O gênero foi muito pautado porque também não era uma galera cis, hoje eu sou um pouco cisgênero, em questão de me vestir, mas não de se expressar porque a expressão cisgênero é triste. Mas a forma de se apresentar ao mundo, naquele tempo existia uma quebra disso daí, era uma coisa muito marcada e muito presente em tudo e em todos.

11- Nessa perspectiva, o que você acha que o Ocupe a Ponte mudou na vida das pessoas do próprio movimento?

R: Ah, muita coisa. Muita coisa. Assim, do meu ponto de vista, pelo menos. Eu tive contato com muita coisa, com muitas ideias, com muitas experiências que me construíram de certa forma, que construíram meus amigos também, eu só tinha 15 anos e isso marca muito a minha adolescência. 15 não, eu tinha 16 porque foi em 2016. Eu tinha 16 anos e isso marca muito a minha adolescência, isso marca o meu modo de enxergar o mundo, o meu modo de ver a vida. Eu tinha acabado de sair de uma igreja evangélica, eu tinha acabado de sair de um contexto religioso muito pesado e muito opressor, que é muito machista e eu tive contato com pessoas e com ideias que tiraram um pouco daquela fenda, tiraram um pouco daquele véu de ilusão, mostrando que existiam outras realidades, mostrando que existiam outras opiniões, tirando os paradigmas demonizadores, foi o tempo também que eu comecei a me aceitar como pessoa homossexual, enquanto uma pessoa que talvez não vá se casar com uma mulher, não sei... que gosta de homens, que se sente atraído por homens. Isso foi um processo de aceitação imenso na minha vida. Porque quando você é de um ambiente religioso e opressor, isso te marca porque o gênero é completamente controlado pela igreja, você não pode se expressar muito em sua sexualidade, quando você está nesses ambientes, infelizmente. Principalmente nos ambientes cristãos marcados pela Europa mesmo, por todo esse pensamento branco, dominador e quando eu tive contato com o Ocupe a Ponte, meu Deus do céu, outra coisa, outra vida, outro modo de pensar e ver o mundo, outro modo de me ver. Tipo, nesse espaço eu podia ser quem eu sou e isso foi muito massa, sabe? Foi um experimento para mim, eu podia ser quem eu queria da forma como eu queria e só era.

12- E você sabe de algo semelhante ao Ocupe a Ponte que já havia acontecido em Quixeramobim?

R: Não, aqui em Quixeramobim não.

13- Além disso, naquela época o Brasil estava entrando no auge do “Fora Temer”. Você acha que esse cenário nacional teve alguma influência?

R: Bicho, eu acho que sim. Na verdade, teve com certeza. Existiam pessoas que tinham muito contato com outros lugares, tinham pessoas que tinham muito contato com Fortaleza, tinham

peças que tinham muito contato com Quixadá, outras já tinham contato com Iguatu e essas pessoas traziam outras visões, traziam outras experiências e também pautavam essas coisas que aconteciam. Eu acho que foram gatilhos que foram acionados e a gente também, aqui em Quixeramobim, sempre gostou de se movimentar em torno das questões nacionais, tanto que em 2013 já tinha tido um movimento semelhante, não iguais, mas semelhantes.

14- Você lembra que em 2013 houve um movimento político dos jovens em Quixeramobim, um movimento que foi inspirado nos protestos nacionais de 2013. Você acha que houve alguma relação entre esse movimento de 2013 e o Ocupe a Ponte?

R: Não teve influência no Ocupe a Ponte, foi uma coisa semelhante, mas uma galera que estava em 2013 estava também no Ocupe a Ponte. Então eu acho que isso aí, na verdade, influencia sim. Já era uma galera que já tinha a instiga de fazer alguma coisa, que já estava ali na ação política, ativista. Tem influência sim. E o desejo da transformação porque Quixeramobim sempre foi uma cidade um pouco parada, em termos de política, aqui acontece muito uma politicagem, mas não acontece política na sua difusão mesmo não. Existiu e existe uma galera que se preocupa com alguns temas e busca difundir e representar nos espaços e nos lugares.

15- Representar o que?

R: Representar o que? Representar o que é diferente, o que não está posto ali para a gente engolir. Na verdade, eu acho que não é nem representar, é apresentar mesmo; apresentar uma visão diferente da que é massivamente botada de goela abaixo.

16- Você acha que o Ocupe a Ponte, com todo esse significado e essas ações, teve algum papel importante para a vida da cidade?

R: Em relação à cidade foi a questão da ocupação dos espaços públicos mesmo. Já citei a iluminação pública. No período não tinha tanta iluminação, aquele espaço era um espaço totalmente estigmatizado e marginalizado, não era todo mundo que ia lá e após o Ocupe a Ponte, aquele espaço começou a ser visto pela cidade. Hoje em dia todo tipo de galera anda por lá, todo tipo de adolescente, hoje as mães e os pais não se preocupam com seus filhos andando naquele lugar, né? Indo ao Memorial, indo à pracinha do Brasil, indo à Ponte, isso daí eu digo que é graças ao movimento também.

17- E além dessas conquistas que você falou, você acha que houve alguma outra?

R: Ideológicas.

18- Ideológicas? Como assim?

R: Ideologia, pensamento. Eu acho que foi uma grande explosão de muitas coisas, de outros padrões, outras formas de se vestir, de se aflorar, outras formas de ser e ao falar sobre o Ocupe a Ponte a gente tá falando sobre o centro da cidade. Tipo, uma galera totalmente diferente no centro da cidade, fazendo beijaço e homem de saia... mulheres livres, corpo livre, né? Para a pessoa de fora que vê isso, é uma quebra e na cidade não se via muito isso não.

19- Quais foram as principais táticas que vocês usavam para construir o movimento?

R: A tática era a comunicação. Porque a gente se comunicava, né? A gente ia até a Prefeitura, a gente tentava se comunicar com essa galera que infelizmente tem, até hoje, o poder de nos dar um espaço. Por exemplo, em torno do Memorial a gente chegou a ficar com a chave do Memorial e isso daí é conversa, é diálogo, isso daí é mostrar um projeto de atuação e durante seis meses, porque o Ocupe a Ponte durou um tempão, foi o segundo semestre de 2016, foi

tudo isso, em termos de movimento e atuação firme. Em todas as salas do Memorial tinham coisas rolando nos três momentos do dia, manhã, tarde e noite. Isso é legal, essa foi a tática, se comunicar, mostrar nossas ideias para que o lugar fosse aberto para a gente também e em termos também de espaços fora, a gente tinha uma grande comunicação com alguns movimentos, a capoeira, por exemplo, é um movimento aqui em Quixeramobim e a gente chamava essa galera para estar com a gente. Alguns professores da cidade também nos apoiavam e levavam isso para os alunos deles e isso também é se articular de alguma forma, isso é chamar pessoas para estar com a gente. Eu acho que era isso mesmo. É o que fez acontecer. Era como a gente comunicava, como a gente falava, né? Como a gente chegava com nossas ideias, como a gente apresentava isso. Porque assim, como eu posso dizer? Existe um pressuposto da comunicação que, em termos de movimentos sociais, a comunicação é bem agressiva e tipo, as grandes revoluções e as pequenas também aconteciam através de guerra e de conflito. A gente, do Ocupe a Ponte, tinha esse lugar de conflito, mas a gente também tinha nosso lugar de diálogo, de procurar conversar com os poderes da cidade.

20- Existia algum tipo de hierarquia ou centralização de responsabilidades dentro do movimento?

R: Não. Existiam pessoas que sempre estavam ali, que você sabia que a pessoa ia estar ali independente de qualquer coisa que acontecesse, mas as coisas não eram centradas, a gente se dividia em grupos. Por exemplo: “vamos articular aqui uma ação auto-organizada”; aí se juntavam aquelas pessoas para estarem ali organizando aquele momento, entendeu? “Aí vamos chamar o RUA para vir aqui dar umas palestras legais e tudo mais”; aí se organizava uma galera para estabelecer essa comunicação, ver a questão da passagem. Aí também tinha o bazar, aí tinha a galera que se articulava para arranjar roupa, para arranjar doação, para arranjar livro também, para fazer o bazar. Enfim, essa questão de liderança era muito da pessoa, da pessoa se colocar e falar “olha eu vou me colocar para fazer isso e isso”, aí a pessoa ia lá e fazia. Não era em um padrão hierarquizado.

21- Durante o Ocupe a Ponte existiu consumo de drogas lícitas e ilícitas por parte de menores. Como você enxerga essa questão?

R: Era uma problemática. Hoje eu vejo essa problemática. É delicado. Quando a gente toca no ponto de drogas, isso pode influenciar a pessoa, isso pode levar a pessoa para outras direções. Eu já fui adolescente e na adolescência eu já tive experiência com drogas e isso pode deixar a gente um pouco dispersa e isso pode se tornar muito presente na sua vida, na verdade. Aquilo se torna refúgio. Hoje eu teria cuidado com os adolescentes e com o uso de drogas, hoje eu compreendo isso. Mas isso foi bom para a minha vida. Foi um aprendizado de eu ter experiência com outras coisas, sabe? Porque eu vivenciei isso e é isso mesmo. Mas é muito problemático porque é um adolescente, ele tem que cuidar em outras coisas da vida dele. Tipo, ele tem que estar focado em outras coisas. Na sociedade onde a gente vive o adolescente precisa estar na escolinha dele e, às vezes, eu e alguns amigos meus, da minha idade, a gente gastava muito tempo com o movimento da rua. Só que a gente tinha 15, 16 anos, e tal hora isso pode não ser tão bom, a gente pode não encontrar limites e isso aconteceu. É isso.

22- Hoje em dia você tem alguma crítica em relação ao Ocupe a Ponte?

R: Eu acho que só mesmo, como eu posso dizer? Mais cuidado. Por exemplo, a questão da menoridade, ter mais cuidado com isso, ter mais cuidado com a menoridade e a exposição da menoridade nesses movimentos. Certo que é uma coisa muito de opção também. Eu escolhi aquilo ali, eu escolhi a todos os momentos, entendeu? Mas é bom a gente conscientizar mais, procurar ver como é a vida mais próxima desses adolescentes. Porque a menoridade é um lugar de vulnerabilidade também, é um lugar de construção e a gente tem que ter cuidado com

o que aquela pessoa está construindo, como aquela pessoa está se construindo, né? Como está sendo a vivência dela para além daquele momento. É isso.

23- Como o movimento se encerrou?

R: Foi um movimento de atravessamento. Eu acho que em tal momento cada pessoa começou a se encontrar em outros lugares e em outras coisas da sua vida e o que era o movimento era a reunião das pessoas. E depois de um tempo não houve mais essa reunião porque cada um foi para um lugar, outros foram para outros, uma pessoa foi embora e todo o movimento começou a se desprender. Porque eu, pelo menos, via que, enquanto movimento Ocupe a Ponte, a galera era bem unida. Não era só amizade, não era só o Ocupe a Ponte, era a junção de tudo ali e tal hora cada um começou a ir para o seu lugar. As pessoas começaram a ressignificar as suas próprias vidas. A vida muda e era um movimento de rua, a gente tava em construção também. Enquanto cada um estava no seu processo pessoal de vida e aquilo dali fazia com que a gente se reunisse, só que aí a vida é inconstante e eu acho que cada um foi para outros lugares.

24- E hoje em dia você ainda vai muito para ponte?

R: Vou. Vou sim. Não todo dia, porque teve um período da minha vida que todo dia eu estava ali, mas hoje em dia eu vou lá sim; às vezes no final de semana, passo duas semanas sem ir. Às vezes é um lugar de afeto, tipo: “vou passar por ali porque quero sentir e ver a Ponte”. É um lugar de lembrança também. E também é um lugar em que eu marco de encontrar meus amigos no final da tarde dos domingos ou dos sábados: “ah, vamos ali para a pracinha da Ponte”. Ainda é um lugar de encontro. O movimento não existe mais, né? Mas tem todo mundo, tem várias outras pessoas e é sempre legal ir lá.

25- Por que você acha que certa parte da população via a Ponte com maus olhos?

R: Porque, cara, era um lugar de quebra. Era um lugar em que a galera se reunia. A Ponte em si. Era um lugar de jovem e jovem quer fazer o que der na telha, a juventude também é isso. Aí as pessoas pensavam que era só droga, tipo, começaram a ver o que era aquela ocupação, de verdade, a partir do Ocupe a Ponte. Começaram a ver quem era aquela galera a partir dos movimentos. A partir do *Memor in all*, que foi um espetáculo que aconteceu. A partir de movimentos como o *Hallowbad* também que foi uma festa que aconteceu. Teve sarau no bar do Brasil e todos esses momentos juntavam as pessoas e talvez essas pessoas levassem um pouco daquilo para as suas casas, um pouco daquela visão. Minha família chegou a ir à Ponte.

26- E como sua família via a sua participação no Ocupe a Ponte?

R: Bicho, eu era tido como rebelde, mas eles viram que minha rebeldia tinha uma causa. Eles viam que eu estava empenhado ali em alguma coisa. Eu falava sobre as reuniões, eu falava sobre as rodas de conversas que a gente fazia. Eu conversava muito com minha mãe sobre essas coisas, como a gente participava da cidade para quebrar paradigmas. Ainda bem que minha mãe sempre me escutou, tanto que ela foi com minha tia e minha prima para uma roda de capoeira que teve lá e foi muito bom. Tanto que hoje a minha mãe é muito amiga de pessoas que também participaram do Ocupe a Ponte e isso é muito legal.

27- E já houve alguma situação de violência durante o Ocupe a Ponte?

R: Demais, ave. A denúncia é uma violência e eles denunciavam a gente só por denunciar. Lá no Memorial houve o famoso baculejo em mais de 50 pessoas. Tinha uma galera lá, tinha gente jogando futebol, tinha gente ensaiando dança, tinha gente só conversando já que o Memorial também é uma praça, tinha gente se exercitando; quer dizer, só tinha gente vivendo

a sua vida. Aí, do nada, chega uns quatro carros da polícia, com dois camburões, abordando as pessoas com o intuito de prender mesmo, entendeu? Procurando drogas. Isso aconteceu. Isso é uma forma de violência para com a população, isso é uma forma de violência para com os ocupantes. Na verdade, mais para a população do que para os ocupantes porque enquanto ocupantes nós éramos um pequeno grupo, existiam pessoas que estavam lá só jogando futebol porque toda noite iam jogar lá e que nem se envolviam com o movimento, só era a galera do futebol mesmo. Aí chega a polícia, botando todo mundo para a parede, todo mundo que tava lá só vivendo a sua vida. Isso é muito violento.

28- Houve alguma situação de violência física?

R: Bicho, assim, eu não me recordo. Mas eu também não posso dizer que não houve.

29- Como era a relação dos integrantes do movimento com a polícia?

R: Era a questão do *back*, do baculejo, de eles chegaram com armas apontando na nossa cara, querendo ver nossas bolsas, abrindo nossas bolsas para ver o que tinha dentro, pegando nossos celulares para olhar o que tinha no celular. E não tem como a gente ter uma boa relação com uma instituição se ela age desse jeito conosco, né?

30- Por que vocês criaram uma página de divulgação na internet?

R: A intenção era de difundir o que estava acontecendo no movimento. Informar as pessoas. A gente fazia limpeza na Ponte, a gente tinha festivais, o *Memor in all* foi um festival da ocupação que envolveu rap, dança, poesia, sarau. Tínhamos também as ações que aconteciam dentro das salas do Memorial. Tinha a programação de cinema que era o “curta na rua”. Aí a gente precisava informar isso para a população, tínhamos que registrar também para guardar, para ter como lembrança, ter como memória. E é isso.

31- E além da página do Facebook houve outra rede social que foi utilizada?

R: Não, acho que não, não chegou a ir para o Instagram.

32- Por que vocês escolheram o Facebook? Teve algum critério?

R: Não, não me lembro. Mas era porque o *Facebook* era o *Facebook*. Principalmente na época por causa da questão do acesso. As pessoas tinham que ver. Na verdade não era que tinham que ver porque na verdade a gente não tinha que mostrar nada para ninguém, mas se alguém quisesse se filiar? E se alguém quisesse chegar? Depois que a gente criou a rede social, mais pessoas começaram a chegar e se encostar nas rodas de conversa e de tudo. Isso é bom.

33- Você acha que o uso das redes sociais trouxe algum benefício para o movimento?

R: Teve. A informação e expansão. Mais pessoas chegaram no movimento por causa das redes sociais. A internet faz a informação chegar na pessoa. Agrega.

34- Como foi que ocorreu a gestão da rede social? Por exemplo: como era feita a produção do conteúdo, quem decidia o que ia entrar e o que não ia?

R: Assim, existiam pessoas responsáveis pela página e o que ia para lá era o que era decidido nas reuniões. Porque tínhamos essas reuniões e toda ação que a gente fazia a gente se reunia para discutir sobre essa ação e as informações dessa ação iam para a página do *Facebook*.

35- Eu vi que vocês tinham um grupo privado no Facebook onde vocês debatiam as ações do movimento. Vocês debatiam mais presencialmente ou por meio desse grupo?

R: Debatíamos mais presencialmente porque na internet a gente só marcava: “vai ter reunião para tal e tal coisa”. Aí a gente ia debater presencialmente.

36- E a divulgação do movimento era muito dependente da internet?

R: De certa forma sim. Porque lá a gente divulgava, a gente não ia para o sinal com cartazes dizendo que ia ter tal coisa da ocupação, já na internet a gente podia lançar um cartaz, podia lançar uma nota sobre alguma coisa, podíamos lançar nossas opiniões sobre alguma coisa.

37- Qual sua opinião sobre o uso das redes sociais como ambientes de discussões políticas?

R: Eu acho massa, é incrível. Ciberativismo. Ele é muito persistente porque a internet não é democratizada, mas ela chega em muitos espaços e quando você tem uma ideia e essa ideia pode transformar o mundo e desconstruir conceitos baseados nesses padrões que a gente já está acostumado, essa ideia tem que ser divulgar e a internet auxilia muito nessa chegada, nessa comunicação de ter muitas ideias, das pessoas poderem se posicionar, das pessoas poderem mostrar suas causas, as pessoas poderem mostrar suas ações. É massa. Eu dou mó valor. Você tá lá mostrando sua ideia, expondo sua ideia, seu pensamento e construindo política, construindo opinião a partir disso.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

PARA ENTREVISTADO DO MOVIMENTO OCUPA A PONTE

Prezado (a) _____

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Análise Discurso do conteúdo da página de Facebook do Ocupe a Ponte”. A referida investigação objetiva compreender quais as práticas discursivas do movimento social Ocupe a Ponte.

Para atingir o objetivo, a pesquisa incluirá, em sua metodologia, entrevistas individuais em profundidade com integrantes do movimento. As entrevistas serão gravadas por meio de microfones e não será gravada nenhuma imagem do (a) entrevistado (a). Para manter a integridade física e moral dos envolvidos, utilizarei nomes fictícios durante a escrita do trabalho.

Com essas informações, gostaria de solicitar a sua autorização para que possamos realizar a entrevista em profundidade individual com o senhor (a). Caso aceite, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com o (a) senhor (a) e a outra com o pesquisador.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC) encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 3366.8344.

Quixeramobim, ____ de _____ de 2022.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____